



ALEXSÂNDER NAKAÔKA ELIAS

IMAGEM E MEMÓRIA: POR UMA RECONSTRUÇÃO DO BUDISMO PRIMORDIAL

CAMPINAS
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

ALEXSÂNDER NAKAÔKA ELIAS

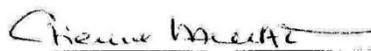
IMAGEM E MEMÓRIA: POR UMA RECONSTRUÇÃO DO BUDISMO PRIMORDIAL

Orientador: Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Multimeios.

Este exemplar corresponde à versão final de Dissertação defendida pelo aluno Alexsânder Nakaôka Elias e orientada pelo Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain.

Orientador



CAMPINAS
2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP**

EL42i	Elias, Alexsânder Nakaôka. Imagem e memória: Por uma reconstrução do Budismo Primordial. – Campinas, SP: [s.n.], 2013. Orientador: Etienne Ghislain Samain. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. 1. Imagem. 2. Fotografia. 3. Budismo. 4. Antropologia Visual. I. Samain, Etienne Ghislain. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título. <p style="text-align: right;">(em/ia)</p>
-------	---

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Image and memory: a reconstruction of Buddhism Primordial

Palavras-chave em inglês (Keywords):

Image

Photography

Buddhism

Visual anthropology

Titulação: Mestre em Multimeios

Banca examinadora:

Etienne Ghislain Samain [Orientador]

Fabiana Bruno

Marcus Cesar Soares Freire

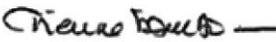
Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Data da Defesa: 12-04-2013

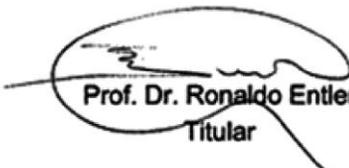
Programa de Pós-Graduação: Multimeios

Instituto de Artes
Comissão de Pós-Graduação

Defesa de Dissertação de Mestrado em Multimeios, apresentada pelo
Mestrando Alexsânder Nakaôka Elias - RA 107294 como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:


Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain
Presidente


Profa. Dra. Fabiana Bruno
Titular


Prof. Dr. Ronaldo Entler
Titular

RESUMO:

O presente trabalho recorre à utilização das imagens fotográficas, para reconstruir, através de uma documentação verbo-visual, a memória da comunidade budista japonesa *Honmon Butsuryu-shu* (HBS), tendo como objeto principal de estudo a Catedral *Nikkyoji*, localizada na cidade de São Paulo. Levamos em conta aqui, o fato de a HBS ser a mais antiga vertente budista no Brasil, chegando ao país no ano de 1908, sob as mãos do sacerdote *Issui Ibaragui*. Temos ao nosso dispor, portanto, mais de um século de história e tradição, a ser desvendada através de imagens.

A tarefa em questão é acompanhar a rotina dos sacerdotes da Catedral *Nikkyoji*, mostrando que suas diversas práticas e atividades, assim como a participação dos fiéis nos diversos cultos (sejam eles matinais, póstumos ou domiciliares), transitam em torno de um ritual central, que consiste na veneração e adoração de uma inscrição (escritura) sagrada, cerne desta tradição budista. Tal inscrição, recitada quase incessantemente, denomina-se *Namumyouhourenguekyou*, e consiste no Sutra (ensinamento transmitido pelo Buda *Shakyamuni* ou Buda Histórico) que representa o alicerce tripartite da HBS, sendo simultaneamente a doutrina, a oração e a imagem sagrada desta corrente.

Para cumprir tal missão, esta pesquisa transita em terrenos distintos, mas que dialogam entre si. O intuito é utilizar a pesquisa de campo (conceito vindo da Antropologia Clássica) para produzir uma documentação fotográfica (espécie de etnografia visual) do principal ritual da mais antiga tradição budista em terras brasileiras. Teologia, Antropologia e Fotografia aqui se misturam, em prol da pesquisa.

ABSTRACT:

This study makes use of images to reconstruct a visual documentation-verb, the memory of the Japanese Buddhist community *Honmon Butsuryu-shu* (HBS), having as main object of study the Cathedral *Nikkyoji*, located in the São Paulo city. We take into account here the fact that HBS is the oldest Buddhist strand in Brazil, coming to the country in 1908, under the hands of the priest *Issui Ibaragui*. We have at our disposal, therefore, more than a century of history and tradition, to be unveiled through images.

The task at hand is to follow the routine of the *Nikkyoji*'s Cathedral priests, showing their various practices and activities, as well as the participation of the faithful in various cults (whether morning, posthumous or household), pass around a central ritual, which is the veneration and worship of an inscription (writing) sacred heart of this Buddhist tradition. This inscription, recited almost incessantly called *Namumyohourengekyou*, and consists of the Sutra (teaching transmitted by the Buddha *Shakyamuni* or Buddha historic) that represents the foundation of tripartite HBS, whilst the doctrine, prayer and sacred image of this current.

To fulfill this mission, this research moves on land separate but interact with each other. The intention is to use the search field (concept coming Anthropology Classical) to produce a photographic documentation (sort of visual ethnography) of the main ritual of the oldest Buddhist tradition in Brazilian lands. Theology, Anthropology and Photography mingle here, for the sake of research.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente, agradeço à energia superior que acredito conceder e reger nossas vidas. Este ser supremo, a quem sempre chamei de Deus, mas que aprendi com esta pesquisa que pode possuir outros nomes (como, por exemplo, Buda Primordial), outras formas, outras nuances e significados.

Depois, é necessário fazer jus àqueles que estiveram ao meu lado (mesmo que este “ao meu lado” não signifique, necessariamente, estar fisicamente presente) e a todos que de alguma maneira me auxiliaram neste árduo e gratificante caminho. Agradeço especialmente:

À minha mãe Rosa e minha irmã Vanessa, pelos momentos difíceis passados juntos, desde sempre. E também pelos bons e felizes momentos, nos quais sempre confiaram e investiram nos meus sonhos. Sem vocês, de fato, não chegaria até aqui.

Ao meu pai Jorge, por me amar à sua maneira.

Aos irmãos que tive o privilégio e a felicidade de escolher (e que também me escolheram) durante minha curta e intensa jornada: Edivaldo (cunhado), André (primo), Agnes (prima) e Hiran (“semi-irmão”), que compõem minha vida, cada um à sua maneira, de forma calorosa e fantástica.

À minha sobrinha e afilhada Nicole, por alegrar ainda mais a minha vida.

Ao meu querido amigo e orientador de mestrado, Etienne Samain, por ser tão generoso em dividir comigo sua grandiosa sabedoria e seu precioso tempo. Por acreditar, também, em meus sonhos. Pela imensa paciência em mostrar os caminhos da pesquisa (e da vida) para um ser inquieto e impaciente como eu.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio e financiamento, ao conceder-me bolsa de Mestrado no período de maio de 2012 até abril de 2013.

A todos os fiéis e sacerdotes da religião budista *Honmon Butsuryu-shu* do Brasil, pelo surpreendente acolhimento, carinho e atenção que dispensaram desde minha primeira visita à Catedral *Nikkyoji*. Em especial agradeço: ao Arcebispo *Kyohaku* Correia, que permitiu minha estadia na Catedral *Nikkyoji* (tantas vezes quantas foram necessárias) e a documentação completa de todos os rituais, práticas e atividades realizadas. Ao sacerdote *Kyogyou* Amaral, que estabeleceu os primeiros contatos, intermediando e possibilitando minha pesquisa nestes dois anos. Aos sacerdotes *Tadokoro* e Campos, também da Catedral *Nikkyoji*, e aos sacerdotes *Kyoryu* Morais e *Hakuei* Cardoso, do templo *Rentokuji* de Campinas, que cordialmente contribuíram com todas as informações solicitadas.

Aos membros do Grupo de Reflexão Imagem e Pensamento (GRIP) e do Grupo de Pesquisa Memória e Fotografia (GPMef), pelas proveitosas reuniões em busca de novos horizontes para pensar as imagens, pensar por imagens.

Aos membros da banca de Qualificação e Defesa, Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, à Profa. Dra. (e amiga) Fabiana Bruno e ao Prof. Dr. Ronaldo Entler, pelas valiosas e pertinentes observações e indicações para o bom desenvolvimento e conclusão da presente pesquisa.

Ao professor Miguel Takao Chikaoka, por oferecer, em outubro de 2012, a incrível e rejuvenescedora oficina de pinhole “Brincando com a Luz”. Em um momento de estagnação intelectual e artística, onde a fotografia começava, pela primeira vez, a perder sua magia, encanto, cor, intensidade e alegria, pude retornar, uma vez mais, à câmera escura, passando por todos os processos, desde a captura (através de máquinas artesanais feitas com caixas de fósforos, papelão e tubos de filmes 35mm) até a revelação com os banhos químicos.

Aos professores Marcius Freire e Fernando Cury de Tacca, por me oferecerem disciplinas (e conhecimento) extremamente valiosas durante o Mestrado.

Aos meus amigos de graduação Vitor Taveira Rocha e Fabrício Batista (“Laércio”), pelas inúmeras, frutíferas e divertidas discussões sobre política, jornalismo e futebol.

À querida e prestativa amiga Gisleine, sempre disposta a ler meus projetos, editar meus artigos e textos e, principalmente, estar ao meu lado nessa árdua e, por vezes, dolorosa jornada do Mestrado.

Por fim, mas de forma alguma menos importante, agradeço à minha amada Andréa (e aos nossos animais de estimação), pelo amor, carinho, amizade, paciência e apoio incondicional, desde o dia em que nos conhecemos. Sem o seu alicerce, a minha estadia em Campinas teria sido curta e os meus objetivos se tornariam praticamente inalcançáveis.

SUMÁRIO:

Resumo.....	07
Agradecimentos.....	11
INTRODUÇÃO.....	17

PARTE 1

PRIMEIROS PASSOS OU DELIMITANDO TERRITÓRIOS

Capítulo 1: O Budismo no Mundo: Crenças, tradições e algumas histórias.....	23
Capítulo 2: O Budismo <i>Honmon Butsuryu-Shu</i> e o Buda Primordial.....	39

PARTE 2

POR UMA RECONSTRUÇÃO VERBO-VISUAL

Capítulo 3: Olhar por dentro: Uma imersão no dia-a-dia da Catedral <i>Nikkyoji</i>	59
Capítulo 4: A estrela (sol) <i>Namumyohourenquekyou</i> e seus planetas orbitários.....	119
Capítulo 5: Por uma reconstrução da HBS: a imagem como arquivo-vivo de memórias.....	193
CONCLUSÃO	321
BIBLIOGRAFIA	323
ANEXO 1: Entrevista com o sacerdote superior <i>Kyohaku Correia</i>	329
ANEXO 2: Entrevista com o 4º sacerdote <i>Kyoyou Amaral</i>	341
ANEXO 3: Entrevista com o 4º sacerdote <i>Gyoen Campos</i>	349

INTRODUÇÃO:

Para consolidar meu projeto de mestrado, faz-se necessário uma breve, porém fundamental retrospectiva. Tudo começa quando, em 2009, um ano após ter me formado em Comunicação Social (com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Espírito Santo), me deparo trabalhando na minha cidade de origem (Coronel Fabriciano-MG), com fotografia social (eventos como casamentos, formaturas, etc).

Ali, aprendi na prática o que havia visto durante quatro anos de universidade e alguns cursos de fotografia extra-curriculares. E com essa experiência, crescia gradativamente o interesse pela arte de escrever com luz. Dessa forma, após um ano longe da academia, comecei a buscar pela Internet algum curso que me levasse a pensar nas imagens, em geral, e na fotográfica, especificamente, em um patamar mais profícuo. Assim, logo me interessei pelo curso de Pós-graduação *stricto sensu*, oferecido pelo Departamento de Multimeios da Unicamp.

Neste mesmo ano (2009), passo a me preparar para o processo seletivo, lendo os livros indicados e elaborando meu primeiro projeto de pesquisa. Este protótipo se intitulava “O uso do fotodocumentário como fonte de denúncia social” e tinha o intuito inicial de mostrar a importância do fotojornalismo na construção do imaginário popular. O projeto foi desenvolvido obedecendo as minhas origens acadêmicas. Na verdade, recém formado em Jornalismo, eu não estava apto, ainda, a enxergar novos horizontes de pesquisa.

Após ser convocado para a entrevista, recebo sem tardar a notícia de que não havia sido contemplado com uma vaga. Embora a minha reação natural fosse de desânimo, não passou pela minha mente, em momento algum, a ideia de desistir. Com o intuito ainda maior de ser aprovado neste processo seletivo, me matriculei em uma disciplina como aluno especial e parti, no dia 1º de março de 2010, rumo à Campinas.

Já em solo campineiro, tive contato com o professor Etienne Samain, que ministrou a disciplina Técnicas e Metodologias de Pesquisa. Percebi, então, a necessidade de rever conceitos e me adaptar, também, ao curso no qual almejava me inserir. Passei a trabalhar

com afinco em uma nova ideia para o meu projeto. Inicialmente, seguindo a linha fotojornalística, pensei em trabalhar com meu fotógrafo favorito, Sebastião Salgado. Mas, graças a bons conselhos, percebi que este autor já tem sido exaustivamente abordado na academia. Então, retornei à estaca zero, em busca de um assunto relevante e que também pudesse me interessar e envolver.

Foi assim que, lendo um livro de Fernando Cury de Tacca, intitulado “Imagens do Sagrado – Entre Paris Match e o Cruzeiro”, tive a inspiração almejada. O livro deste autor nos mostra imagens da religião Candomblé na cidade de Salvador, que foram publicadas pelas revistas “O Cruzeiro” (brasileira) e “Paris Match” (francesa), em 1951. Apesar de o livro fazer referências a veículos jornalísticos (revistas impressas), não foi esse o fator que deu sentido à minha busca. O que aguçou a minha atenção foi a questão da religiosidade (tema que muito me provoca), de exercer uma fé “diferente”, em um país predominantemente cristão.

Dessa forma, tomei como ponto de partida a prática do Candomblé. Mas, como não possuo proximidade com tal religião, não por preconceito, mas por falta de conhecimento e ligação, encontrei (de forma quase automática) um tema que muito me interessava.

Assim, surgiu o desejo de estudar sobre o Budismo, religião nascida na Índia, mas que se disseminou por China e Japão, este último o país de origem dos meus avós maternos.

De fato, eu sempre convivi com altares, orações, dogmas e preces budistas. Porém, nunca me aprofundi no assunto, tampouco fiz qualquer questionamento a respeito do tema. Talvez isso tenha se dado pelo meu crescimento em contínuo contato com a fé cristã, tendo passado por todos os sacramentos que um jovem católico deve percorrer (batismo, primeira comunhão, crisma).

Mas tal interesse, que outrora pensava não existir, apenas jazia adormecido. Quando surgiu o “*insight*”, detonado pela leitura do livro de Fernando de Tacca, percebi que seria a oportunidade de, mais do que realizar um Mestrado (que para mim já significa muito), resgatar um passado familiar e pessoal, antes totalmente ignorado.

Dessa forma, elaborei meu projeto de pesquisa, que tinha como objeto específico de estudo uma corrente budista chinesa. A corrente por mim escolhida, inicialmente, deveu-se mais à forma do que ao conteúdo. Interessei-me pelo templo *Zu Lai*, localizado em Cotia, perto da cidade de São Paulo. O que me chamou a atenção neste santuário foi a beleza da arquitetura e das imagens (dos Buda, de monges, etc) que lá estão.

Após duas visitas iniciais ao templo *Zu Lai*, percebi que seria inviável a realização de uma pesquisa de campo aprofundada. Isto porque as sacerdotisas responsáveis não se mostraram dispostas a realizar tal abertura, que possibilitasse um trabalho consideravelmente relevante.

Por isso, embora meu projeto submetido ao departamento de Multimeios da Unicamp tratasse do Budismo do templo *Zu Lai*, passei a considerar a possibilidade de abordar outra tradição. Na verdade, antes do início do projeto, já havia conversado com uma tia materna, que, juntamente com seu marido, há muitos anos frequentava a Catedral *Nikkyoji* (localizada na cidade de São Paulo e principal templo desta corrente), pertencente à HBS do Brasil.

O fato de eu ter procurado por eles apenas após ouvir uma resposta negativa das sacerdotisas do templo *Zu Lai*, não se deu por preferência em estudar o Budismo chinês. Na verdade, tive receio de utilizar parentes próximos para me aproximar desta comunidade. Receio, em primeiro lugar, da academia, que talvez não visse com bons olhos tal “facilidade”. E receio, também, em sofrer possíveis influências dos meus tios durante a pesquisa (este segundo medo não se concretizou, em nenhum momento).

Desta forma, aceitei e abracei a corrente HBS do Brasil (genericamente) e a Catedral *Nikkyoji* (especificamente) como objeto central de estudo. Para tanto, utilizei os registros fotográficos (realizados durante as pesquisas de campo) como caminho principal para decifrar os meandros desta corrente, que foi a primeira a chegar ao Brasil, no decorrer de 1908.

Porém, anteriormente à realização desta empreitada, que almeja ser antropológica, houve a eminente necessidade de aprofundar meus conhecimentos sobre o Budismo, esta religião milenar e rica em pormenores, os quais pouco conhecia. Desta forma,

imediatamente após ter meu projeto aprovado pelo departamento de Multimeios da Unicamp, iniciei um levantamento bibliográfico a respeito de tão complexo tema.

Através desta pesquisa/revisão bibliográfica, percebi que o Budismo não é homogêneo e sim, ao contrário, uma religião composta por diversas ramificações ou correntes.

Por causa destas divisões, nas quais cada subgrupo guarda características semelhantes e distintas em relação às demais, vi a necessidade de elaborar dois capítulos introdutórios, capazes de ambientar o leitor (e também a mim) no assunto a ser desenvolvido. Na verdade, os dois capítulos que compõem a primeira parte do projeto consistem em uma compilação de textos de outros autores. Por motivos óbvios, não conseguiria discorrer sobre o Budismo sem me alicerçar em tal material bibliográfico.

Portanto, os dois primeiros capítulos não correspondem à investigação antropológica, propriamente dita. Assim, o leitor pode optar em ir direto ao terceiro capítulo, onde começo a relatar e desenvolver o meu trabalho de campo.

Contudo, é salutar ressaltar que, para mim, foi de extrema importância ter me aprofundado na parte teórica da religião em questão, antes de realizar a pesquisa participativa. Isto porque tal processo me proporcionou o embasamento necessário para melhor acompanhar as diversas cerimônias e, mais do que isso, fazer fluir os diálogos e entrevistas com os sacerdotes e fiéis, que perceberam meu interesse e respeito pela sua crença. Sendo assim, aconselho um esforço para me acompanhar nos dois capítulos que se seguem.

No primeiro deles, discorro sobre o nascimento do Budismo na Índia, através do Buda Histórico, *Siddharta Gautama*. Além disso, conto um pouco da história desta religião, que caminha lado a lado com a fantasia e a lenda. Defino, também neste capítulo, alguns dos preceitos fundamentais do Budismo, tais como *kharma*, *dharma* e *nirvana*.

Para tanto, utilizo principalmente os livros *Buda* (1977), de Jorge Luiz Borges; *Budismo: Uma introdução concisa* (2003), de Philip Novak e Huston Smith e *A doutrina de Buda* (1998), da organização Bukkyō Dendō Kyōkai.

Já no segundo capítulo, procuro diferenciar a corrente por mim estudada, a saber *Honmon Butsuryu-shu* (HBS), das demais ramificações budistas. Além disso, discorro a respeito da história desta corrente, assim como sobre seus principais fundadores, preceitos e a chegada ao Brasil, nas mãos do sacerdote *Ibaragui Nissui*.

Nesta segunda compilação, utilizo como fontes principais a revista “Sutra Lótus”, periódico oficial da HBS do Brasil (que atualmente possui mais de 100 edições), além dos livros *O que é Primordial: Budismo 100 anos* (2008), escrito pelo arcebispo *Kyouhaku Correia* (principal autoridade da religião no Brasil) e *O budismo no Brasil* (2002), organizado por Frank Usarski. Além do texto, insiro neste capítulo fotografias históricas da HBS, que não apenas ilustram, mas ajudam a enriquecer o contexto histórico desta religião.

Após esta dupla retrospectiva, que contextualiza o leitor no tema escolhido, o terceiro capítulo narra minha estadia de quatro dias na Catedral *Nikkyoji*. Para tanto, reproduzi (quase na íntegra) o diário de campo elaborado durante tal experiência acompanhado de 65 fotografias, que possuem o intuito de apresentar visualmente ao leitor o ambiente onde me inseri.

No capítulo seguinte, apresento um amplo conjunto de imagens fotográficas, divididas e organizadas em 14 temáticas, que orbitam um núcleo em comum. Esse núcleo consiste na principal oração e mantra da HBS, sintetizado pela expressão/escritura sagrada *Namumyouhourenguekyou*.

Já no quinto e último capítulo apresento 58 pranchas verbo-visuais, tendo como alicerce o modelo metodológico elaborado pelo casal de antropólogos Margaret Mead e Gregory Bateson, no célebre livro *Balinese character: a photographic analysis* (1942). Em tal obra, na qual Bateson e Mead expõem os resultados de uma longa estadia entre os *balineses*, os dois antropólogos dispõem (sempre) uma página com explicações verbais sobre uma sequência de fotografias, colocadas em série na página seguinte. Cada conjunto de duas páginas (a primeira com as explicações e a segunda com as fotografias) compõe uma prancha verbo-visual. O que difere as pranchas deste trabalho com as de Mead e Bateson é que estas foram elaboradas com o auxílio e cooperação da comunidade HBS, tendo passado por uma (minuciosa) revisão comentada, realizada por sacerdotes e fiéis.

Além dos capítulos que compõem a dissertação, inseri no final do texto, na forma de anexos, três entrevistas com sacerdotes da Catedral *Nikkyoji* (Arcebispo Correia e sacerdotes Campos e Amaral), produzidas durante o trabalho de campo. Tais entrevistas foram de fundamental importância para a pesquisa, pois possibilitaram uma aproximação pessoal e humana com tais autoridades, além de terem esclarecido detalhes do cotidiano religioso e/ou pessoal dos mesmos.

Capítulo 1: O Budismo no Mundo: Crenças, tradições e algumas histórias.

1.1- Um pouco do mito.

A história nos diz que o Buda, e com ele o Budismo, surgiu numa região chamada *Kapilavastu*, que atualmente corresponde ao Nepal, perto da fronteira com a Índia (embora muitos leigos acreditem que o Budismo surgiu na China ou na Índia, propriamente). Foi ali que, no ano de 563 a. C, a rainha *Maya*¹, mulher do rei *Sudhodana*, deu a luz ao príncipe *Siddharta Gautama*, pertencente ao clã dos *Sakya*. Com a morte de *Maya*, que faleceu logo após o nascimento do pequeno *Siddharta*, o jovem príncipe passou a ser criado por *Mahaprajapati*, irmã mais nova da rainha.

Vindo ao mundo em berço de ouro, ao contrário da maioria dos personagens religiosos (que se não eram pobres, também não pertenciam à nobreza), percebemos que *Siddharta* cresceu rodeado por luxo e pelos prazeres da carne, afinal, era filho de um rei, ou, melhor dizendo, filho de uma espécie de senhor feudal, já que na época existiam inúmeros reinos no sub-contidente indiano.

De acordo com a literatura (NOVAK e SMITH, 2003, p. 19), quando *Siddharta* (que era dotado de grande beleza física) nasceu, seu pai reuniu videntes para descobrir o que o futuro para ele reservava. Os videntes concordaram que estavam diante de um ser distinto, incomum, cujo destino poderia se desdobrar em dois caminhos: o primeiro era o caminho do mundo, no qual *Siddharta* unificaria toda a Índia, tornando-se um grande conquistador (“*Kravartin*”, aquele que faz a roda girar). Caso renunciasse a este primeiro caminho, ao invés de se tornar um conquistador, tornar-se-ia o redentor do mundo.

Ao tomar conhecimento destas visões, o pai de *Siddharta* escolheu para o filho o primeiro caminho, colocando à disposição do príncipe três palácios e quarenta mil

¹ Nome que significa a força mágica que cria o universo ilusório (BORGES, 1977, p. 9).

dançarinas, além de dar ordens claras para que o jovem nunca entrasse em contato com doenças, com a velhice e com a morte.

Prosseguindo a história, *Siddharta* casou-se aos 19 anos com a princesa *Yasodhara* (de um “feudo” vizinho ao seu), filha de *Suprabuddha*, irmão da falecida Rainha *Maya* (KYŌKAI, 1998, p. 15). Sua esposa, portanto, era também sua prima. Com ela teve seu único filho, chamado *Rahula*. Mas, antes disso, estudou desde os sete anos de idade a caligrafia, botânica, gramática, além de ter treinado lutas, corrida, salto, natação e provas de arco (BORGES, 1977, p. 11).

Reza o mito², porém, que num certo dia ao cavalgar, o jovem *Siddharta* “deparou-se com quatro fatos, conhecidos no budismo como ‘As Quatro Cenas’, que transformariam sua vida” (YUN, Hsing, 2010, p. 13). Na primeira cena, um velho homem foi visto por *Siddharta*. Um senhor “decrépito, desdentado, grisalho, corcunda e de corpo alquebrado, trêmulo e apoiado num cajado” (NOVAK e SMITH, 2003, p. 19). Neste dia, o jovem príncipe aprendeu a verdade da velhice, e seu pai, temeroso, mandou que aumentassem a guarda para evitar novos incidentes.

Mesmo assim, em um segundo passeio, *Siddharta* se deparou com um corpo consumido pela doença, caído na estrada. Numa terceira cena avistou um cadáver e, na quarta, viu um *shramana*³ de cabeça raspada, que sobrevivia apenas com aquilo que as pessoas lhe doavam. Desta forma, aprendeu sobre a doença, a velhice e a morte, e percebendo a certeza da decadência física, viu os prazeres carnais, com os quais estava tão bem adaptado, perderem seu encanto.

Então, *Siddharta*, aos 29 anos, foi aos aposentos de sua esposa e filho, que dormiam, e de forma silenciosa se despediu, abrindo mão de todos os luxos da vida nobre

² “No caso do Buda, assim como no de outros fundadores de religiões, o problema essencial do pesquisador reside no fato de que não existem duas testemunhas, mas apenas uma: a lenda. Os fatos históricos estão ocultos na lenda, que não é uma invenção arbitrária e sim uma deformação ou uma magnificação da realidade” (BORGES, 1977, p. 21). Aqui, optamos pelo termo “mito”, por achar que ele envolve, ao mesmo tempo, o conceito de história e de lenda.

³ Que significa religioso caminhante.

que levava. Depois, trocando de roupa com um criado que o acompanhava, penetrou na floresta com a cabeça raspada, procurando pela “Iluminação⁴”.

Assim, passou seis longos anos de forma solitária. Neste período, *Siddharta* percorreu três fases. Na primeira, procurou dois importantes mestres hindus, com o intuito de tomar conhecimento da tradição religiosa predominante na sua região. Aprendeu muito sobre yoga e filosofia hindu e, depois, se juntou a um grupo de ascetas⁵. Existem relatos de que, aquele que seria o Buda *Shakyamuni*⁶, chegou a comer apenas seis grãos de arroz por dia, durante um de seus jejuns. No final desta experiência ficou muito fraco e, se não fosse o auxílio de um pastor que por ali passava (e que o alimentou com mingau de arroz quente), teria certamente morrido.

Com esta experiência, ele concluiu que o asceticismo era uma futilidade, que não lhe trouxe, apesar do grande empenho, a tão almejada “Iluminação”. Assim, *Gautama* cunhou o primeiro fundamento de sua doutrina, que consistia na escolha do chamado “Caminho do Meio”, entre os extremos do asceticismo, de um lado, e do comodismo, do outro. Tal preceito significa que para o corpo deve ser dado o suficiente para funcionar de maneira ótima, nada além disso. Desta forma, sua visão das coisas não seria prejudicada nem por excessos nem pela escassez.

Numa terceira fase, *Gautama* buscou combinar o rigor do pensamento com a concentração. Assim, numa noite perto da região de *Gaya* (nordeste da Índia), ao sul da atual cidade de *Patna*, ele se sentou embaixo de uma figueira, conhecida como “Árvore Bo⁷”. Posteriormente, o lugar passou a ser chamado de “Ponto Imóvel”, pois, de acordo com a tradição, aquele que viria a ser o Buda histórico ali se sentou durante uma noite e jurou que dali não sairia até que estivesse iluminado.

Nesta noite, após vencer as tentações de *Kama*⁸ e de *Mara*⁹, de rever suas milhares de vidas pregressas, de examinar a morte e o renascimento de toda a gama de seres vivos e

⁴ Iluminação, no Budismo, quer dizer despertar. É através da Iluminação que os seres vivos conseguem sair do ciclo, quase interminável, de renascimentos e mortes, conhecido como *samsara*.

⁵ Pessoas que inibem os prazeres humanos, sobrevivendo com o mínimo possível.

⁶ Conhecido também como Buda histórico.

⁷ “Bo” é abreviação de *bodhi*, que significa “iluminação”.

⁸ Deus do desejo, que fez desfilar três voluptuosas mulheres diante de Gautama.

de ver a lei do *karma*¹⁰, Gautama finalmente se libertou das amarras físicas e despertou. “Ele havia finalmente encontrado o caminho da Iluminação, tornando-se, em 08 de dezembro, aos trinta e cinco anos de idade, um Buda” (KYŌKAI, 1998, p. 18).

Após a iluminação, o Buda peregrinou durante quarenta e cinco anos levando seu ministério ao público. Aos 80 anos, por volta de 483 a.C., o Buda morreu de disenteria, depois de ter comido carne de javali seca, na casa de Cunda¹¹, o ferreiro.

Segundo relatos, “seu corpo foi cremado, em *Kusinagara*, por seus amigos, sob a orientação de Ananda, o discípulo favorito de Buda” (KYŌKAI, 1998, p. 20).

Após a morte do Buda histórico, antes mesmo do fim do século, houve um grande cisma que dividiu o Budismo em duas vertentes principais, que até hoje permanecem.

De um lado, um grupo tomou como lema o discurso de adeus do Buda. Eles defendem que o Budismo é tarefa de dedicação exclusiva, no qual a Iluminação (ou o Nirvana) consiste no grande objetivo. Para eles, para alcançar tal dádiva, é necessário tornar-se um monge, como o próprio Buda o fizera. Do outro lado, formou-se um grupo menos exigente, mais acessível aos leigos¹², que considera a compaixão como a característica mais importante da Iluminação. Argumentam que buscar o Nirvana por si e para si é uma grande contradição.

O primeiro grupo se denominou “*Theravada*¹³” e afirmou que representavam o Budismo original, ensinado por *Siddartha* (também conhecido como *Shakyamuni*, que significa “Sábio dos *Sakyas*”). Para os primeiros *theravadins*, o Budismo consiste em uma tarefa de tempo integral. Aqueles que elegeram o Nirvana como foco central devem desistir dos prazeres mundanos.

⁹ Senhor da Morte.

¹⁰ Boas ações levam a uma encarnação feliz e más ações, a encarnações miseráveis.

¹¹ Cunda, o filho de um ferreiro, lhe oferece em Kusinara um pedaço de porco salgado, ou, segundo outros, umas trufas; esta comida agrava o mal que o Buda já sentia e cujos sintomas havia reprimido por um exercício de sua vontade a fim de não entrar no nirvana sem despedir-se de seus monges. Banha-se, bebe água e deita-se sob umas árvores para morrer (BORGES, 1977, p 17-18).

¹² Os devotos que não tem dedicação monástica à religião (não são sacerdotes ou monges) são considerados e chamados de “leigos”.

¹³ Significa “O caminho dos anciões”.

Já o segundo grupo passou a se chamar *Mahayana*¹⁴ e, atualmente, possui várias subdivisões, dentre elas o Zen-Budismo, Budismo Terra Pura, Budismo de *Nichiren*, Budismo Tibetano, Tendai, Ch'an, Jōdo Shin, Shingon, *Honmon Butsuryu-shu*, entre outras. Para esta vertente, tanto o “profissional” quanto o leigo poderiam alcançar a Iluminação.

Além deste grande cisma budista, temos que acrescentar a existência de um terceiro caminho, chamado de budismo *Vajrayana*¹⁵, que consiste, na verdade, em uma ramificação do budismo Mahayana.

Através do Budismo tibetano, este terceiro caminho sobreviveu à queda da religião na Índia e foi aperfeiçoado, tendo sua essência fixada na prática do *tantra*¹⁶. Ou seja, enquanto a corrente *Theravada* tem sua base na auto-iluminação, na dedicação exclusiva e na sabedoria e a corrente *Mahayana* sustenta-se na ideia de que existe um Buda em cada grão de areia e tem sua base na compaixão, o budismo *Vajrayana* defende a união de todas as energias existentes na constituição humana, incluindo as físicas (o sexo, por exemplo), na busca pela espiritualidade.

1.2- Budismo *Theravada* e Budismo *Mahayana*.

O grande cisma no Budismo, como já foi dito, originou duas grandes vertentes da doutrina do Buda *Shakyamuni*. Cabe, após a breve exposição das correntes *Theravada* e *Mahayana*, explicitar algumas características particulares a cada uma, assim como demonstrar alguns aspectos comuns a ambas.

O budismo *Mahayana*, originário provavelmente do século I d.C, atualmente é predominante em países como Coréia, Japão, China e, também, na região do Tibete, expandindo-se de forma mais intensa pelo mundo ocidental, adentrando em países como

¹⁴ *Maha* significa “grande” e *yana* significa “balsa”.

¹⁵ Que significa “Caminho do Diamante”.

¹⁶ Que significa literalmente “extensão” e “interpenetração”.

Estados Unidos e França, além de ser predominante, em relação ao budismo Theravada, no Brasil.

Para Jorge Luiz Borges e Alicia Jurado (BORGES, 1977, p. 67) “toda a religião deve adaptar-se às necessidades de seus fiéis, e o Budismo, para sobreviver, se resignou, ao longo do tempo, a profundas e complexas modificações”.

Tais modificações correspondem às transformações ocorridas graças a um grupo de monges progressistas, que rompendo com o tradicionalismo¹⁷ da corrente *Theravada*, adicionou novas doutrinas, deixadas por importantes mestres (como *Nichiren*, *Dōgen*, entre outros), doutrinas estas não aceitas pela corrente mais antiga.

A doutrina do “Grande Veículo” (outra denominação da corrente *Mahayana*) oferece a esperança para cada um de seus membros, mesmo que remotamente, de tornar-se um Buda ao término de inúmeras transmigrações¹⁸, salvando inúmeros seres humanos dos quase intermináveis ciclos de nascimentos e mortes.

De forma lenta e gradativa, cada ser humano pode, então, alcançar o Nirvana, sem ter a obrigação de transformar seus atos imediatamente:

... todos chegaremos ao Nirvana ao adquirir consciência desse estado e cada folha de pasto alcançará a condição de Buda. Enquanto isto, percorreremos as seis possibilidades de ser, com a segurança de ascender à dignidade dos Devas e morar em paraísos.” (BORGES, 1977, p. 68).

Portanto, para os *mahayanistas*, o ideal do Buda foi substituído pelo do *Bodhisatva*¹⁹, um homem que pretende se tornar um Buda ao fim de incontáveis vidas,

¹⁷ No caso, o termo “tradicionalismo” não representa um juízo de valor, como se a corrente *Theravada* fosse atrasada ou alguma coisa do gênero. Os *theravadins* são aqui considerados tradicionais, pois seguem os textos originais deixados pelo Buda Gautama.

¹⁸ O termo “transmigração” se refere aos inúmeros ciclos de nascimento, vida e morte, aos quais todos os seres vivos estão sujeitos, sem distinção, até que finalmente se alcance a tão almejada Iluminação.

¹⁹ O termo vem do sânscrito *sattva* e significa “ser dotado de consciência, e inclui os seres dos Seis Reinos de Existência. O budismo *Mahayana* considera que a natureza búdica é inerente a todos os seres *sencientes*; portanto, todos estão capacitados a alcançar a iluminação” (HSING, 2010, p. 72). Esta Iluminação é atingida com a ajuda dos *bodhisatvas*, cuja função é tentar remover os obstáculos para que todos, um dia, alcancem o Nirvana e atinjam a natureza búdica.

mostrando o caminho da Iluminação para o maior número possível de seres *senscientes*²⁰. Como justificativa para este conceito, os adeptos da grande corrente levam em consideração a dedicação do Buda *Shakyamuni* que, mesmo após alcançar a Iluminação por esforço próprio, regressou e passou cerca de 45 anos na tentativa de mostrar, à todo ser *sensciente*, o caminho do Nirvana.

Outra característica fundamental do budismo *Mahayana* é a importância do poder da graça. O mérito se adquire não somente através dos ensinamentos do Buda (Caminho Óctuplo, as quatro Nobres Verdades, etc.), mas também por meio de rituais, como a repetição do nome do Buda, dos sutras, de oferendas, pela oração e pela meditação.

Em relação à doutrina, o Grande Veículo enfatiza também os ensinamentos de muitos Budas²¹, passando a denominá-los. “Chegou-se, dessa forma, a admitir a coexistência de infinitos Budas nos infinitos mundos do universo. Os do nosso planeta nascem invariavelmente na Índia, da casta de brâmanes ou de guerreiros (como foi o caso do Buda *Shakyamuni*, que originalmente era um príncipe guerreiro), e logram sua redenção ao pé de uma árvore sagrada. Todos pregam a mesma lei” (BORGES, 1977, p. 73).

Mas deixando de lado esta espécie de metafísica do Budismo *Mahayana*, podemos sintetizar na palavra “compaixão” o ideal desta vertente. Para seus seguidores, a fraternidade de todos os homens é o desejo primordial. Para eles, o próximo Buda da nossa Terra se chamará *Maitreya*²² e virá ao mundo no ano 4.457 da era cristã. O significado do nome é “Compassivo” ou “Cheio de Amor” e simboliza exatamente o espírito *Mahayana*.

Já o Budismo *Theravada* é também conhecido pelo nome *Hinayana*, cujo significado é “Pequeno Veículo”, em oposição ao significado de *Mahayana* (“Grande Veículo”). Porém, esta nomenclatura não é bem aceita pelos adeptos da tradição, que o entendem como uma denominação pejorativa. No caso, a simbologia das nomenclaturas

²⁰ Seres *senscientes* são todos os seres animados, que, na tradição Budista, podem fazer parte de Seis reinos de existência.

²¹ Como exemplos de Budas importantes na tradição *Mahayana*, podemos citar o Buda Vairochana, que significa “Iluminador”. Este Buda seria, para várias escrituras budistas, a figura central da qual todos os outros budas emanam. Temos ainda o Buda Amithaba ou “Luz Infinita”, o Buda Bhaishajya-guru ou o Buda da Medicina (venerado principalmente na China), o Buda Maitreya ou “O amoroso” dentre outros (HSING, 2010, p. 42-45).

²² “Agora está no céu, porém na terra existem livros sagrados revelados por ele. Abundam suas imagens...” (BORGES, 1977, p. 73).

seria a de que a corrente *Mahayana* representa um grande barco ou balsa, capaz de levar à Iluminação ou Nirvana o maior número de seres sencientes possível, enquanto que o pequeno barco ou balsa levaria apenas um restrito número de privilegiados, escolhidos de acordo com sua própria e exclusiva dedicação e renúncia da vida mundana.

Após a exposição do termo *Hinayana*, também muito utilizado, prosseguirei chamando o Budismo mais tradicional pela denominação *Theravada*, que representa a doutrina defendida pelos “patriarcas anciãos”.

Para estes monges, o Buda histórico deixou preceitos claros aos seus discípulos, afirmando a necessidade do esforço individual para construir, cada um, sua própria salvação.

Sendo assim, a corrente *Theravada* “propõe como ideal o *Arhat*²³, o santo, o homem cujos atos, palavras e pensamentos não projetam um *karma*; o homem que não voltará a encarnar e que, ao morrer, entrará no Nirvana” (BORGES, 1977, p. 72).

Para estes monges, a tarefa religiosa é de tempo integral e é necessária dedicação exclusiva para alcançar a Iluminação, assim como o Buda o fizera. Além disso, os monges *theravadins* acreditam que o maior atributo da Iluminação é a sabedoria (*bodhi*), enquanto que os *mahayanistas*, como já foi dito, dão valor maior à compaixão, afirmando que “buscar a iluminação por si mesmo e para si mesmo é uma contradição” (NOVAK e SMITH, 2003, p. 69).

Além destas diferenças teóricas, é importante destacar que, normalmente, a *sangha*²⁴ *Theravada* tem predisposição monástica, enquanto a *Mahayana* tenta não privilegiar espiritualmente os monges, expandindo seus ensinamentos e graças para os leigos, inclusive mulheres. Nas palavras de Philip Novak e Huston Smith:

²³ Em sânscrito, o termo significa “merecedor, honrado, digno, valioso, aquele que atingiu a meta da iluminação ou despertar. Essencialmente, o estado de *arhat* consiste na erradicação do fluxo e na destruição das impurezas. A diferença entre um *arhat* e um Buda é que o Buda alcança a iluminação por si mesmo, enquanto o *arhat* atinge-a por seguir os ensinamentos de outrem” (HSING, 2010, p. 62).

²⁴ Em sânscrito e páli, o termo significa “grupo, multidão”. O termo remete à comunidade budista, “todos os seguidores do budismo” (HSING, 2010, p. 71).

“A diferença entre os dois tipos é ilustrada pela história dos quatro viajantes que, atravessando um imenso deserto, chegam a uma construção cercada por muros altos. Um dos quatro viajantes decide descobrir o que há lá dentro. Ele escala o muro e, quando chega ao alto, pula para o outro lado sem dizer palavra. O segundo e o terceiro fazem a mesma coisa. Quando o quarto viajante, uma mulher, chega ao alto do muro, vê um luxuriante oásis embaixo dela. Embora movida pelo desejo de saltar, ela resiste ao impulso. Pensando nos outros andarilhos que passarão por aquele caminho, ela desce para contar a eles e, depois a outros viajantes, sobre a sua descoberta. Os três primeiros eram arhats. A última era um bodhisattva, alguém que jura não desertar este mundo ‘até que a própria grama esteja iluminada’” (NOVAK e SMITH, 2003, p. 72, 73).

Em relação às práticas, os *theravadins* não dirigem orações a poderes superiores, enquanto os *mahayanistas* fazem súplicas de salvação e pedem força espiritual em nome do(s) Buda(s).

Embora existam diferenças significativas entre as duas principais correntes do Budismo, “a princípio, os mestres do *Theravada* e do *Mahayana* moravam e ensinavam nos mesmos mosteiros. Grandes discussões teológicas conduziram a influências recíprocas, que já não é possível destrinchar, e entre um e outro existiram escolas de transição” (BORGES, 1977, p. 69).

Além disso, os dois veículos tem em comum as principais características da religião difundida pelo Buda *Shakyamuni*, há mais de 2.500 anos. A busca pela Iluminação (Nirvana), a Jóia Tríplice, o Caminho do Meio, as Quatro Nobres Verdades e o *Karma* são preceitos seguidos por ambas as vertentes e terão seus conceitos desenvolvidos a seguir.

1.3- O Nirvana e a “Iluminação”.

Quando, após abandonar uma vida de riquezas materiais e físicas, o príncipe *Siddharta Gautama* sentou-se embaixo da “Árvore Bo”, ele tinha em mente apenas um objetivo:

alcançar o estado de Nirvana²⁵ (ou Iluminação). Para ele, alcançar tal condição era o objetivo da vida de todo ser *sensiente*.

De acordo com Philip Novak e Huston Smith (NOVAK e SMITH, 2003, p. 58) “o nirvana é o mais alto destino do espírito humano e seu sentido literal é extinção, apagamento, também podendo ser entendido como extinguir-se ou apagar-se. Mas esta extinção não é a anulação total da vida, mas sim o limiar do eu finito, do ego, da raiva, da ganância, da desilusão e de qualquer outra forma de sofrimento”.

Segundo a teoria budista, o Nirvana consiste exatamente na extinção dos Três Venenos: cobiça, raiva e ignorância, “fontes de toda a ilusão e de todo o sofrimento no mundo; também chamados de três fogos, três doenças ou três raízes maléficas” (HSING, 2010, p. 72).

Embora tenha alcançado a Iluminação, o Buda histórico, por compaixão a todos os seres *sensientes*, decidiu abdicar temporariamente desta dádiva. Assim, voltou do Nirvana e disseminou sua doutrina por aproximadamente 45 anos e, ao final da sua vida terrestre, sob uma figueira sagrada, alcançou o chamado *paranirvana* ou *nirvana pleno*, quando padeceu definitivamente seu corpo físico.

1.4- A jóia tríplice: O Buda, a Sanga e o Darma.

Quem deseja tornar-se budista deve aspirar pelo refúgio na Jóia Tríplice – isto é, o Buda, o Darma e a Sanga (ROCHA, 1988, p. 33).

De acordo com a tradição, uma pessoa que almeja entrar para a religião budista precisa buscar refúgio na chamada Jóia Tríplice, que consiste no Buda *Shakyamuni* (ou Buda histórico), criador do Budismo, no Darma sagrado, que é o conjunto dos ensinamentos do Buda e na Sangha ou comunidade, composta pela congregação de monges, que

²⁵ Para o Budismo, o Nirvana é ‘porto de refúgio, ilha entre as torrentes, gruta fresca, outra margem, cidade sagrada, panacéia, ambrosia, água que aplaca a sede das paixões, margem de onde se salvam os náufragos do rio dos ciclos’. Os budistas o concebem metafisicamente como um lugar onde os redimidos descansam; diz-se ‘entrar no Nirvana’ (Borges, 1977, p. 62).

renunciaram ao mundo e devotaram seus esforços na prática do Dharma (na tradição *Theravada*) ou formada por clérigos (monges e monjas), adeptos e leigos, devotos da doutrina do Buda *Shakyamuni* (na tradição *Mahayana*).

1.5- O Caminho (do Meio) que leva às Quatro Nobres Verdades.

É sabido que o Buda *Shakyamuni*, ao renunciar a uma vida de prazeres materiais e físicos, condenou a vida carnal como indigna e sem sentido, pregando, no seu lugar, um meio-termo entre uma vida totalmente regrada (composta por jejuns e outras formas de penitências físicas, que para ele acabariam por levar a uma mera degradação do corpo e não à Iluminação) e uma vida regada de excessos e de luxúria.

Este caminho intermediário entre exageros e escassez revelou ao Buda Histórico as chamadas Quatro Nobres Verdades²⁶, que consistem exatamente no sofrimento, na origem do sofrimento, na aniquilação deste sofrimento e no caminho que conduz à aniquilação do sofrimento.

Para o Buda, sofrimento era “nascer, envelhecer, adoecer, estar com o que se odeia, não estar com o que se ama, desejar e aspirar e não conseguir” (BORGES, 1977, p. 55,56).

Já a origem do sofrimento, segundo o fundador do Budismo, é a sede²⁷ que passa de transmigração em transmigração, vida após vida, sede esta de saciar os prazeres carnis.

Para acabar com esta sede, o Buda sugere o Nirvana como saída única. Aniquilar definitivamente os sofrimentos só seria possível através da Iluminação.

1.6- O Karma.

²⁶ “As quatro máximas fundamentais da doutrina budista enunciadas pelo Buda em sua primeira prédica, Sutra Dharma-cakra-pravartana: (1) sofrimento (*duhkha*); origem do sofrimento (*samudaya*); (3) cessação do sofrimento (*nirodha*) e (4) o caminho que leva à cessação do sofrimento da existência (*arya-ashtanga-marga*)” (HSING, 2010, p. 70).

²⁷ Também chamada de *Trishna* ou desejo.

O intuito de compreender as Quatro Nobres Verdades e buscar alcançar o Nirvana possui, como finalidade, sair do ciclo quase interminável de transmigrações, conhecido como *Samsara*²⁸.

Para conseguir tal dádiva de cessar as transmigrações, o indivíduo não pode acumular nenhum *karma* negativo na sua última vivência.

Este *karma*; que corresponde a uma lei universal, mas que não é imposta por nenhum legislador ou juiz (enquanto o juiz do Cristianismo é Deus, no Budismo não existe algo ou alguém que cumpra o papel deste personagem), é bem ilustrado com uma passagem presente no *Dhammapada*: “Nem no céu, nem na metade do mar, ou nas fendas mais profundas das montanhas existe um lugar em que o homem possa libertar-se de uma ação perversa” (BORGES, 1977, p. 49).

O *karma* seria, portanto, o conjunto de todas as atitudes e pensamentos, sejam eles positivos e/ou negativos, que guardamos durante um ciclo existencial completo (uma vida), que, se acumulados, correspondem a uma espécie de semente, que germinará em uma nova existência, que pode ocorrer não necessariamente na forma humana (como veremos mais adiante, existem seis possibilidades de existência *sensciente*).

1.7- O legado deixado pelo Buda *Shakyamuni*.

Após a morte do Buda histórico e mesmo com a posterior divisão entre *mahayanistas* e *theravadins*, é importante ressaltar a manutenção, em maior ou menor grau, dos preceitos pregados por *Shakyamuni*, que foram compilados num livro sagrado chamado

²⁸ O termo *samsara* origina-se do sânscrito e do páli e significa “contínuo fluir”. É o ciclo de existências; a sucessão de renascimentos pelos quais o ser passa até alcançar a libertação e entrar no nirvana. O aprisionamento no *samsara* é condicionado pelos “Três Venenos” da mente, e o tipo de renascimento é condicionado pelo carma do ser, acumulado na existência anterior (HSING, 2010, p. 71).

Cânone Páli²⁹, dividido em três partes denominadas *Tripitaka*, que tem origem no sânscrito e no páli.

Segundo relatos (BORGES, 1977, p. 67), durante o governo do imperador Asoca, que reinou sobre a Índia entre 264 a 228 a.C, foi realizado em Pataliputra, no ano de 242 a.C., o Terceiro Concílio Budista, que reuniu os ensinamentos dos três principais cânones budistas: o *Suta-pitaka*, que contém todos os sermões do Buda e dos grandes discípulos deste; o *Vinaya-pitaka*, com as regras de conduta a serem seguidas pelos monges; e o *Abhidhamma-pitaka*, que consiste no tratamento filosófico e psicológico dos sermões do Buda, realizados pelos seus discípulos e autoridades da religião.

“Depois da morte de Shakyamuni, seus discípulos pregaram a mensagem, de acordo com o que ouviram. Entretanto, como a doutrina era transmitida e recontada, poderiam ter ocorrido algumas variações, devidas aos inconscientes erros por parte dos discípulos, quanto àquilo que pensaram ter ouvido ou entendido. Portanto, muitos antigos mestres se reuniram com o propósito de retificar e consolidar as palavras e o ensinamento, cada um expondo aquilo que julgou ter ouvido, e assim passavam meses em discussão. O trabalho resultante dessas reuniões foi chamado de Concílio ou Compilação” (KYŌKAI, 1998, p. 271, 272).

Lembrando que a religião budista tem como alicerce os ensinamentos que *Shakyamuni* pregou, durante seus 45 anos de peregrinação, as palavras que ele usou na sua missão têm absoluta autoridade para os fiéis. Apesar do fato de existirem 84.000 dharmas (ensinamentos, orações, fórmulas meditativas, sutras, parábolas, etc.) e um grande número de escolas, que seguem de forma mais ou menos intensa um ou outro ensinamento, nenhum ramo da religião dispersa sua atenção em relação às escrituras do Buda Histórico.

O ensinamento, assim retificado, veio a ser ratificado através da escrita, sendo que a única coleção completa existente atualmente está escrito em páli e pertence a tradição *Theravada*. “O Cânone Páli, como é conhecido, tem tido um papel importante como a fonte comum de escrituras entre os países budistas”. (KYŌKAI, 1998, p. 272).

²⁹ O que para os ocidentais seria uma espécie de “bíblia” dos budistas.

1.8- Indo além do comum: Algumas particularidades do Budismo.

Enquanto a história da humanidade ocidental tem, no personagem de Jesus Cristo, seu cerne e sua pedra de toque, os vários nascimentos do Buda se repetem de forma cíclica, de tempos em tempos, e *Siddharta Gautama*, o Buda *Shakyamuni*, constitui um elo, importante, mas não único, numa cadeia infinita que se estende em todas as direções e dimensões (no passado, futuro, em outros mundos, etc.).

Destoando também da perfeição moral, religiosa e social nata de Jesus Cristo, o Buda histórico viveu, até o início de seu despertar, aos 29 anos, uma vida mundana, praticando a poligamia, ato que pode chocar certos preceitos e preconceitos ocidentais. Mas convém lembrar que, para o hinduísmo³⁰, a renúncia é o coroamento da vida e não o seu princípio. No Budismo, portanto, o fato do Buda legendário ter provado os prazeres da carne para só depois renunciar a eles, é considerado um ato de coragem e força, que acaba por coroar sua natureza superior, iluminada.

“A essência do Buda e o seu corpo glorioso se destacam em primeiro plano, enquanto que o seu corpo humano e a sua existência histórica são meros farrapos que cobrem aquela glória espiritual” (BORGES, 1977, p. 24).

Outra característica que o Budismo herdou do Hinduísmo é a existência de infinitos mundos (ou planetas), todos de estrutura idêntica. Nestes planetas, existem diversas camadas ou regiões superpostas. A primeira é a sensorial, onde habitam deuses, homens, demônios, fantasmas, animais e seres infernais. Na zona mais baixa desta região estão os infernos ou purgatórios. Em cima dos infernos está o lugar em que vivemos. Existe ainda a região das formas materiais e uma terceira, onde as formas não existem. Esta região seria habitada unicamente por deuses (BORGES, 1977, p. 37-38).

³⁰ O Budismo sofreu grande influência do Hinduísmo, visto que esta era a religião predominante na Índia até o nascimento de Siddharta Gautama.

Apesar do próprio Buda *Shakyamuni* sempre ter se recusado a discutir assuntos metafísicos e abstratos, por considerar um tanto quanto inúteis para a Iluminação, é importante ilustrar estes conceitos, pois os diversos subgrupos budistas, principalmente os *mahayanistas*, dão ênfase em maior ou menor grau a esta estrutura física dos mundos.

Isso porque os Budas se manifestariam em cada um destes planetas, nos ciclos denominados “búdicos”. Nestes períodos, “uma flor-de-lótus anuncia o lugar em que crescerá a Árvore da Iluminação” (BORGES, 1977, p. 47-48).

Além disso, em todos os mundos, existem seis condições para o homem ressurgir após a morte física, que são chamadas de “Os Seis caminhos da Transmigração:

- 1) A condição de deus (*deva*).
- 2) A condição de homem, que não deve ser desaproveitada, haja visto que somente eles podem alcançar o Nirvana.
- 3) A condição de *asura*, que são inimigos dos *devas*.
- 4) A condição de animal. Os *jakatas* (fábulas sobre as reencarnações do Buda) correspondem às vidas anteriores do Buda em corpos animais.
- 5) A condição de *preta*, que são seres atormentados pela fome e pela sede.
- 6) A condição de ser infernal (BORGES, 1977, p. 53-54).

Embora possamos transmigrar e renascer como devas ou deuses, este conceito é diferente do atribuído ao Deus único, onipresente e onisciente das religiões judaicas-cristãs, visto que estes deuses budistas também acumulam *karma* e também precisarão transmigrar novamente como homens para sair do ciclo do *samsara*. No Budismo não existem, também, conceitos como culpa, arrependimento e perdão dado por um “Deus pai”. Tudo se resume na acumulação ou não de *karma*, que resultará em uma das seis condições de transmigração, até que se apague o fogo das paixões mundanas.

Passando da aparência física dos mundos para as características metafísicas do Buda, podemos classificar três aspectos: o da Essência ou *Dharmakaya*, o da Recompensa ou *Sambhogakaya* e o aspecto da Manifestação ou *Nirmanakaya*.

O *Dharmakaya* é a substância do Dharma, dos ensinamentos (compostos por sutras, meditações, parábolas). Uma espécie de essência budista, que não possui forma, cor, nem qualquer outra característica física.

“O *Sambhogakaya* significa que a natureza de Buda, o todo amorfo constituído pela Compaixão e pela Sabedoria, manifesta-se através dos símbolos do nascimento e da morte, através dos símbolos dos votos, da prática ascética e da sua revelação, a fim de salvar a todos os seres” (KYŌKAI, 1998, p. 37).

E, por último, mas também importante, temos o *Nirmanakaya*, que revela o fato de que o Buda se manifestou no mundo com um corpo físico, pregou sua doutrina aos homens, mostrando a eles os aspectos do nascimento, da renúncia a este mundo e da busca pela Iluminação. O último Buda a se manifestar no nosso mundo foi *Siddharta Gautama*. Segundo a tradição, o próximo será o Buda *Maitreya*.

Capítulo 2- O Budismo *Honmon Butsuryu-Shu* e o Buda Primordial.

2.1- Delimitando territórios. O Budismo HBS e o Buda Primordial.

Mais de 2500 anos se passaram desde que o príncipe *Siddharta Gautama* peregrinou pelo sub-continente indiano. Mais de dois milênios se foram desde que a doutrina ensinada pelo Buda *Shakyamuni* se dividiu em duas correntes principais, *Mahayana* e *Theravada*.

Nossa segunda história (após uma primeira narrativa geral do Budismo e do Buda histórico), parte desta divisão. Tomando-se a corrente *Mahayana* como objeto geral de estudo, era preciso delimitar o território, visto que a tradição mais difundida divide-se, como já foi visto, em várias sub-correntes, vindas de diversos países Asiáticos (como Índia, China, Japão, Vietnã, Coréia, etc.).

Minha escolha não foi totalmente arbitrária. Procurei selecionar uma vertente do Budismo *Mahayana* que tivesse representatividade no seu país de origem e, também, que estivesse presente de maneira sólida no Brasil, tendo a possibilidade de ser estudada de forma profunda através da pesquisa participativa de campo, cujos critérios e conceitos serão definidos nos próximos capítulos.

Sem mais delongas, a corrente por mim escolhida chama-se *Honmon Butsuryu-shu*³¹ e foi instituída no Japão, pelo mestre *Nissen*, no ano de 1872.

O grande intuito da HBS (abreviação de *Honmon Butsuryu-shu*) é mostrar, de forma evidente e enfática, a existência do que eles chamam de Budismo Primordial. Para os devotos desta corrente, há um Buda Primordial, primeiro, que é a origem de todos os Budas

³¹ Significa, numa tradução literal, Religião Budista do Caminho Primordial do Sutra Lótus Estabelecida pelo Buda Primordial. *Honmon* significa “Caminho Primordial” do Sutra Lótus e faz referência ao trecho que vai do 15º ao 22º capítulo; *Butsu* significa “Buda Primordial”; *ryu* significa “estabelecido” ou “fundado” e *Shu* quer dizer “Religião” (disponível em <http://www.budismo.com.br/significado.php>).

e origem também de toda e qualquer forma de existência. Isso significa que, além dos diversos Budas que habitam os vários mundos existentes, todos eles, inclusive o Buda *Shakyamuni*, são na verdade emanções do Buda Primordial.

Sendo assim, o Buda Histórico seria “simplesmente” uma manifestação do Buda Primordial, que veio à Terra incumbido da missão de disseminar os ensinamentos do segundo. Ao terminar sua obra, seu legado, retornou imediatamente “ao interior do corpo do Buda Primordial”³². Pelo fato de irem e voltarem, Budas como o *Shakyamuni* são chamados de (Budas) Transitórios. Não podem, segundo a tradição HBS, ser alvo de veneração, pois consistem apenas em reflexos provisórios, rastros da imagem do Buda Primordial.

“Provisório (Shaku), significa ‘rastro’, ou seja, se há rastro, há um corpo que o deixou. São rastros que nos levam ao encontro do Buda Primordial. Podemos entender o significado da palavra provisório como sombra. Não há sombra sem corpo. O provisório é como se fosse a revelação de uma foto em relação ao verdadeiro objeto fotografado” (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 7, n. 70. São Paulo, 2005, p. 3).

Assim sendo, nos templos da *Honmon Butsuryu-Shu* não existem estátuas do Buda *Gautama* nem de outros Budas, ao contrário da maioria dos santuários da religião. E a justificativa para este fato é que “não podemos venerar algo temporário, sujeito a mutabilidade. A forma de venerarmos o Buda Primordial é venerando na sua forma espiritual, não na estátua de Buda, pois o próprio Buda banuiu tal forma de devoção”³³.

O Budismo HBS coloca, portanto, o Buda Primordial como uma espécie de divindade máxima, criadora, diferentemente das demais doutrinas budistas, que são atéias em relação a uma entidade suprema.

³² BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 7, n. 70. São Paulo, 2005, p. 02.

³³ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 8, n. 81. São Paulo, 2006, p. 03.

Para esta corrente, o Buda Primordial não veio ao nosso mundo, mas sempre esteve nele. Não é apenas o criador do mundo, mas o universo inteiro antes mesmo dele existir.

Apesar da semelhança com o Deus judaico-cristão, a diferença entre ele e o Buda Primordial reside no fato de que, para a HBS, o Buda Primordial salva incondicionalmente, e, caso não seja possível, ele vai até as profundezas do inferno para resgatar qualquer ser *sensiente*. Enquanto no judaísmo e cristianismo Deus é uma espécie de árbitro, que salva segundo a índole, o comportamento, as ações e a fé, o sentimento do Buda Primordial é de uma infinita e incondicional compaixão a todos os seres, que devem ser salvos sem distinção e a todo custo.

2.2- O ensinamento principal do Buda Primordial: O Sutra Lótus.

“Nós do Budismo Primordial HBS, praticamos a fé nos baseando unicamente nos ensinamentos primordiais (Honmon) onde Buda assume essa identidade, e não nos demais ensinamentos”. (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 7, n. 70. São Paulo, 2005, p. 15).

Como já foi visto no primeiro capítulo, o Buda *Shakyamuni* deixou uma vasta coletânea de ensinamentos orais, compilados nos 84.000 dharmas existentes, que juntos formam o Cânone Páli, a escritura sagrada do Budismo.

As diversas correntes budistas, ao longo do tempo, passaram a dar maior ou menor importância a certos textos em detrimento de outros. E, na HBS, não foi diferente. O ensinamento considerado principal pela *Honmon Butsuryu-shu*, que segundo eles foi proferido pelo próprio Buda Primordial (através de sua emanção no Buda transitório *Shakyamuni*), é chamado de “Ensinamento do Caminho Primordial do Sutra Lótus”.

De fato, este Sutra, que é alicerce das correntes budistas *Tendai* e *Nichiren* (a HBS tem sua origem no mestre *Nichiren*, que, por sua vez, sofreu grande influência da escola

Tendai), foi proferido pelo Buda *Shakyamuni* e é considerado a mais importante recitação do Buda Histórico.

O Sutra Lótus, de acordo com a HBS, foi pregado pela primeira vez na Terra por *Jyougyou Bossatsu*, também conhecido como o *Bossatsu* Primordial, uma espécie de primeiro “profeta” do Buda Primordial.

Este “profeta” teria sido encarregado diretamente pelo Buda Primordial para nos mostrar o caminho da Iluminação.

“Não só em relação ao Buda Histórico, mas em relação à maioria dos Budas, todos passaram por um período de prática ascética, em outras palavras, por uma fase de treinamento para a iluminação e, este Buda em treinamento é o que chamamos de *Bossatsu*. A prática de *Bossatsu* se divide em duas direções. Uma para cima almejando a iluminação suprema e outra para baixo, visando a salvação de todos os seres que necessitam da iluminação” (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 7, n. 70. São Paulo, 2005, p. 06).

Para a HBS, portanto, o Buda *Gautama*, emanção do Buda Primordial, deixou clara a mensagem de que o Sutra Lótus é “o único Sutra a ser seguido, sem margem de possibilidade de adoção de outro tipo de ensinamento. O Sutra Lótus é o sutra que contém a iluminação completa do Buda Primordial. Os demais sutras que foram pregados por diversos motivos ou para o preenchimento de uma determinada necessidade, são considerados sutras provisórios”³⁴.

Sendo assim, o Sutra Lótus buscaria salvar a todos através “daquilo que podemos oferecer: a fé e a compaixão” (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 4, n. 33, p. 25. São Paulo, 2002). Este sutra é sintetizado e praticado através da oração (mantra)

³⁴ Disponível em <http://www.budismo.com.br/sutra.php>.

repetitiva “*Namumyouhourenguekyou*”³⁵, que representa, para os adeptos, a essência e a semente da Iluminação.

O Sutra Lótus é composto por 28 capítulos, divididos em duas partes. Na primeira metade (1º ao 14º capítulos), constam ensinamentos doutrinários-teóricos, chamados pela HBS de “Caminho Provisório” (*Shakumon*). Além destes capítulos, todos os outros ensinamentos presentes nos 84.000 dharmas do Buda Histórico, também são caracterizados como ensinamentos transitórios, que antecederam ao Sutra Lótus Primordial. Já a segunda metade (do 15º ao 22º capítulos) contém métodos práticos, chamados pela HBS de “Caminho Primordial” (*Honmon*), único a ser seguido.



Imagem 1: Imagem Sagrada transcrita pelo mestre *Ibaragui*, padroeiro da HBS no Brasil³⁶.

³⁵ Não traduzimos seu significado por ser um mantra. Ou seja, uma palavra e oração que mais possui um poder e energia que um mero significado.

2.3- Os precursores da HBS: Os grandes mestres *Nichiren*, *Nitiryu* e *Nissen Shounin*.

"O servo de Buda é Nichiren. O servo de Nichiren é Nitiryu, e o servo de Nitiryu é Nissen. Nitiryu reestruturou a linha de Nichiren e Nissen reestruturou a linha de Nitiryu" (BUTSURYU-SHU, Honmon. Revista Lótus: ano 9, n. 94. São Paulo, 2007, p. 02).

2.3.1 *Nichiren*.

O Budismo *Honmon Butsuryu-shu* surge com um grande mestre budista japonês, chamado *Nissen Shounin*, que no ano de 1872, na região de Kyoto, escreveu a doutrina da HBS. Porém, se faz necessário realizar uma retrospectiva ainda maior, para conhecer, de fato, as origens desta corrente.

É importante saber que a doutrina HBS segue uma linhagem de quatro grandes mestres religiosos. O primeiro era, propriamente, o Buda *Shakyamuni*, que recitou os 84.000 dharmas, entre eles o Sutra Lótus, pedra fundamental da *Honmon Butsuryu-shu*.

O segundo mestre foi um homem chamado *Nukina Jiro Shiguetada*, nascido no estado japonês de Tiba, na cidade de Kominato, em 16 de fevereiro de 1222.

Este humilde filho de pescador, que já demonstrava quando criança uma forte personalidade, “pois jamais temia as autoridades quando se achava no direito de pronunciar certas verdades”³⁷, passou a ser conhecido posteriormente como *Nichiren* e é tido, hoje, como um grande e importante mestre budista e precursor primeiro da religião HBS, além de ser o mestre de correntes como *Nichiren Shu*, *Nichiren Shoshu*, Budismo de *Nichiren*, Associação Leiga *Soka Gakkai*, entre outras.

³⁶ O conjunto de imagens deste capítulo pertencem ao acervo pessoal do Arcebispo *Kyohaku Correia* e foram por ele concedidas.

³⁷ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 2, n. 04. São Paulo, 2000, p. 09.

Prosseguindo a história, *Nichiren*³⁸ tornou-se um noviço aos 11 anos de idade, no império de *Yoshitoki*, indo em direção ao Templo *Kiyosumi*, para ser discípulo do Mestre *Dozen Bo*. Ali, estudou os ensinamentos da corrente *Tendai*³⁹.



Imagem 2: Mestre *Nichiren Daibossatsu*, precursor da HBS.

Posteriormente, partiu para uma peregrinação pelo Japão, em busca de sabedoria e conhecimento. Assim ele passou quatro longos anos, até se fixar no monte Hiei para concluir seus estudos sobre a corrente *Tendai*, principalmente, mas tendo acesso também às demais correntes budistas existentes no Japão⁴⁰. Após mais onze anos de estudos, percebe na corrente *Tendai* o caminho mais adequado e toma como ensinamento principal o Sutra Lótus, sintetizado na oração sagrada *Namumyohourengekyou*⁴¹, pronunciada por ele pela

³⁸ Para saber mais sobre o mestre Nichiren e o budismo Mahayana, recomendo O livro “Mahayana Buddhism. The doctrinal foundations” (WILLIAMS, Paul. Londres: Editora Routledge, 1999).

³⁹ A corrente Tendai é uma corrente budista japonesa que segue a vertente Mahayana. Tem suas origens na escola chinesa Tiantai, também conhecida como escola do Sutra Lótus.

⁴⁰ Para saber mais sobre o Budismo no Japão, recomendo o livro “Japanese Buddhism” (ELIOT, Charles. Londres: Editora Routledge, 1959).

⁴¹ As cinco sílabas (Myou-hou-ren-gue-kyou) não representam uma escrita nem um significado, mas o espírito completo de Buda. São os Três Mil Mundos inerentes ao devoto. É a natureza búdica de todos os seres. Todo o ato, a fala e o silêncio dos seres se originam de um só sentimento. Portanto, ao serenar seus sentimentos, sem hesitação, detendo-se unicamente ao Myouhou, não se perderá no ciclo de vida e morte, a lealdade ao soberano e o amor filial serão verdadeiros – em <http://www.budismo.com.br/doutrina1.php>.

primeira vez “em 28 de abril de 1253, no monte Kiyosumi”, na sua cidade natal, Kominato⁴².

Dessa forma, *Nichiren*, que é considerado pela HBS como corpo posterior do *Bossatsu Primordial*⁴³, definiu a existência de dois caminhos presentes no Sutra Lótus, o Caminho Primordial e o Caminho Provisório. Para ele, o Caminho Primordial, seguido pela corrente HBS, está contido entre o 15º e o 22º capítulos. Para o mestre, os adeptos budistas devem devotar o título do Sutra Lótus, que consiste exatamente na oração *Namumyouhourenguekyou*.

2.3.2 *Nitiryu*.

Após o falecimento de *Nichiren*, no dia 13 de outubro de 1282, portanto, aos 60 anos de idade, um terceiro personagem da doutrina HBS surge. Este mestre é denominado *Nitiryu* ou "*Keirinbou*", e também conhecido na vertente primordial como reestruturador da linha *Honmon* do Caminho Primordial do Sutra Lótus. “Nasceu no ano de 1385, 103 anos após o falecimento do mestre *Nichiren*”⁴⁴, mais precisamente no dia 14 de outubro, sendo considerado pelos adeptos como corpo posterior de *Nichiren* e, também, seu sucessor.

Aos 14 anos de idade, *Nitiryu* foi ordenado monge e, aos 18, rumou à cidade de Kyoto, alojando-se no Templo *Myouhonji*.

⁴² BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 2, n. 05. São Paulo, 2000, p. 19.

⁴³ Também conhecido como *Jyogyou Bossatsu*, o *Bossatsu Primordial* foi escolhido diretamente pelo Buda Primordial, para estender a Iluminação a todos os seres *sencientes* em todos os mundos existentes.

⁴⁴ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 8, n. 94. São Paulo, 2007, p. 03.

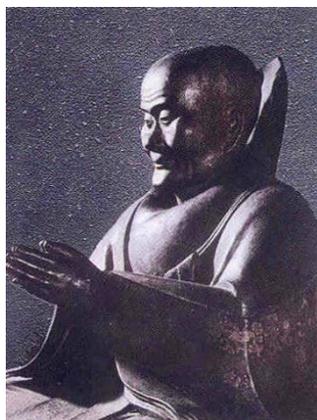


Imagem 3: Estátua do grande mestre *Nitiryu*.

Na sua caminhada, *Nitiryu Daishounin* (como passou a ser chamado após ser ordenado monge) buscou enfatizar a superioridade do Caminho Primordial em relação ao Caminho Provisório definido por *Nichiren*, e combateu de forma veemente os segmentos que adotavam outros Sutras como doutrina básica.

Ao completar 30 anos de idade, em 1415, fundou o Templo *Honnouji*, em Kyoto, expandindo seus ensinamentos às regiões Kawati, Settsu, Norte do Japão e Okayama. Fundou ainda mais 14 templos, sendo considerando um importante expansionista do Sutra Lótus Primordial.

Além disso, *Nitiryu* também compilou escrituras e é considerado o reestruturador da doutrina teológica de *Nichiren*, deixando cerca de 3000 volumes, onde esclarece questões mal interpretadas pelos adeptos e monges, traçando, assim, o Caminho Primordial.

2.3.3 *Nissen*.

No dia 1º de abril de 1817, nasce *Ooji Sendirou*. Desde a infância, por causa da influência dos pais, apreciava as artes literárias, sendo logo iniciado na caligrafia, literatura

e poesia. Consta até “que aos 12 anos foi considerado como uma das pessoas mais célebres na área da literatura da era Meiji”⁴⁵.

Ao contrário dos mestres que o precederam (*Nichiren* e *Nitiryu*), *Ooji Sendirou* ingressou na carreira de sacerdote “somente” aos 32 anos de idade, por influência da vasta obra do mestre *Nitiryu Daishounin*. Assim, começou sua caminhada sacerdotal no Templo *Ryusenji*, na Ilha Awaji, passando a se chamar *Seifu*.

Assim como os Grandes Mestres *Nichiren Daibossatsu*, *Nitiryu Daishounin* e o próprio Buda *Shakyamuni*, *Seifu* não agradava a todos, sendo perseguido e difamado durante toda sua vida monástica.

Mesmo com as adversidades, vindas principalmente da aversão de outras correntes budistas, que não aceitavam a crença única no Sutra Lótus Primordial, e com o intuito de difundir e proporcionar o conhecimento do Buda Primordial a todos, *Seifu* fundou, no dia 12 de janeiro de 1857, a *Honmon Butsuryu-Shu*. A partir daquele momento, passou a ser chamado *Nagamatsu Nissen Shounin*, patrono universal da HBS.

Ao seguir os preceitos do Buda Primordial, se declarando seguidor e devoto de *Nichiren* e afirmando sua condição de legítimo sucessor de *Nitiryu*, mestre da Linhagem Primordial dos Oito Capítulos do Sutra Lótus⁴⁶, *Nissen* “não limitou sua atividade de reestruturação ao âmbito teológico, mas almejou principalmente a ‘prática’ (externação) para proporcionar a expansão”⁴⁷.

⁴⁵ A era Meiji tem início no dia 8 de setembro de 1868 e termina em 30 de julho de 1912. Recebeu o nome do Imperador japonês Meiji, que neste período tornou o Japão uma nova potência mundial (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 8, n. 94. São Paulo, 2007, p. 13).

⁴⁶ Os oito capítulos referidos são os que vão do 15º ao 22º.

⁴⁷ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 8, n. 94. São Paulo, 2007, p. 15.

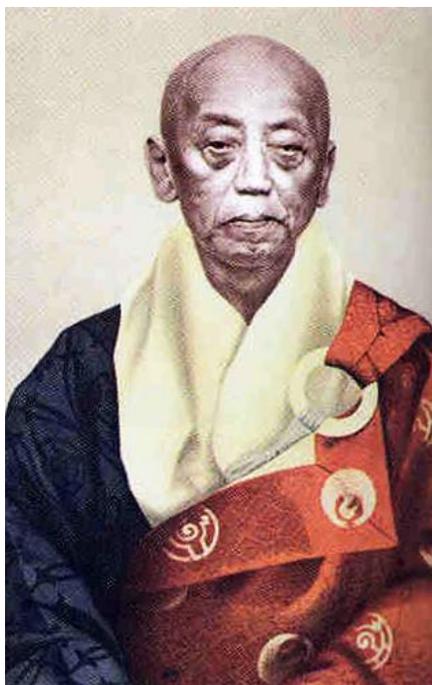


Imagem 4: Mestre *Nissen*, fundador do Budismo HBS.

Além de buscar a expansão e difusão dos costumes do Budismo Primordial, o mestre *Nissen* compôs, ainda, cerca de 3.000 versos explicativos, com o intuito de desenvolver a prática da fé de forma fiel aos ensinamentos dos seus grandes Mestres (Buda *Shakyamuni*, *Nichiren* e *Nitiryu*). Com essa compilação textual de mais de 30 volumes, fundou a base da doutrina da HBS.

Após cumprir seu desejo de estabelecer uma corrente fundamentada na fé no Buda Primordial e no Sutra Lótus, *Nissen Shounin* faleceu em 17 de julho de 1890, aos 74 anos de idade.

2.4- O Budismo HBS pelo Mundo.

Desde o surgimento da HBS em 1.857, com o Grande Mestre *Nissen Shounin*, até os dias de hoje, mais de 154 anos se passaram. Superando, no início, a aversão de seitas provenientes das correntes *Tendai* e *Nichiren* (ou seja, de seitas com a mesma origem da *Honmon Butsuryu-shu*) e passando por diversos empecilhos ao longo de sua história, a *Honmon Butsuryu-shu* consolidou-se como uma das mais importantes correntes do Budismo *Mahayana* japonês, juntamente com as correntes do *Zen*-budismo, *Jōdo-Shin*, *Tendai*, *Nichiren Shu* e *Nichiren Shoshu*.

Atualmente, existem 343 templos da HBS no Japão; seis na Coreia do Sul; um núcleo de cultos em Taiwan; um núcleo de cultos no estado norte-americano do Havaí; um templo e um núcleo de cultos em Los Angeles, Estados Unidos; um núcleo de cultos em Melbourne, Austrália, além dos 11 templos no Brasil, o segundo país em número de adeptos desta corrente (tendo menos adeptos do que o Japão⁴⁸, obviamente).

Esta expansão para o exterior começou nos primeiros anos do século XX, através da imigração de japoneses (alguns, sacerdotes da HBS), que saíram do seu país de origem principalmente por causa do derradeiro início da Segunda Guerra Mundial. Um destes imigrantes, chamado *Ibaragui Nissui*, alcançaria terras longínquas e se tornaria o primeiro sacerdote budista a pisar em solo brasileiro.

2.5- A chegada do Budismo HBS ao Brasil. Um pouco da história de *Ibaragui Nissui*.

Segundo Usarski, dois tipos de Budismo podem ser identificados no Brasil: o Budismo de imigração e o Budismo de conversão, que pode ser, por sua vez, de primeira ou segunda geração (USARSKI, 2002, p. 12).

⁴⁸ A relação de todos os templos da Honmon Butsuryu-shu (HBS) no Japão consta no site <http://www.budismo.com.br/temp1.htm>.

Num primeiro momento, me atei a falar da vinda do Budismo HBS ao Brasil (Budismo de imigração), fato que coincide com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao país e, também, com a chegada do primeiro sacerdote budista. Posteriormente, falarei a respeito do Budismo de conversão, também direcionado aos adeptos da *Honmon Butsuryu-shu* do Brasil (embora o Budismo de conversão ocorra, de forma semelhante, nas demais correntes).

Nossa história começa no dia 28 de abril de 1908, quando um jovem sacerdote parte do porto de Kobe, juntamente com mais 790 japoneses, entre eles sua esposa e um irmão⁴⁹. O fato de vir com familiares era uma exigência do governo japonês, que dava prioridade para a imigração de famílias, com no mínimo três integrantes.

Portanto, o primeiro budista a pisar em solo brasileiro chamava-se *Tomojirô Ibaragui*, e pertencia à corrente *Mahayana* japonesa, *Honmon Butsuryu-shu*. Este jovem sacerdote veio em missão ao Brasil, juntamente com o primeiro grupo de imigrantes nipônicos trazidos para trabalhar nas lavouras de café. Eles atracaram no porto de Santos dentro do navio *Kasato-maru*, no dia 18 de junho de 1908.



Imagem 5: Navio *Kasato-maru*, no qual vieram os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil. Nesta embarcação estava o mestre *Ibaragui*, padroeiro da HBS em terras brasileiras.

Neste mesmo dia, na proa do navio, *Ibaragui* realizou a primeira oração e culto budista, iniciando assim sua longa missão. Após esta primeira prece, acompanhada por todos que estavam no navio, *Ibaragui* e sua família foram encaminhados para diversas

⁴⁹ O irmão de *Ibaragui*, chamado *Shintara*, era um intelectual que há algum tempo estudava português para ter uma adaptação fácil no Brasil. Imigrou fingindo ser o filho de *Ibaragui*. A esposa do sacerdote, de nome *Yasumura Tiyo*, era natural da província de *Toyama* e seu casamento com *Ibaragui* foi arranjado – Correia, 2008, p. 53-54.

fazendas pelo interior do estado de São Paulo, para trabalhar como agricultores, num regime de semi-escravidão.

Sendo assim, é importante notar que o sacerdote passou por caminhos longos, duros e tortuosos, antes de exercer seu papel exclusivo como sacerdote da HBS. Isso porque, o intuito inicial da maioria dos imigrantes japoneses era o de permanecer poucos anos no Brasil, tempo necessário “apenas” para juntar fortuna num país rico em reservas minerais e metais preciosos. Porém, os planos não saíram como o imaginado.

A maior parte dos imigrantes japoneses passou a trabalhar como colonos para grandes proprietários de terra, num trabalho árduo e pesado. E *Ibaragui* e sua família não fugiram a essa regra, embora tivessem o intuito inicial de trabalhar no cultivo do bicho-da-seda e na proliferação do Budismo Primordial.

Assim, por causa destes contratempos, a primeira instituição budista no Brasil, pertencente à corrente HBS, foi estabelecida apenas no ano de 1936 (ou seja, 28 anos após o início da imigração nipônica ao país), pelo sacerdote *Ibaragui*.

“Dessa forma, no início de 1936, colocou-se em prática o plano de construção do núcleo de cultos, através da doação pelo Sr. Matsubara de parte de seu terreno e, no dia 13 de novembro do mesmo ano, foi inaugurada a obra e realizada a colocação do *gohonzon* (altar). O núcleo de cultos, construído em meio aos cafezais, media 72 metros quadrados e localizava-se a 7 ou 8 km de distância da cidade de Lins, considerada na época uma das cidades mais agitadas da região” (USARSKI, 2002, p. 85-86).

Dando prosseguimento à lenta expansão da HBS, foi estabelecido em Quatá e em Presidente Prudente, no ano de 1940, respectivamente o segundo e o terceiro núcleos de cultos da HBS. Até o fim do ano de 1942, dois templos foram construídos nesses locais, substituindo os antigos centros de cultos.

É nítido notar, portanto, que até a primeira metade da década de 40, apesar dos imensos esforços de *Ibaragui* e dos adeptos mais veementes da HBS do Brasil, pouca coisa havia sido feita para a expansão do Sutra Lótus, doutrina do Buda Primordial.

Mas este panorama começou a mudar com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial e a eminente derrota das potências do Eixo, compostas por Itália, Alemanha e Japão. Quando a notícia das perdas humanas, políticas e econômicas chegaram aos ouvidos dos japoneses residentes no Brasil, uma grande revolta foi gerada. A maioria dos imigrantes japoneses, movida por um nacionalismo exacerbado, não acreditavam na inevitável e derradeira derrota do seu país. *Ibaragui* chegou até a ser detido, por ter se recusado a divulgar para os fiéis a rendição japonesa (*Ibaragui* se recusou a divulgar uma notícia na qual ele também não acreditava).

Após um período de negação da derrota, os imigrantes japoneses e seus descendentes se viram numa situação desoladora. Não poderiam mais voltar para sua terra natal, destruída pela Segunda Grande Guerra, tampouco podiam falar seu idioma nas suas casas ou nos templos, pois havia um grande controle por parte da polícia, já que o governo brasileiro, apoiador da base aliada, monitorava severamente as práticas dos imigrantes japoneses.

Mas a derrota na Segunda Guerra Mundial trouxe um aspecto positivo na missão empreendida com dificuldade e afinco por *Ibaragui*, pois, ao perceber que o destino dos imigrantes japoneses no Brasil era fixar residência definitiva, a matriz da *Honmon Butsuryu-shu* no Japão reconheceu o sacerdote como fundador da HBS no nosso país, além de passar a dar crescente apoio à disseminação da doutrina do Buda Primordial em terras brasileiras. Essa tendência foi notada não somente na corrente HBS, mas em diversos outros segmentos budistas japoneses, que, na década de 50, já haviam estabelecido suas primeiras instituições no Brasil.

“... os anos 50 foram muito mais decisivos para a institucionalização do Budismo japonês. No decorrer daquela década, o mesmo vivenciou uma verdadeira onda de fundações, refletindo uma modificação principal na mentalidade dos imigrantes em reação à derrota do seu país natal na Segunda Guerra. Inicialmente caracterizados pela expectativa de não permanecerem no Brasil mais tempo do que o necessário para adquirir uma certa prosperidade, os japoneses sofreriam, depois de 1945, uma forte crise de identidade, mas adaptar-se-iam finalmente à nova situação, decidindo ficar no Brasil como habitantes permanentes. Mais ou menos simultaneamente ao êxodo rural e à criação de colônias japonesas em algumas cidades, especialmente na capital de São Paulo, todas as correntes religiosas, até então representadas quase que exclusivamente por leigos e sua prática informal, manifestaram-se oficialmente no Brasil, com o apoio das organizações matrizes no Japão” (USARSKI, 2002, p. 13-14).

No caso da HBS, apenas nos anos 60 a matriz japonesa passou a enviar sacerdotes para expandir a religião e investir na educação de um crescente número de sacerdotes brasileiros. Nesta mesma década, os Sumos Pontífices, cargo máximo na hierarquia da HBS, passaram a visitar o Brasil.

Com a fixação dos japoneses no Brasil, o crescente apoio da HBS matriz e após o falecimento de *Ibaragui Nissui*, patrono da religião no Brasil, algumas transformações importantes aconteceram em relação às práticas religiosas. Uma primeira mudança importante é o uso (ainda hoje crescente) da língua portuguesa nos templos, tanto em conversas informais entre fiéis, como em ensinamentos religiosos, cultos, orações e reuniões (embora a utilização do português seja alternada com o uso do japonês).

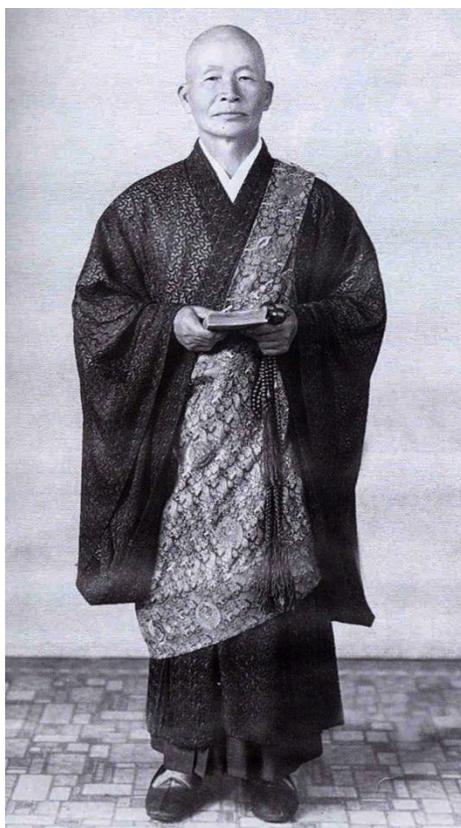


Imagem 6: Mestre *Ibaragui*, no auge de suas atividades, no ano de 1949. Em suas mãos ele segura o terço budista e o livro Sutra Lótus.

Esta mudança ocorreu naturalmente, a partir da segunda geração de descendentes, que tem no português sua linguagem corriqueira. Nas palavras de Usarski:

“Essa tendência teve início na década de 70, a partir das associações dos jovens e das crianças, não havendo a possibilidade de retrocesso; panfletos explicativos são editados em português. Foi nessa conjuntura que os *nisseis*, segunda geração, iniciaram seu ingresso na carreira sacerdotal. Até 1987 foram ordenados sete sacerdotes *nisseis*; além destes, dois sacerdotes de descendência não japonesa foram ordenados” (USARSKI, 2002, p. 103).

Desta forma, temos a expansão da HBS através do Budismo de conversão, visto que a doutrina pode, agora, ser compreendida por todos, na língua oficial do Brasil.

Outra importante transformação foi o surgimento de uma espécie de “batizado” (cerimônia de iniciação ao Budismo), que faz uso do nome de uma típica cerimônia cristã.

Qualquer criança filho de fiel poderá receber o batismo. Os “padrinhos” e “madrinhas” são escolhidos e o dever dos mesmos é auxiliar os pais na educação e no bom encaminhamento dos seus afilhados. No templo *Nikkyoji* de São Paulo, esta cerimônia é realizada desde 1980. Também são realizadas cerimônias de enlace matrimonial (USARSKI, 2002, p. 103-104).

2.6- Atual panorama da HBS no Brasil.

Para entender o atual panorama do Budismo HBS no Brasil, devemos considerar a existência de outras correntes budistas no país, assim como a representatividade da religião.

Atualmente, mais de um século depois da imigração japonesa, existem mais de 245 instituições budistas no Brasil (não só japonesas, como também chinesas, coreanas, vietnamitas, do sudeste asiático, entre outras), entre templos, associações e centros de estudos da religião, sendo que a maioria concentra-se nas regiões Sul e Sudeste, totalizando mais de 80% de todas as instituições instaladas no país.

Entre estas instituições, temos a presença do budismo Vajrayana Tibetano, com as escolas Nyingma (64 centros), Bön (1 centro), Gelug (6 centros), Kagyü (10 centros) e Sakya (3 centros); das escolas Mahayana Ch'an (6 centros) e Ching-t'u (2 centros), provenientes da China; do budismo Theravada (12 centros), proveniente do Sudeste Asiático; das escolas Mahayanas Jōdo (3 centros), Jōdo Shin (80 centros), Nichiren (2 centros), Sōtō Zen (41 centros) e Honmon Butsuryu-Shu (11 centros), proveniente do Japão, do budismo Vajrayana japonês, com as escolas Shingon (3 centros) e Tendai (1 centro); do budismo Mahayana Vietnamita, representado pela escola Thiên (6 centros) e do Budismo Mahayana Coreano, representado pela escola Sōn (2 centros)⁵⁰.

Segundo o último censo do IBGE, realizado em 2000, existem no Brasil 214.873 budistas. Porém, “em março de 1997, a revista *Isto é* fez referência a cerca de 1 milhão de seguidores desta religião oriental. Em fevereiro de 2001 a *Folha de São Paulo* se referiu ao mesmo número (USARSKI, 2002, p. 10).

Na HBS do Brasil, estima-se que existam cerca de 7.000 fiéis nos 11 templos da religião no Brasil. Estes templos são: *Taissenji*, localizado em Lins-SP; *Ryushoji*, em Mogi

⁵⁰ Em relação a estes dados, é importante lembrar que o termo “centros” budistas se refere à grupos de estudo, associações e/ou templos. No caso da HBS do Brasil, existem 11 templos da religião no país. (Disponível em: <http://www.dharmanet.com.br/links/enderecos.php?>).

das Cruzes-SP; *Nissenji*, em Presidente Prudente-SP; *Hompoji*, em Londrina-PR; *Hoshoji*, em Itaguaí-RJ; *Butsuryuji*, em Taubaté-SP; *Honmyoji*, em Sarandi-PR; *Rentokuji*, em Campinas-SP; *Nyorenji*, em Curitiba-PR; *Shinyouji*, em Cuiabá-MT e a Catedral *Nikkyoji*, que fica localizado na Rua Ibaragui Nissui⁵¹, número 166, no bairro Jardim Vila Mariana, na capital paulista.

A maior parte dos fiéis da *Honmon Butsuryu-shu* do Brasil é formada por japoneses e seus descendentes (de primeira ou segunda geração), mas existem fiéis e até alguns sacerdotes de origem não japonesa, como é o caso do sacerdote superior *Kyohaku* Correia, que atualmente ocupa o cargo de arcebispo da HBS (cargo mais alto da religião no Brasil) e reside na Catedral *Nikkyoji*. Isso comprova a imersão cultural da religião HBS no nosso país, cada vez mais miscigenando e integrando nipônicos e brasileiros, seguidores do Buda Primordial e de seus ensinamentos.

⁵¹ A rua onde fica localizada a Catedral *Nikkyoji* recebeu a nomeação Ibaragui Nissui, em homenagem ao fundador da HBS no Brasil.

Capítulo 3: Olhar por dentro: Uma imersão no dia a dia da Catedral *Nikkyoji*.

Uma breve história:

Praticar a fé e a compaixão. Aliás, a compaixão é a fé em exercício. Pregamos a importância da consciência do devoto e não imposições pelo medo de uma punição. Almejamos a iluminação mútua nem que para isso tenhamos que renascer várias vezes (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 9, n. 89, p. 27).

Após esta pequena e humilde revisão histórica da religião HBS, desenvolvida no capítulo anterior, chega o momento de realizar nossa pesquisa de campo. Para tanto, faz-se necessário contar, antes, um pouco da história da Catedral *Nikkyoji*⁵², local que visitei e passei 04 dias contínuos no convívio com os sacerdotes e fiéis.

Durante o início da década de 1940, os fiéis da HBS residentes no estado de São Paulo formavam o 4º núcleo de cultos (por ordem de criação no país) e pertenciam ao templo *Ryushoji*, localizado na cidade de Mogi das Cruzes. Nesta época, *Ibaragui Nissui Shounin* (como já vimos no capítulo 2, o fundador da HBS no Brasil) tinha que viajar da cidade de Lins, local onde residia, para visitar as casas dos fiéis da cidade de São Paulo.

No ano de 1942, um grupo de fiéis de São Paulo motivou-se a construir um novo núcleo de cultos tentando atender as demandas da capital, que desde outrora já possuía uma grande população de japoneses e de seus descendentes. Iniciaram, com este intuito, as arrecadações para aquisição de um terreno.

Com o esforço dos fiéis, em 1944 é inaugurado o núcleo de cultos da cidade, localizado na Vila Matilde. Para iniciar as atividades de expansão da religião, a partir deste

⁵² As informações utilizadas para narrar a retrospectiva da criação da Catedral *Nikkyoji* foram extraídas da revista *Sutra Lótus*, número 67.

centro de cultos (nomeado, por *Ibaragui Nissui*, de *Hakkou-zan Issenji Taikan-Gumi*), foi enviado o sacerdote *Jimbo Nítido*.

Já no ano de 1948, com a realização de novas atividades motivadas pelo crescente interesse dos fiéis locais, foi determinada a construção de um novo salão de cultos para este núcleo (as arrecadações de verba tiveram início em junho de 1952).

Em 1950, devido ao aumento de fiéis na zona sul da cidade de São Paulo, os sacerdotes começaram a cogitar a abertura de mais um núcleo (templo) para a região. O primeiro passo para este novo templo foi dado em 1954, ano no qual foi criada uma nova sede para a realização de cultos em Jabaquara, localizada na rua Messiana e denominada *Jyoushou-Gumi*.

Cinco anos após a inauguração do núcleo de Jabaquara (em setembro de 1955), chega ao Brasil o 11º Sumo Pontífice da HBS, *Kajimoto Nissatsu Shounin*, acompanhado pelo bispo *Shimizu Nippaku*. Esta foi a primeira visita oficial da HBS do Japão à sua filial brasileira. Com a chegada do Sumo Pontífice, maior autoridade da religião, surgiu a ideia de fundir os núcleos da Vila Matilde e Jabaquara. Com este intuito, os sacerdotes japoneses pediram a compreensão e união dos fiéis e, também, escolheram o nome do novo templo que nasceria após esta junção, futuramente batizado como “Catedral *Nikkyoji*”⁵³.

Em 1959, após a união dos dois núcleos na cidade, foi estabelecida a meta de, no prazo máximo de três anos, construir um novo templo na cidade de São Paulo. Para isso, criou-se uma comissão presidida por *Ibaragui Nissui Shounin*. No mesmo ano, foram iniciadas as arrecadações junto aos fiéis, com o intuito de custear a construção da nova sede.

Assim, em 1960 foi comprado o terreno para construção do templo no bairro Bosque da Saúde, mais precisamente na rua Luiza, número 52. Dois anos depois, no dia 28 de julho de 1962, a Imagem Sagrada (*Namumyouhourenguekyou*), que se encontrava no núcleo de cultos de Jabaquara, foi transferida para o novo Templo e realizada a cerimônia de inauguração, que aconteceu juntamente com o Grande Culto ao Mestre *Nissen Shounin*,

⁵³ Este nome foi dado em homenagem ao mestre de *Ibaragui Nissui Shounin*, o 4º Sumo Pontífice da HBS, *Nitkyou Shounin*.

precursor da HBS. *Ibaragui Nissui Shounin* foi, então, nomeado o primeiro bispo do templo *Nikkyoji*.

Já em meados da década de 70 “ocorre a compra de um novo terreno e, após quase uma década de construções, a inauguração da atual igreja (localizada na Vila Mariana) é realizada em 20 de junho de 1982. *Ibaragui Nissui Shounin* falece em 1971, antes da inauguração do novo templo” (USARSKI, 2002, p. 97).

“O dia a dia no templo” ou “O diário de campo”:

Após cerca de três meses passados do contato inicial, decorrente da minha primeira visita à Catedral *Nikkyoji* (realizada no dia 13/03/11, juntamente com meus tios Paulo Hideo e Teruko Nakaoka Hideo), tempo necessário para estudar e entender um pouco desta corrente do Budismo, religião tão complexa, rica e, ao mesmo tempo, apaixonante, chega o momento oportuno de realizar a tão esperada pesquisa de campo participativa.

Para tanto, mantive contato por algumas vezes com o sacerdote *Kyougyou* Amaral, na época, um jovem rapaz de apenas 22 anos (o mais novo sacerdote budista do Brasil), não-descendente de japoneses, responsável pelos jovens da Catedral *Nikkyoji* e pela manutenção do site da HBS.

Então, após algumas trocas de e-mails com tal clérigo, soube por ele que precisaria da autorização do *Odoshi*⁵⁴ *Kyouhaku* Correia, outro não-descendente, responsável pela Catedral *Nikkyoji* e principal autoridade da HBS em terras tupiniquins.

Soube, ainda pelo sacerdote Amaral, que o bispo Correia estaria, até o dia 21 de maio, no Japão, para prestar cuidados às vítimas do terremoto (e conseqüente tsunami) que desolou boa parte do país, causando graves prejuízos materiais e, o que é pior, humanos. Embora ansioso e um tanto apreensivo quanto ao andamento da minha pesquisa, entendi, obviamente, o motivo da espera.

⁵⁴ *Odoshi* significa Mestre. No caso, o líder religioso do templo *Nikkyoji* é o *Odoshi* Correia.

Sendo assim, no dia 23 de maio liguei novamente para a Catedral *Nikkyoji*, a procura do recém chegado bispo. O sacerdote Amaral me atendeu, pedindo que mandasse um e-mail diretamente ao líder religioso do templo, para que o mesmo autorizasse minha pesquisa.

Pedi ao *Odoshi* que me autorizasse a ficar uma semana no templo, acompanhando o dia a dia dos sacerdotes e a convivência destes com a comunidade de fiéis e com a sociedade leiga. Ele me concedeu três dias e uma noite, afirmando ser o suficiente.

Então, o combinado era que eu chegasse no dia 26-05-11 e seguisse um roteiro, pré-estabelecido pelo bispo e prontamente enviado por e-mail. A seguir, reproduzo o cronograma na íntegra e narro, datadamente, o cotidiano por mim presenciado (acompanhado das devidas fotografias).

Quinta-feira (26/05/2011):

19:30 - Chegada, apresentações, reunião da diretoria do templo, recolher aos aposentos.

Sexta-feira (27/05/2011):

4:10 – Acordar, despedir do mestre *Odoshi* Correia (saída dele para o programa de rádio), limpeza.

6:00 - Culto Matinal.

7:30 - Café da manhã.

8:00 – Orações.

9:00 - Limpeza do quintal e calçada.

12:00 – Almoço.

13:30 - Visitas assistenciais (com Sacerdote *Gyouen* Campos).

19:00 - Culto Noturno.

Sábado (28/05/2011):

5:00 - Acordar.

5:30 - Orações, limpeza.

6:30 - Culto matinal.

8:00 - Café da manhã.
9:00 - Início das orações fervorosas, vigília 24 horas.
9:30 - Saída para divulgação e passeata na Av. Paulista.
11:00 - Saída para o culto domiciliar com o Sarcedote *Tadokoro*.
16:00 - Orações fervorosas com o Sacerdote Barbosa (até as 18:30).
19:00 - Catequese budista.

Domingo (29/05/2011):

01:30 - Acordar.
02:00 - Orações fervorosas com o Sacerdote Campos.
05:00 – Descansar.
06:00 – Limpeza.
08:00 - Culto Matinal.
10:00 - Café da manhã.
11:00 - Culto Póstumo (com *Odoshi* Correia).
13:00 Culto dos jovens (com o Sacerdote Amaral).
18:00 - Oração de agradecimento e janta (despedida).

Dia 26-05-11 (noite)

Nos dias anteriores à minha jornada, preparei uma mala de roupas e outros apetrechos. E como o bispo me disse, pelo último e-mail trocado, que não haveria janta neste dia, “escondi” na minha mala três pacotes de salgadinhos, dois pacotes de queijo (como bom mineiro que sou), uma barra de chocolate e três pacotes de biscoitos recheados. Embaixo dos mantimentos extras, coloquei muitas roupas de frio, temendo as destemperanças climáticas paulistanas, além de alguns objetos pessoais.

Na minha maleta, o notebook de onde escrevo não poderia faltar. E, na surrada mochila do dia a dia, minha máquina fotográfica Nikon D300, com minha lente Nikor 18-200 mm e meu flash SB800.

Bem equipado, peguei o ônibus das 16:00 horas, de Campinas para São Paulo, chegando na terra da garoa às 17:45. Depois de passar algum tempo num táxi, engarrafado

nos gargalos das avenidas paulistanas, chego à Catedral *Nikkyoji* (não sem antes me perder, por conta de um taxista desavisado) por volta das 19:15.

Uma jovem budista vem me atender nos portões. Eu me identifico e sigo ao encontro do arcebispo Correia, que prontamente vem me receber, dizendo para que fique à vontade.

Presencio então, munido do meu novo gravador, a primeira oração, que tem o intuito de agradecer o encontro e pedir graças aos membros da diretoria do templo. Após o breve culto, regido pelo som das clavas tocadas pelo bispo, que realizava ao mesmo tempo as recitações dos ensinamentos, nos encaminhamos para a sala de reuniões, não antes de passarmos no quarto de hóspedes, que vai ser o meu até domingo à noite. Um quarto limpo, com duas camas com lençóis cheirando a sabão em pó (uma delas serviu como escritório), um guarda-roupa de solteiro, um pequeno ventilador, uma estante onde deixei meus equipamentos e uma pequena televisão com DVD. Um aposento com suíte e, nas palavras do sacerdote Amaral, “com água quente também”.



Fotografia 1: Quarto de hóspedes.



Fotografia 2: Banheiro, “com água quente também”.

De volta à sala de reuniões, o bispo Correia inicia o encontro da Diretoria exatamente na hora marcada, às 19:30, não sem antes me apresentar a todos os presentes e insistir para que ficasse à vontade.

Após cumprirmos as formalidades, o sacerdote Barbosa passa servindo café para todos, enquanto eu tirava minhas primeiras fotografias, movido por uma imensa ansiedade e inexperiência, que deve afetar a todos os aspirantes a antropólogo. Sem tardar, o bispo me chama, de maneira educada, a atenção. Afirma que conseguirei escrever tudo que quiser depois da experiência, porque, segundo o mesmo, “depois de ter vivenciado tudo, é fácil escrever”. Disse-me, ainda, que enquanto eu fotografava perdia a primeira prática da reunião - justamente o sacerdote servindo o café (fotografias 3 e 4).



Fotografia 3: Sacerdote Barbosa servindo café ao diretor da Catedral *Nikkyoji*.



Fotografia 4: Sacerdote Barbosa servindo seu confrade (sacerdote Amaral).

Mas, de maneira inocente e com medo de não ter tempo suficiente de fotografar (ou de perder alguma imagem importante), continuei na prática de escrever com luz, até que o sacerdote Campos (que estava sentado ao meu lado), me diz para “dar um tempinho”, pois era desejo do bispo que eu realizasse a pesquisa, mas, também, que vivesse o período como se fosse um verdadeiro aspirante a sacerdote. Ouvindo o ilustre conselho, desliguei momentaneamente a câmera, mantendo apenas o gravador ligado (assim estava desde o início da assembleia).

A reunião, que contou com cinco sacerdotes e uma sacerdotisa, além do bispo, do presidente do templo e de outros membros da diretoria⁵⁵, serviu para tratar de assuntos financeiros - como o balanço mensal da igreja, o dinheiro arrecadado em eventos, o cancelamento do torneio máster de futsal, os valores gastos na reforma do refeitório da igreja, o orçamento para reformar o sistema elétrico do templo e as verbas de viagens e encontros da HBS do Brasil. Além destes assuntos financeiros e pontuais, falou-se bastante na necessidade de motivar os fiéis a participarem, sempre, dos eventos da igreja.



Fotografia 5: Bispo Correia discorre, ao lado do diretor do templo.

⁵⁵ Além dos sacerdotes e do bispo, que são os responsáveis religiosos do *Nikkyoji*, todos os templos da HBS no Brasil contam com uma diretoria formada pelos fiéis, chefiados por um presidente.



Fotografia 6: Bispo Correia em suas anotações, durante a reunião da diretoria.



Fotografia 7: Sacerdote Campos, em momento de descontração, durante reunião da diretoria.

Ao final da reunião, na qual todos tomaram seu café e comeram bolachas e balas, uma rápida oração de agradecimento foi realizada pelo bispo. Depois, todos, inclusive eu (a pedido de um dos sacerdotes), organizamos as mesas e cadeiras da sala.



Fotografia 8: Sacerdote Amaral comendo bolachas, mas atento à reunião.



Fotografia 9: Sacerdote Amaral anotando suas considerações, enquanto o sacerdote *Tadokoro* saboreia um *waffle*.

Após algumas conversas informais e fotografias mais descontraídas, com o bispo tomando a frente das ações de interação, nos despedimos com o cumprimento “*arigatogosaimashita*⁵⁶”, e nos dirigimos aos nossos aposentos. Nas palavras do bispo Correia, “aqui a gente segue o horário”. De fato, a reunião acabou por volta das 21:30, conforme o combinado.

⁵⁶ Expressão japonesa de agradecimento, que significa “é um prazer estar com você”.



Fotografia 10: Momento de descontração entre os sacerdotes, após a reunião da diretoria.



Fotografia 11: Bispo Correia, juntamente com fiel da Catedral Nikkyoji.

Antes de irmos para os respectivos quartos, mais algumas conversas e brincadeiras entre os sacerdotes, sendo o alvo principal este que vos escreve. Depois, acompanhei o sacerdote Barbosa na ronda noturna (para conferir se todos os portões estão trancados, afinal, dentro ou não de um templo, estamos na cidade de São Paulo) e me encaminhei ao meu aposento, de onde encerro meu primeiro relato, por volta das 23:30. Cansado, ansioso e com algumas dores nas costas causadas pela posição na qual escrevo. Mas feliz, de fato, e confiante de que esta vai ser uma das mais importantes experiências da minha vida. “*Oiassuminassai*⁵⁷”.

Dia 27-05-11.

Com real esforço escrevo, as 23:10 desta sexta-feira. Na verdade, não me recordo de tamanha exaustão nos meus últimos 26 anos. Mas, em nome da boa continuidade da minha pesquisa, opto por fazer um esforço quase búdico para relatar as experiências deste dia.

Hoje, acordei às 04:00 da manhã, tendo dormido na noite anterior após a meia noite. Portanto, menos de 4 horas depois, já estava de pé, para me encontrar com os sacerdotes no escritório, como havia sido combinado no dia anterior, junto ao *Odoshi* Correia.

Faço apressadamente minha higiene pessoal, coloco duas camisas e me agasalho com meu casaco, esperando o frio do final da madrugada paulistana.

Encontro-me com o sacerdote Campos num andar abaixo do meu (que é o segundo) e, com ele, desço até o térreo, onde me reúno com os outros cinco sacerdotes e o bispo Correia, que, apressadamente, se despede de todos, indo em direção à “Rádio Mundial”, onde apresenta todas as sextas-feiras, às 05:00 da manhã, o programa “Despertar Budista⁵⁸”. Depois, todos nos encaminhamos para o *Hondo*⁵⁹, onde acontece a limpeza do *Gohonzon*, o altar sagrado da HBS.

⁵⁷ Expressão japonesa que significa “boa noite”.

⁵⁸ Programa de rádio semanal, disponível em <http://www.radiomundial.com.br/>.

⁵⁹ Nave principal do templo, onde acontecem os principais eventos (cultos e cerimônias).



Fotografia 12: Despedida do bispo Correia, às 5:00 horas da manhã.

Após tomar um pequeno copo de café, o sacerdote *Tadokoro* me diz para ficar a vontade para fotografar e gravar (sonoramente) o culto. Digo a ele que, já que vou presenciar várias vezes o culto principal - repetido pela manhã e à noite - optarei por apenas observar esta primeira experiência, com a finalidade de entender um pouco do ritual e vivenciar aquele momento sem o “peso” da câmera fotográfica. Ele concorda, esboçando certo ar de contentamento.

Depois da rápida, porém cuidadosa limpeza do *Gohonzon*, inicia-se o culto matinal, pontualmente às 06:00 da manhã. Então, ligo meu gravador e o deixo repousar em um dos bancos.

Em um outro assento mais próximo, acompanho o culto, regido pelo bispo Correia, que acabara de retornar do programa de rádio “Despertar Budista”. Ao lado dele, o

sacerdote Campos bate o *taiko*⁶⁰, o sacerdote *Tadokoro* toca o sino, enquanto todos os demais religiosos, o bispo Correia e os fiéis presentes no templo, pronunciam incessantemente a oração sagrada *Namumyouhourenguekyou*⁶¹, batendo com a mão (normalmente a direita) fechada na perna, num gesto típico do ritual em questão, ritmados pela música dos instrumentos e por um cântico sagrado.

Após a pregação realizada pelo bispo Correia, termina-se o culto, com aproximadamente 45 minutos de duração.

Rapidamente, o *Odoshi* Correia dirige-se para uma ante-sala no andar de baixo ao *Hondo*, onde também existe um altar sagrado (*Gohonzon*). Lá, acompanhado pelos sacerdotes e por alguns fiéis, ele repete o mantra *Namumyouhourenguekyou* de forma incessante, ao som das batidas de clavas. Após o término deste pequeno culto, o bispo e os sacerdotes se encaminham para outro recinto, onde também existe um *Gohonzon*. Todo processo se repete, o mantra *Namumyouhourenguekyou* é evocado de forma veemente, e outras orações e preces também são entoadas. Por fim, eles novamente se apressam, sobem as escadas e chegam a um aposento ao lado do *Hondo*. Nesta sala, onde ocorrem as reuniões dos sacerdotes, novamente repetem a evocação do *Namumyouhourenguekyou*, em frente ao quarto altar sagrado.

Neste aposento, ao término das orações, percebo que estão, além de mim, apenas o bispo Correia e os seus sacerdotes. Começa então uma sessão de comentários, não antes de o bispo Correia pedir para que eu me apresentasse. Atendo ao pedido do *Odoshi*, e, após a minha breve explanação, saudada com o tradicional “*arigatogosaimashita*”, o bispo Correia começa uma espécie de sabatina, apontando as falhas dos sacerdotes durante o culto e a reunião do dia anterior (da diretoria). Os demais sacerdotes pedem perdão (*gomenassai*⁶²), e passam a indicar os erros dos outros sacerdotes. Percebendo o meu espanto, o *Odoshi* me explica que aquela é uma prática de humildade, importante para o aprimoramento da fé budista da HBS do Brasil.

⁶⁰ Instrumento musical japonês, semelhante a um tambor.

⁶¹ Como vimos no capítulo anterior, a oração sagrada não possui um significado literal. Representa, para os devotos, a causa, essência e semente da Iluminação do Buda.

⁶² Expressão japonesa que significa “perdão”, ou, no caso, “perdoe-me”.

Após esta sessão de sabatina, todos os sacerdotes dirigem-se à calçada do templo, que ocupa um quarteirão, e começam a varrer as folhas secas (sequência 13 até 19). Lá, passo a conversar sobre vários assuntos com os clérigos, principalmente com o sacerdote *Tadokoro*. Falamos de música, de futebol, de religiões cristãs, de questões aparentemente tabus, como sexo, álcool e drogas. Percebo, então, que os sacerdotes da HBS são pessoas como quaisquer outras, que “apenas” seguem uma rotina muito intensa e dura. Têm desejos, vontades e defeitos (como todos os outros humanos), mas procuram pedir perdão por estas falhas diante do *Gohonzon*.



Fotografia 13: Sacerdotes pegam os materiais de limpeza.



Fotografia 14: Sacerdotes, com suas vassouras, se preparam para a limpeza da calçada.



Fotografia 15: Panorâmica da limpeza. Na foto, vemos os sacerdotes Campos (à esquerda), Barbosa (centro) e Tadokoro (à direita).



Fotografia 16: Sacerdotes varrem a sujeira e as folhas da calçada.



Fotografia 17: Sacerdote Campos junta as folhas e galhos secos com o pé e a vassoura.



Fotografia 18: Sacerdote Amaral (à esquerda) brinca com o sacerdote *Tadokoro*, enquanto trabalham na limpeza.



Fotografia 19: Sacerdotes *Tadokoro* (à esquerda), Amaral (no centro) e Campos (à direita) juntam as folhas e galhos secos em sacolas plásticas, encerrando a limpeza da calçada.

Após muitas fotos da limpeza da calçada voltamos ao *Hondo*, onde algumas fiéis preparavam o *ikebana*, um arranjo de flores oferecido à Imagem Sagrada. Tal prática ocorre porque, semanalmente (normalmente na sexta-feira), em sinal de respeito e veneração à Imagem Sagrada, trocam-se as flores que enfeitam o *Gohonzon* (sequência 20 até 23).



Fotografia 20: Fiéis trocam as flores do Altar Sagrado.



Fotografia 21: Fiéis ornamentam o Altar Sagrado com arranjos de flores (chamado de *Ikebana*).



Fotografia 22: Fiéis continuam montando os arranjos de flores, utilizando máscaras para evitar que a expiração atinja os ornamentos, que será oferecido à Imagem Sagrada (sinal de respeito e devoção).



Fotografia 23: Fiéis organizam as garrafas de água benzida.

Após a limpeza das pétalas que sobraram, nos encaminhamos à cozinha do alojamento, onde, em grupo, almoçamos todos, como uma grande família. Embora eu esperasse por comida japonesa, me surpreendi com uma típica comida tupiniquim. Arroz, feijão, batata assada com queijo, salada (tomates, alface e couve), ovo cozido, um vinagrete muito bem temperado e frango a milanesa, acompanhado por um saboroso suco de maracujá. Após a refeição, todos, inclusive eu, ajudam a lavar as louças.

São aproximadamente 12:30 e temos tempo livre até as 14:00 horas. Vou ao meu quarto, com o intuito de repousar um pouco, já que estava cansado pela noite pouco dormida. Mas, após um breve momento de reflexão, pego meu gravador e saio a procura de um sacerdote para entrevistar, com o intuito de aproveitar ao máximo minha estadia na Catedral *Nikkyoji*.

Desço até o escritório onde os religiosos trabalham e me encontro com o sacerdote Amaral. Peço para que ele me conceda uma entrevista e sou prontamente atendido. Após

uma interrupção do telefone, nos encaminhamos para a sala de reunião dos sacerdotes, que estava vazia. Produzimos, ali, uma entrevista de aproximadamente uma hora⁶³. Nesta entrevista, me chama a atenção a explicação dada pelo sacerdote em relação à hierarquia na HBS.



Fotografia 24: Sacerdote Amaral, primeiro a ser entrevistado.

Ele me explica que a estrutura administrativa de um templo da HBS é composta por fiéis, que juntos formam a diretoria desta igreja, liderados por um presidente. Como eu notei na reunião da noite anterior, esta diretoria é composta pelos membros mais ativos e que estão sempre presentes nas atividades da igreja. Mas o importante aqui, também, é entender como é formada a hierarquia religiosa dentro do *Oterá*⁶⁴.

Na HBS, os tradicionais monges são denominados sacerdotes, que embora não estejam acima dos fiéis, possuem a grande responsabilidade de orientá-los e transmitir os ensinamentos da doutrina que seguem.

Em síntese, a hierarquia na HBS (tanto no Japão quanto no Brasil) segue a seguinte ordem crescente: 5º Sacerdote, 4º Sacerdote, 3º Sacerdote, 2º Sacerdote, 1º Sacerdote,

⁶³ As entrevistas com os sacerdotes estão transcritas na parte final da dissertação.

⁶⁴ Significa “Templo”, na língua japonesa.

Sacerdote Superior, Pré-Pontífice, Pontífice, Pré-Sumo Pontífice e Sumo Pontífice. Ao todo são dez patamares, além das funções de Bispo e Arcebispo que, por serem considerados cargos (com eleição e período de vigência), não fazem parte da hierarquia⁶⁵.

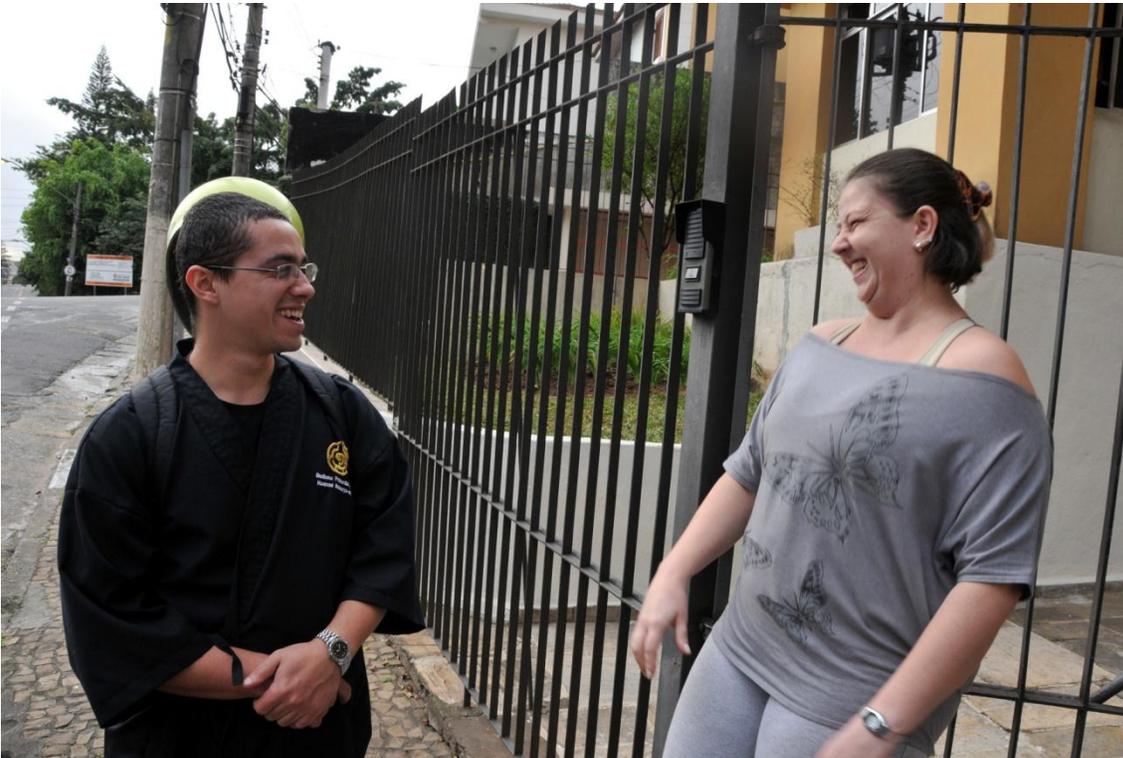
O sacerdote *Kyougyou* Amaral, na entrevista em questão, define bem esta divisão hierárquica, assim como os detalhes para evoluir de graduação dentro da religião:

“Os níveis começam assim: Aprendiz, que não tem nenhum grau, 5º sacerdote, 4º, 3º, 2º, 1º. Depois do primeiro vem sacerdote superior, depois disso é Pré-Pontífice, Pontífice, Pré-sumo Pontífice e Sumo-Pontífice. São dez graus. O Bispo correia é sacerdote-superior. Já estudou no Japão, tem uma instrução maior. Ele fez as provas pra ir subindo de grau. Tem que ter faculdade, tem que ser formado, tem várias condições para subir de nível, como se fosse faixa de arte-marcial. Eu sou 4º sacerdote já. Cada transição demora de 2 a 5 anos. No começo é de 2 em 2 anos, depois vai ficando mais demorado. De 5 em cinco anos acontece uma avaliação para os sacerdotes passarem de nível. A prova seria mais teoria, mas a prática que a pessoa faz também conta. Uma pessoa que pratica direitinho, claro que vai subir mais rápido do que uma pessoa relaxada. Se eu já tiver faculdade, eu entro no 5º e passo direto para o terceiro nível. Agora estou em 4º e se eu fizer uma faculdade eu posso acabar pulando direto para o 2º. O sacerdote que pretende chegar em um grau onde ele possa instruir as pessoas, possa ter seu templo para expandir, ele tem que se esforçar nesse sentido.”

Após a entrevista procuro o sacerdote Campos, para acompanhá-lo na visita aos fiéis. Antes de partirmos, o mesmo me explica que, na Catedral *Nikkyoji*, os fiéis são divididos em sub-regiões, tendo cada sacerdote a responsabilidade sobre um destes grupos.

Juntos, o sacerdote Campos e eu andamos um pouco até chegar ao metrô Vila Mariana. Ao desembarcarmos do metrô, pegamos um ônibus até chegar à sub-região Leste de São Paulo. Lá, peregrinamos como os antigos budistas o fizeram na Índia, tentando disseminar sua doutrina.

⁶⁵ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 9, n. 89. São Paulo, 2007, p. 25.



Fotografia 25: Sacerdote Campos na sua primeira visita assistencial do dia.



Fotografia 26: Sacerdote Campos conversa com fiel da sub-região que coordena.

Visitamos as casas de cinco fiéis, locais onde o sacerdote Campos realizou pequenos cultos domiciliares. Depois, pegamos um ônibus e dois metrô, até chegar ao bairro da Liberdade, onde saboreamos uma boa refeição, no melhor estilo da culinária nipônica.

Dirigimo-nos, então, ao metrô do bairro da Liberdade, até chegarmos na estação Vila Mariana. De lá, caminhamos até o Templo, chegando exatamente às 20:56. Depois, tomo um banho quente e desço para, ainda, realizar minha última entrevista do dia, com o mesmo sacerdote Campos (a quem acompanhei durante as visitas assistenciais). Após um dia inteiro juntos, certamente tinha muita liberdade para falar dos mais variados assuntos, afinal, fizemos uma boa amizade durante essas mais de cinco horas de peregrinação.



Fotografia 27: Sacerdote Campos durante a entrevista.

Após a entrevista, tenho tempo, ainda, de tomar uma cerveja *Heineken* juntamente com o sacerdote Amaral, e para uma descontraída conversa com o mesmo.

Depois, dirijo-me ao meu aposento e agora, às 23:55, me despeço, ouvindo ecoar incessantemente na minha mente o mantra sagrado, *Namumyouhourenguekyou*. Amanhã, despertarei às 06:00 da manhã, para mais um longo e, espero, proveitoso dia.

Dia 28-05-11.

Após um dia anterior exaustivo (devo ter caminhado cerca de 15 km, com um equipamento de quatro quilos nas costas), acordei hoje, dia 28-05-11, às 05:40. Fiz minha higiene pessoal, tomando um rápido banho, escovando os dentes e ajeitando os cabelos.

Dirigi-me até o *Hondo* como de costume, onde, para minha surpresa, já se encontravam todos os sacerdotes e o *Odoshi* Correia, devidamente trajados e entoando o *Namumyouhourenguekyou*.



Fotografia 28: Cumprimento entre os sacerdotes, durante as orações prévias da manhã.



Fotografia 29: Sacerdotes orando o *Namumyohourengekyou*, postados em direção à Imagem Sagrada.

Apesar de constar no meu roteiro que o início das atividades seria às 06:00 da manhã (roteiro este enviado por e-mail pelo bispo Correia, dias antes do início da pesquisa), percebi que estava um pouco atrasado. Os sacerdotes já haviam começado uma espécie de aquecimento do Culto Matinal. Liguei minha máquina e comecei a fotografar a organização do altar, prática diária dos clérigos da HBS.



Fotografia 30: Sacerdote *Kyokay (shi⁶⁶)*, limpando o altar principal.



Fotografia 31: Limpeza do altar póstumo, onde deposita-se incensos em homenagem aos mortos.

⁶⁶ Após o nome do sacerdote acrescenta-se o sufixo *shi*, em sinal de respeito.

Por volta das 06:10, quando a primeira devota adentra o *Hondo*, ligo meu gravador e o deixo estrategicamente localizado, num dos bancos vazios perto do altar.

Às 06:30 tem-se início a cerimônia. Começo então a fotografar todos os detalhes do culto principal da HBS (Catedral *Nikkyoji*), ritual que observei com atenção no dia anterior.

Sem poder realizar tomadas sobre o altar, por motivos óbvios de respeito ao local sagrado, realizei cerca de 500 fotografias da primeira parte do ritual. Em um dado momento, quando alguns fiéis já se encontravam no templo, comecei a registrar a imagem dos devotos. Tão logo, para minha surpresa, tristeza e certa vergonha, o sacerdote Amaral, sempre cordial, vem até mim para chamar a atenção, com toda sutileza de um monge budista.

Diz-me que algumas devotas, mais tradicionais, estavam irritadas por eu realizar tomadas mais próximas. Mas, vendo meu constrangimento aflorar à face, pede para que eu fique tranquilo e recomenda, apenas, que eu peça permissão para realizar tais imagens. Prontamente eu o atendo, dizendo a expressão “*hai, gomenassai*”⁶⁷.

Daí em diante, continuo a registrar o célebre ritual, tomando o cuidado necessário de não invadir um espaço tão complexo como o que envolve a espiritualidade dos indivíduos.

Passo a fotografar “quase” tudo. Porém, quando o bispo se vira para os fiéis, o sacerdote Barbosa me chama a atenção, dizendo para não fotografar durante a fala do *Odoshi* Correia. Novamente constrangido, eu digo que sim com um aceno de cabeça e me coloco a ouvir a pregação do mestre do *Oterá*⁶⁸.

Ao término do culto, começa uma espécie de roteiro de orações, realizadas nos outros três altares existentes na igreja. Neste itinerário, pouco antes do término do culto principal, um sacerdote encaminha-se para o andar de baixo, numa sala que tem um segundo *Gohonzon*. O mantra sagrado *Namumyohourengekyou* é pronunciado novamente, numa espécie de mini-culto, com as devidas reverências ao Altar Sagrado. Antes de acabar este segundo culto, um dos sacerdotes já se encaminha para um terceiro

⁶⁷ Expressão japonesa que significa “sim, me perdoe”.

⁶⁸ Significa “templo” ou “santuário”.

apósito, local onde ficam as cinzas e/ou alguns pedaços de ossos de corpos exumados. Neste recinto, antes da chegada do *Odoshi* Correia (que celebra os quatro cultos), assim como no segundo culto, já está um dos sacerdotes, tocando as clavas, até que o bispo entre e celebre mais um ritual. Por fim, todos se dirigem para a sala dos sacerdotes, que fica ao lado do *Hondo*. Lá, novamente, todo processo se repete da mesma forma. Porém, só os clérigos ali se encontram.

Embora este roteiro de quatro cultos pudesse ser confuso para um leigo como eu, não houve qualquer problema para acompanhá-lo, visto que já havia presenciado tal prática na manhã do dia anterior, e, rapidamente, tenha me colocado a seguir os sacerdotes e o bispo, já sabendo o destino dos mesmos.

Após o término da reunião dos sacerdotes (que anteriormente chamei de “sabatina”), nos dirigimos até a cozinha do *Oterá*, para saborearmos o café da manhã (sequência 32 até 34). Ali, realizo algumas fotografias descontraídas e converso, de maneira informal, com os sacerdotes.



Fotografia 32: Café da manhã com os sacerdotes.



Fotografia 33: Conversas descontraídas durante o café da manhã.



Fotografia 34: Durante o café, fiel ainda segura a máscara que usava durante a limpeza do altar.

Depois do desjejum, passo a fotografar o treinamento de *Kenjutsu*⁶⁹ (sequência 35 até 40), prática que acontece na quadra da Catedral *Nikkyoji*, todos os sábados. Liderado pelo *sensei*⁷⁰ Jorge *Kishikawa*, o treinamento das artes de espada dos samurais é realizado na parte de manhã, das 9:00 às 11:00 horas.



Fotografia 35: Treinamento de *Kenjutsu*, na quadra da Catedral *Nikkyoji*.

⁶⁹ Arte samurai de combate com espada.

⁷⁰ Literalmente, a expressão é formada por duas palavras: *sen*, que significa “anterior” e *sei*, que quer dizer “vida”. Numa tradução livre, *sensei* quer dizer “alguém com mais experiência” ou, simplesmente, “mestre”.



Fotografia 36: Alongamento dos lutadores.



Fotografia 37: Treinamento de técnica com bastão.



Fotografia 38: Técnica com bastão (em movimento).



Fotografia 39: Instrutora ensinando jovem lutador.



Fotografia 40: Combate entre jovens lutadores.

Após fotografar o treinamento até 09:25, me preparo para acompanhar os sacerdotes na passeata, a ser realizada na Avenida Paulista. Antes disso, presencio a limpeza do quintal e do jardim do templo, realizada pelos sacerdotes.



Fotografia 41: Sacerdote Amaral (à esquerda), sacerdote Campos (no centro, em primeiro plano) e sacerdote Barbosa (de frente, à direita) realizam a limpeza do quintal da Catedral *Nikkyoji*.



Fotografia 42: Sacerdote *Kyukai (shi)* também ajuda na limpeza do quintal.

Após a limpeza, vamos de Kombi até o local da passeata e, ao chegarmos, todos os integrantes se dispõem em fila indiana e passam a caminhar, orando incessantemente a oração sagrada *Namumyouhourenguekyou*. No caminho, percebo e fotografo os transeuntes, alguns olhando admirados, outros achando estranho e/ou rindo, com ar de preconceito. Mas um pedestre me chama maior atenção. Um homem jovem, um tanto alterado, começa a seguir a passeata e atormentar o bispo Correia, que liderava a procissão.



Fotografia 43: Fila indiana na passeata pela Avenida Paulista.



Fotografia 44: Transeunte ofendendo o bispo Correia.

Na volta ao templo, o *Odoshi* Correia me explica que é comum os leigos agirem com estranheza e até preconceito com os devotos budistas. E me elucida, também, que o objetivo das passeatas é fazer com que o maior número de pessoas escutem o *Namumyohourengekyou*. Isso porque, mesmo recebendo tal oração de forma negativa (com preconceito ou desdém), o ser que a ela tiver acesso cria um elo, que o ajudará a atingir, numa existência longínqua, a Iluminação.

Ao regressarmos ao templo, descansamos até o almoço. Durante a refeição, tenho como companhia o sacerdote Amaral. Com ele converso rapidamente sobre cinema, livros, internet e assuntos da atualidade e, após um pequeno intervalo, saio juntamente com o sacerdote *Tadokoro*, para realizarmos um Culto Domiciliar, na casa de alguns fiéis.

Após um culto mais descontraído e algumas conversas informais, os fiéis nos convidam para o lanche da tarde. À mesa, nos fartamos com uma deliciosa torta e um bolo de milho, acompanhados por um chá tipicamente japonês. Após nos despedirmos, retornamos ao *Oterá*.



Fotografia 45: Descontração antes do início do Culto Domiciliar.



Fotografia 46: Sacerdote *Tadokoro* conversa com fiéis, antes de começar o Culto Domiciliar.



Fotografia 47: Café oferecido após o Culto Domiciliar.



Fotografia 48: Sacerdote *Tadokoro* explica a doutrina da HBS, durante o café.

Por volta das 17:00 horas, realizo a terceira entrevista, dessa vez com o sacerdote Barbosa.



Fotografia 49: Sacerdote Barbosa durante entrevista.

Às 19:00 horas me dirijo ao *Hondo*, local onde acompanho a Catequese Budista, uma espécie de palestra ministrada pelo *Odoshi* Correia. Ele discorre a respeito da doutrina da HBS e nos mostra, com a ajuda de imagens, como foi sua recente viagem pelo Japão e pela Índia (local onde surgiu o Budismo).

Após a catequese dirijo-me ao meu recinto. Lá, me alimento dos mantimentos que trouxe “escondido” e, às 22:00 horas, vou dormir, tendo a árdua tarefa de acordar às 01:30 da manhã, para acompanhar, junto ao sacerdote Campos, a prática das Orações Fervorosas (ou oração de 24 horas).

Dia 29-05-11

Hoje, acordei exatamente as 03:15 da manhã, para acompanhar as orações fervorosas⁷¹, que estavam sendo realizadas pelo sacerdote Campos. Com um detalhe: na minha programação, previamente enviada por e-mail pelo arcebispo Correia, constava que deveria despertar às 01:30, para, entre 02:00 e 05:00 da manhã, seguir os andamentos deste ritual, no qual o *Hondo* fica aberto durante 24 horas (com os fiéis participando das orações, sempre com a presença de um dos sacerdotes).

Atrasado, aliás, muito atrasado, me arrumo rapidamente, colocando duas blusas de grosso tecido. A temperatura na cidade de São Paulo marcava 9°, em um frio de congelar.

Desço as escadas do alojamento e, ao chegar no escritório dos sacerdotes, me deparo, por volta das 03:30 da manhã, com o sacerdote Amaral. Ele, que na noite anterior pouco havia dormido, estava acordado, realizando a edição de um vídeo com conteúdo religioso.

Com ainda mais culpa (por ter perdido a hora dormindo demais), pergunto a ele porque não me chamara no quarto. Ele me disse que não sabia que eu ainda estava repousando. Logo depois da resposta, me lembrei de algo que o *Odoshi* Correia havia dito a mim na Kombi, enquanto voltávamos da passeata na Avenida Paulista: “As pessoas costumam culpar os outros, arrumar desculpas para os próprios erros”. De fato, percebi que o erro era meu, e, involuntariamente, quis transferir esta falta para o sacerdote.

⁷¹ Orações que duram 24 horas. Nas orações fervorosas, os sacerdotes se revezam. Cada um fica cerca de três horas ininterruptas em frente ao altar sagrado, orando apenas o *Namumyouhourenguekyou*. Somente existe intervalo quando acontece alguma atividade no *Hondo* (como cultos ou a catequese budista).

Dirigi-me então para o *Hondo*, onde o solitário sacerdote Campos pronunciava o *Namumyouhourenguekyou*. Na verdade, eu percebi que ele estava semi-acordado, em uma espécie de transe, no momento em que eu adentrei no recinto. Ao ouvir meus passos ele despertou, me cumprimentando com um aceno de cabeça.

Eram 03:50 quando, com muito sono e frio, o sacerdote diz que vai fazer um café e que eu poderia me servir a vontade. Aceito rapidamente a oferta. Tomo o café e me sento em um banco próximo ao altar. Entre orações completas e murmúrios sonolentos, o sacerdote cumpre, com a minha solitária companhia, as suas três horas de orações. Ele sai da função às 05:00 da manhã e quem assume a posição é o sacerdote Amaral (que sequer havia dormido naquela noite).



Fotografia 50: Sacerdote Campos nas orações fervorosas.



Fotografia 51: Troca de sacerdotes (Campos e Amaral) nas orações fervorosas.



Fotografia 52: Sacerdote Amaral assume a prática das orações fervorosas.

Volto então para meu quarto, onde descanso até por volta das 06:00 da manhã, momento em que começa a limpeza do altar. Encaminho-me para o *Hondo* novamente, registrando mais uma manhã de serviços sacerdotais.

Antes do culto, encontro com meus tios, Paulo Hideo Kunikata e Teruko Nakaoka Kunikata, que me acompanharam na minha primeira visita ao templo, me apresentando ao arcebispo Correia e ao sacerdote Amaral.

Pouco antes do culto de domingo (que acontece mais tarde do que nos outros dias), a partir das 07:00 da manhã, começam a chegar fiéis, hoje, em maior número. Num total de 182, os adeptos da Catedral *Nikkyoji* começam o culto matinal de domingo, exatamente às 8 horas, dirigido pelo arcebispo Correia. Aproveito para fotografar os fiéis, ao contrário das outras vezes, nas quais privilegiei documentar as funções e movimentos dos sacerdotes durante o ritual.

Após o término do culto, todos os fiéis se cumprimentam. Eu fotografo o momento rapidamente e, imediatamente, me dirijo para os outros *Gohonzon*⁷², para novamente acompanhar o arcebispo nas suas orações.

⁷² Existem vários altares na Catedral *Nikkyoji*. Após o culto matinal, que ocorre na nave do templo, os sacerdotes se dirigem para os outros altares, para continuarem as orações.



Fotografia 53: Fiéis e religiosos se cumprimentam, após o culto dominical.

Chegando à sala sacerdotal, após o término das orações e dos recados, o arcebispo Correia pede, inesperadamente, para que eu agradeça a estadia e faça minhas considerações. Pego de surpresa, aceito, obviamente, o pedido. Começo a falar, mas subitamente uma enorme emoção aflora e, com dificuldade, tento conter as lágrimas, porém sem alcançar êxito. Com a voz presa e a garganta seca, mostro o quão grato estava com tal experiência, de fato, muito melhor do que poderia imaginar. Agradeço primeiramente ao arcebispo Correia e, depois, seguindo a hierarquia de forma involuntária, aos demais sacerdotes:

Primeiro eu quero agradecer ao Correia *Odoshi*. E também a todos vocês. Agradecer desde a primeira vez que eu vim aqui e conversei com o sacerdote Amaral e com o bispo Correia. Quero agradecer a todos vocês. Foi muito melhor do que eu imaginava e... Estou um tanto emocionado! O sacerdote Campos brincou comigo ali fora e perguntou se eu não ia oferecer a minha conversão ao *Gohonzon*. E eu respondi: talvez um dia seja possível mesmo, porque é difícil uma experiência como esta não mexer com a gente. E eu pensei em várias coisas pra falar, só que agora acho que não dá, está difícil. Na verdade, gostaria de dizer que pretendo voltar. Algumas vezes com a máquina, mas outras sem ela. Porque acredito que com a máquina fotográfica fica parecendo algo profissional demais e

talvez isso tenha me limitado um pouco. Foram mais de duas mil fotos e ainda acho que perdi muita coisa. Eu também gostaria de comentar sobre um assunto, dentre várias coisas que aprendi aqui: Já que todo mundo, principalmente nesta reunião entre vocês sacerdotes, falam e assumem os erros, até apontam os erros dos outros, eu quero assumir um erro também. Porque hoje eu não consegui acordar no horário, 01:30 da manhã, não consegui mesmo. Aí eu lembrei que o senhor, bispo Correia, me falou ontem na Kombi, enquanto a gente ia para a passeata, que é um mal hábito nosso dar desculpas e, pior, colocar a culpa pelos nossos erros nos outros. Então hoje, quando acordei 03:15, eu estava muito atrasado, duas horas atrasado. Quando eu desci e vi que o Sacerdote Amaral estava acordado no computador, eu perguntei pra ele porque não tinha me chamado. Aí, depois eu fiquei com duas culpas né! A de não ter acordado no horário certo, na hora combinada, e com uma culpa maior ainda, por ter jogado a minha responsabilidade pro sacerdote Amaral. Que nem tinha dormido! Ele estava atualizando o site da HBS e depois foi direto pro *Hondo*, pra fazer as orações fervorosas. Então, vocês ficam o dia inteiro orando, trabalhando, e sou eu quem não consegue acordar. O despertador tocou várias vezes e eu fui acordar só 03:15 da manhã e joga a culpa pra outra pessoa. Então, quero assumir meu erro aqui. E é isso: *Gomenassai!* E agora acho que dá pra falar mais, já estou mais calmo. Então, obrigado novamente a todos vocês, pelo empenho junto dos fiéis, por tentarem espalhar o conhecimento de vocês pra todos nós, como fizeram na passeata da Avenida Paulista e em todos os cultos. Obrigado também né, por terem permitido a minha estadia aqui, coisa que até me surpreendeu pela liberdade que vocês me deram, por terem me recebido bem, permitido gravar tudo e fotografar também. Acho que dificilmente eu teria uma chance dessas em outro templo. Acho bem legal, importante mesmo, vocês permitirem esta pesquisa, vocês divulgarem suas atividades através de fotografias e vídeos, com o sacerdote Amaral tomando conta dessa parte. No mais, é isso! *Arigatougozaimasu!*

Após minhas considerações, agradeço novamente usando a expressão “*arigatougozaimasu*”⁷³. O arcebispo me agradece também, dizendo que embora eu não seja um fiel, a semente do *Namumyouhourenguekyou* já havia sido plantada em mim.

Depois do meu depoimento ocorre uma breve pausa, até a hora do Culto Póstumo da família *Oikawa*. Às 11 horas, me dirijo novamente ao *Hondo*. Neste momento, o Culto Póstumo estava prestes a começar, parecendo mais um culto normal na manhã de domingo. Havia cerca de 100 pessoas, entre amigos e familiares. Afinal, a falecida *Yuki Oikawa* tinha mais de 100 anos, filhos, netos e bisnetos, e, a maioria deles, fiéis da HBS do Brasil.

⁷³ Expressão japonesa que significa “muito obrigado”.



Fotografia 54: *Hondo* repleto de fiéis para o culto póstumo.

Fotografei todos os momentos deste culto, mas um foi essencial e distinto: Os fiéis se dirigiram ao altar póstumo, cada um oferecendo um incenso em homenagem à senhora falecida. Rapidamente, uma enorme fila se formou e as cadeiras do *Hondo* ficaram praticamente vazias. Todos queriam devotar homenagem e o registro fotográfico deste momento especial foi feito, mostrando a linda fumaça que saía dos inúmeros incensos colocados no altar. Um colorido diferente, que ficava ainda mais belo e emocionante com a luz solar que adentrava pela janela, se misturando com a fumaça.



Fotografia 55: Fila para prestar homenagens à falecida.



Fotografia 56: Incensos sendo colocados pelos fiéis no Altar Póstumo.

Após o término do culto, a família da falecida ofereceu, na quadra poliesportiva do templo, um delicioso almoço, onde todos estavam convidados. Com muitos salgadinhos (pastéis e coxinhas), sanduiches naturais, bolo, comida japonesa, refrigerante e chá, tudo parecia um imenso banquete em família.



Fotografia 57: Almoço de confraternização, oferecido pelos familiares da falecida.



Fotografia 58: Arcebispo Correia conversa com fiéis, no almoço após o Culto Póstumo.



Fotografia 59: Orações de agradecimento pelo almoço.



Fotografia 60: Sacerdotes e fiéis desfrutam do banquete.

Após o almoço, por volta de 13:30, rapidamente me despeço dos meus tios (que me acompanharam durante a refeição) e corro para a saída do templo. Lá, encontro com o sacerdote Amaral, junto com vários jovens da igreja. Reunidos, partimos em direção à zona leste da cidade, mais precisamente para o Parque do Piqueri.



Fotografia 61: Chegada ao Parque do Piqueri, local do Culto dos Jovens.



Fotografia 62: Grupo participante do Culto dos Jovens.

Lá, após mais de uma hora de engraçada conversa informal, motivada pelo fato de o sacerdote Amaral ter esquecido o Altar Sagrado no *Oterá* (e sem o altar não se realiza um culto) e ter que voltar ao templo para buscá-lo, participo do Culto dos Jovens ao ar livre, celebrado pelo próprio religioso “esquecido”. Após as orações, nos reunimos em círculo, a pedido do sacerdote, para conversamos um pouco sobre o Budismo Primordial. Ele esclarecia as dúvidas dos jovens (e as minhas também) enquanto todos saboreavam refrigerante e pão, ofertado pelo fiel Cyro Neto, um jovem recém convertido e o solicitante do culto⁷⁴.



Fotografia 63: Conversas informais, antes do Culto dos Jovens.

⁷⁴ Estes cultos externos são realizados a pedido de algum fiel. No caso, este fiel (rapaz de cabelos compridos que aparece sentado, na fotografia 63) havia se convertido recentemente na Catedral *Nikkyoji*.



Fotografia 64: Sacerdote Amaral retorna ao Parque do Piqueri, após ter esquecido o *Gohonzon* (Altar Sagrado) na Catedral *Nikkyoji*.



Fotografia 65: Sacerdote Amaral explica ao fiéis um pouco da doutrina da HBS.

Às 17:00 horas, quando as conversas se encerraram, já era o momento de regressar ao *Oterá*. Despedi-me do sacerdote Amaral, que não iria retornar naquele momento ao templo, pois daria continuidade às atividades levando os jovens fiéis ao cinema. Disse a ele o quanto estava grato e que muito havia me auxiliado. Ele também me agradeceu e pediu para que eu voltasse, talvez sem a câmera fotográfica. Falei que em breve atenderia o pedido e, assim, me despedi.

Regressei ao templo, arrumei meus pertences e organizei o quarto onde estava. As 19:00 horas, o sacerdote *Kyoukai(shi)* me levou à estação Vila Mariana, onde peguei o metrô para a rodoviária do Tietê, não sem antes me despedir do sacerdote e a ele prometer, em breve, retornar.

Capítulo 4: A estrela (sol) *Namumyouhourenguekyou* e seus planetas orbitários.

4.1 - Por um percurso metodológico:

No decorrer da minha pesquisa de campo, permaneci por quatro dias na Catedral *Nikkyoji*, frequentei algumas vezes o templo *Rentokuji* (Campinas), participei da inauguração do novo *Hondo* do templo *Ryushoji* (Mogi das Cruzes) e presenciei grandes eventos como a Ecojub 2011 (Encontro Nacional dos Jovens Budistas). Após estas experiências, percebi que o cotidiano na HBS vai além da realização dos cultos matinais para seus fiéis.

Na verdade, após a fase da pesquisa de campo, me deparei com um acervo que ultrapassava 3000 fotografias, além de ter reunido mais de 10 horas de gravações (entre entrevistas, cultos e conversas em geral).

Tendo em mãos este vasto material verbo-imagético, percebi a necessidade de organizar tamanho acervo. Para tanto, utilizei-me da imagem da mesa de montagem de Aby Warburg⁷⁵, que em um dos seus inovadores projetos (chamado *Atlas Mnemosyne* e realizado entre 1924 e 1929), reuniu “todos os objetos de sua pesquisa em um dispositivo de ‘painéis móveis’ constantemente montados, desmontados, remontados⁷⁶”. Nesta obra, cíclica e inacabada, imagens heterogêneas dialogam entre si, formando e reformulando sentidos, ideias e sensações.

⁷⁵ Abraham Moritz Warburg (Hamburgo, 13/06/1866 – 26/10/1929), conhecido pela alcunha de Aby Warburg, foi um historiador da arte alemão, notório por organizar uma grandiosa Biblioteca, que reunia uma vasta coleção. Os critérios utilizados por Warburg fugiam às tradicionais regras de sistematização. Para organizar seu acervo, ele fazia uso do que chamou de “lei da boa vizinhança” (para saber mais sobre o assunto, recomendo o artigo de Etienne Samain: “Aby Warburg. Mnemosyne. Constelação de culturas e ampulhetas de memórias”, presente no livro “Como pensam as imagens”, 2012).

⁷⁶ Disponível em <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/atlas.html>.

A minha mesa de montagem, que difere um pouco daquela organizada pelo historiador da arte alemão, parte do mesmo pressuposto, a saber que imagens distintas podem se (co)relacionar, gerar um sentido e, depois, ao se reorganizarem, trazer à tona outras constatações e significações.

Mas, deixando de lado o suporte por mim utilizado para produzir e armazenar as fotografias, tentei agrupá-las e ordená-las em torno de 12 temáticas, definidas basicamente através do cronograma de atividades enviado pelo Arcebispo Correia por e-mail, antes da realização da pesquisa de campo. São elas: (1) Espaços, (2) Orações Prévias, (3) Cultos Matinais e Vespertinos, (4) Catequese Budista, (5) Culto Residencial, (6) Culto Póstumo, (7) Orações fervorosas, (8) Passeata, (9) Culto dos Jovens, (10) Descontração, (11) Outras tarefas dos sacerdotes, (12) Fiéis.

A estas 12 temáticas foi acrescentada, posteriormente, uma última: (13) Grandes Eventos, diz respeito a dois eventos dos quais participei: Ecojub 2011 e Culto de inauguração do novo *Hondo* do templo *Ryushoji* (Mogi das Cruzes), que contou (este último) com a presença de fiéis e sacerdotes de todo o Brasil, além de ter a participação de dois bispos japoneses, responsáveis por celebrar a cerimônia.

Para tal ordenação, inicialmente (e sem conseguir escapar a uma possível arbitrariedade) escolhi as melhores fotos, utilizando para isso critérios técnicos e estéticos. As fotos que apresentavam desfoque, sub-exposição, super-exposição, mal enquadramento (ou outro problema da mesma natureza), assim como imagens “repetidas”⁷⁷, não foram eleitas para análise.

Após selecionar o material imagético seguindo tais critérios (técnicos/estéticos) e organizá-los, percebi, através de uma mais afluente análise (das fotografias, da doutrina da HBS, das entrevistas e do diário produzido na pesquisa de campo), que o ritual de emanção da oração, doutrina e imagem sagrada *Namumyouhourenguekyou*, era o fundamento e sintetizava o essencial da religião HBS. Pois, em todos os momentos presenciados (cultos, limpeza do altar, passeata, etc.), os sacerdotes buscavam expandir tal

⁷⁷ Na verdade, não existem fotografias idênticas. Aqui, o termo “repetidas” faz referência à imagens semelhantes. O critério de escolha também foi técnico-estético. A melhor imagem, seguindo este critério, foi escolhida, em detrimento das demais.

doutrina para o maior número de pessoas possível (sejam elas devotas ou leigas), através da pronúncia quase incessante deste mantra.

Após delimitar o *Namumyouhourenguekyou* como cerne da doutrina e, conseqüentemente, da minha pesquisa (temática central), busquei uma forma imagética de mostrar a relação existente entre o mantra sagrado e as atividades realizadas no templo, por sacerdotes e devotos. Assim aflorou a imagem do sol, o próprio *Namumyouhourenguekyou*, com seus raios luminosos que corresponderiam às outras 13 temáticas que agrupei. Outra imagem foi a de uma estrela (novamente o sol) cercada por planetas, que orbitam ao seu redor, atraídas por sua força gravitacional. Neste caso, os planetas seriam as 13 temáticas e o sol (temática central) a oração *Namumyouhourenguekyou*.

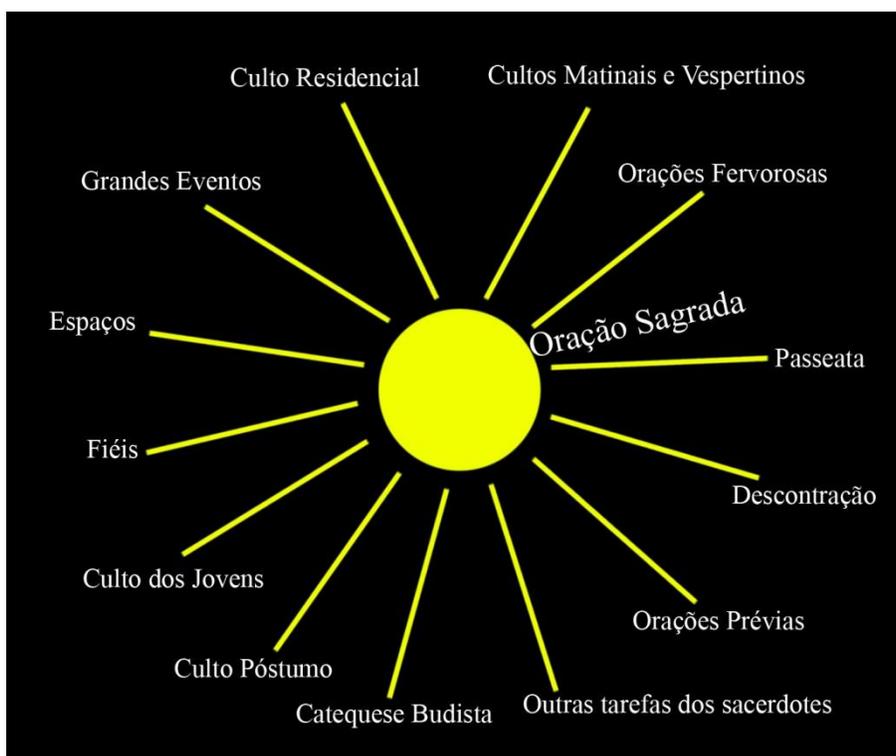


Figura 1: Imagem do sol (*Namumyouhourenguekyou*) e de seus raios luminosos (outras temáticas).



Figura 2: Imagem do sol (*Namumyouhourenguekyou*) e de seus planetas orbitários ⁷⁸.

Partindo desta representação/montagem imagética, responsável por aguçar minha imaginação, recordei-me de outra imagem que melhor se conecta com o assunto pesquisado. Tendo como ponto de partida o sol (estrela), associei (não de maneira imediata, mas depois de muito imaginar e pensar por imagens) a figura da flor de lótus, um dos símbolos chave da religião budista ⁷⁹ e, também, o nome dado ao Sutra considerado como primordial pela HBS (Sutra Lótus).

⁷⁸ Montagem produzida sobre imagem do Google.

⁷⁹ Segundo a história/lenda, no momento em que atingiu a Iluminação, o Buda Gautama segurava uma flor de lótus em uma das mãos.

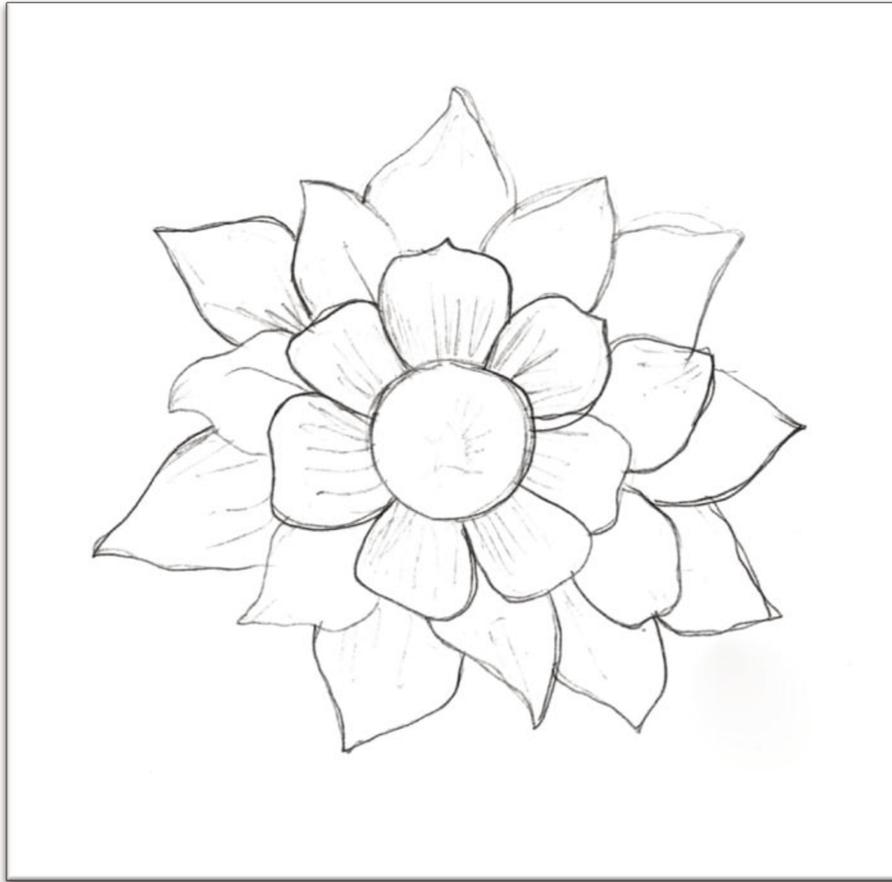


Figura 3: Imagem da flor de lótus. O núcleo é a oração sagrada (temática central) e, suas pétalas, as outras 13 temáticas (desenho de Douglas Azevedo Duarte).

Tendo estas três imagens (figuras 1, 2 e 3) como suporte imaginativo, discorro a seguir sobre as principais atividades religiosas, os espaços, os fiéis, assim como os instrumentos (musicais e religiosos) utilizados pelos sacerdotes da HBS do Brasil (14 temáticas). Além desta rápida explanação, o intuito principal neste capítulo é “remontar” (no sentido cinematográfico do termo) o cotidiano da HBS, através de um percurso foto-imagético.

4.2– Temática A: O núcleo da flor de lótus (*Odaimoku* ou *Namumyouhourenguekyou*)

No Budismo HBS, a principal oração (como vimos no capítulo anterior) é a prática do *Odaimoku*⁸⁰, ou, em outros termos, a recitação do mantra sagrado *Namumyouhourenguekyou*.

A concentração intensa durante a oração é sempre enfatizada pelos sacerdotes. Essa concentração consiste em direcionar o olhar para a Imagem Sagrada, onde está inscrito o *Namumyouhourenguekyou*, sem desviar a atenção e o foco da mesma, e pronunciar a oração em alto e bom som, para que todos os demais também possam escutá-la de forma clara (para disseminar a oração ao máximo de seres *senscientes* possível).

Além disso, a postura correta, com o corpo bem posicionado, ereto e batendo com a mão direita fechada na perna (o lado direito foi estabelecido por convenção, não sendo errado usar a mão esquerda) faz parte do ritual, sendo condição fundamental para a prática da oração, de acordo com o ritmo do *Odaimoku*. Cada batida deve acompanhar uma sílaba da palavra (são sete sílabas: Na-mu-myou-hou-ren-gue-kyou). Portanto, são sete batidas por repetição.

“No momento em que oramos, num só instante estamos gerando a virtude mais sagrada, do mais sagrado Sutra, para incorporarmos ao nosso carma a essência do mais sagrado estado búdico, que existe independentemente das nossas limitações, tanto físicas como mentais”⁸¹.

⁸⁰ *Odaimoku* é considerada pelo Budismo também uma prática de meditação, conhecida como “*KushouZen*”. Todo tipo de meditação, para que seja eficaz, deve passar pelas três vias geradoras de carma (*Sangou*): Verbal, Física e Mental. Isso quer dizer que para orar corretamente, o fiel deve orar em voz alta (*Kuti*), ter uma postura correta (*Karada*) e estar compenetrado mentalmente (*Kokoro*) (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 4, n. 31. São Paulo, 2002, p. 08). Orar o *Odaimoku* tem o mesmo significado de orar o *Namumyouhourenguekyou*.

⁸¹ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 4, n. 31. São Paulo, 2002, p. 08.

O *Namumyohourengekyou* consiste, também, em um tríplice alicerce da HBS, sendo considerado simultaneamente, a doutrina, imagem e oração sagrada. Podemos perceber essa importância na prece a seguir:

Para eliminar o carma negativo
Que acumulei desde um passado remoto
A partir da presente existência
Até atingir o estado de Buda
Devotar-me-ei à imagem sagrada
A doutrina e a oração sagrada
Causa, essência e semente da Iluminação
Transmitida pelo *Jyogyou Bossatsu*
Namumyohourengekyou.

Podemos notar, portanto, que não consiste em exagero considerarmos o *Odaimoku* como o núcleo (da flor de lótus) ou a estrela (sol) da HBS, orbitado por todas as outras práticas (as 13 temáticas).



Foto 2: Imagem sagrada contida dentro do círculo laranja. Na frente, imagem do mestre *Nichiren*⁸².

⁸² Grande mestre budista, estruturador de diversas correntes da religião, inclusive da HBS.

Após explicar a importância do mantra *Namumyohourenquekyou* e a forma correta de pronunciar-lo, passo a definir as outras 13 temáticas, com suas respectivas fotografias.

4.3 – Temática B: Espaços

Diversos cenários compõem o dia a dia na Catedral *Nikkyoji*. A seguir, apresento o local onde residem os sacerdotes e os espaços religiosos onde se pratica a expansão do Sutra Lótus Primordial.



Foto 2: Entrada do *Oterá* (Templo).



Foto 3: Parte da frente da nave do templo.



Foto 4: Parque para os jovens fiéis.



Foto 5: Pátio do templo e prédio do alojamento.



Foto 6: Escritório do Arcebispo Correia.

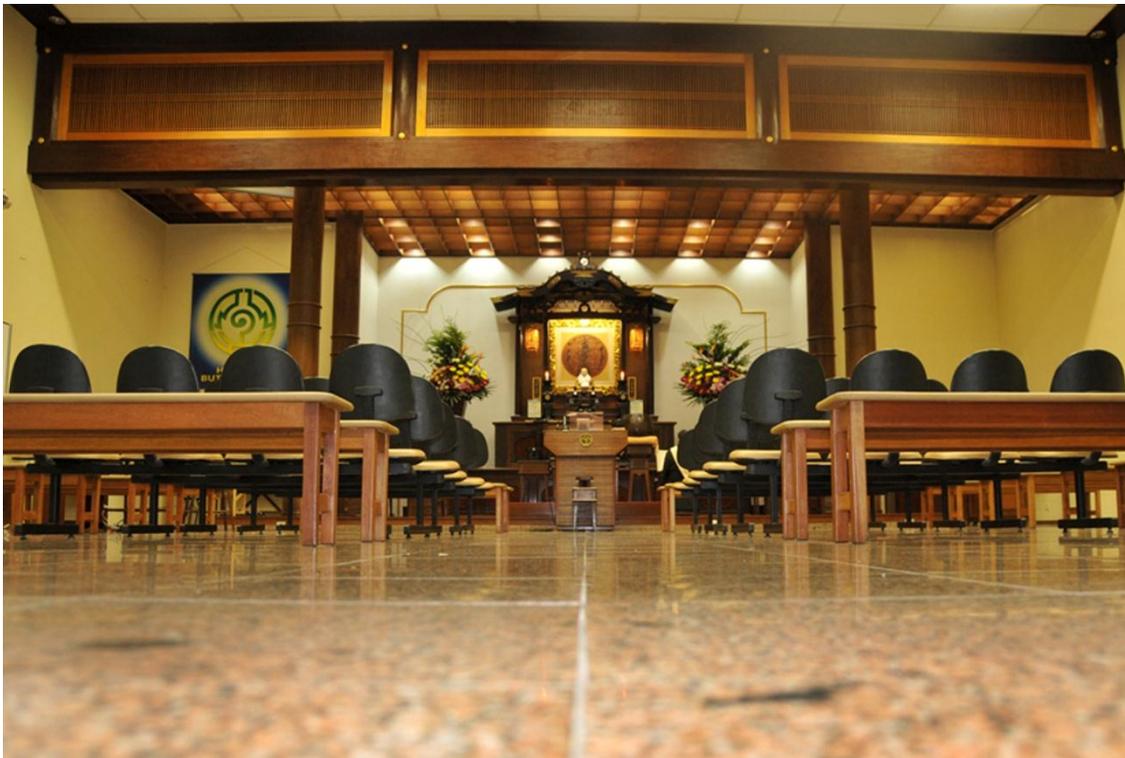


Foto 7: *Hondo* (nave) da Catedral Nikkyoji.

4.4 - Temática C: Orações Prévias

Durante minha estadia na Catedral *Nikkyoji*, percebi, cotidianamente, a prática na qual os sacerdotes oravam o *Namumyohourenquekyou* antes do início dos cultos (matinais e noturnos). Tal prática, por mim intitulada de “Orações Prévias”, corresponde a uma espécie de aquecimento antes da celebração das cerimônias e antes mesmo da chegada dos fiéis ao *Hondo*.



Foto 8: Sacerdotes se saúdam.



Foto 9: Sacerdotes oram em direção ao altar.



Foto 10: Bispo Correia ora, batendo com a mão direita na perna.



Foto 11: Sacerdote Amaral (1º plano) e bispo Correia oram, diante do altar.



Foto 12: Sacerdotes em postura ritual, orando o *Namumyouhourenguekyou*.



Foto 13: Sacerdote Amaral (no altar) e demais clérigos oram o *Odaimoku*.

4.5 - Temática D: Cultos Matinais e Vespertinos

Na HBS ocorre, todos os dias do ano, os chamados cultos matinais que, de segunda a sábado, acontecem a partir das 06:00 horas da manhã e, aos domingos, ocorrem a partir das 08:00 horas. Nestas cerimônias, celebradas pelos sacerdotes e abertas à todos, notamos, também, a ênfase dada à oração sagrada *Namumyouhourenguekyou*.



Foto 14: Sacerdote *Tadokoro* prepara as vestimentas do Bispo, antes do culto.



Foto 15: Sacerdote auxilia o Bispo a se vestir.



Foto 16: Sacerdotes dividem suas tarefas, antes do culto de domingo.



Foto 17: Sacerdote Campos acende incensos, diante do altar póstumo.



Foto 18: Fiéis oferecem incensos em homenagem aos falecidos.



Foto 19: Fiéis chegam ao Templo e assinam o caderno de presença.



Foto 20: Bispo retira os chinelos para subir no altar, como sinal de respeito ao local sagrado.



Foto 21: Sacerdotes reverenciam a Imagem Sagrada.



Foto 22: Sacerdotisa orando no altar.



Foto 23: Sacerdote ora, junto com fiéis.



Foto 24: Bispo Correia pronuncia o mantra sagrado.



Foto 25: Bispo tocando o sino durante o culto.



Foto 26: Bispo recita o mantra e toca xilofone.



Foto 27: Sacerdote *Kiokai* arruma a saia do bispo.



Foto 28: Sacerdote diante da imagem sagrada.



Foto 29: Bispo toca o sino, enquanto os sacerdotes oram o *Namumyouhourenguekyou*.



Foto 30: Sacerdotes oram, com os olhares voltados à Imagem Sagrada.



Foto 31: Sacerdote *Kiokai* arruma o assento do *Odoshi* Correia.



Foto 32: Arcebispo Correia dissemina a doutrina aos fiéis.



Foto 33: Sacerdotes oram e tocam xilofone.



Foto 34: Sacerdote Campos ora, junto ao *Taiko*, espécie de tambor japonês.



Foto 35: Fiéis assistem ao culto.



Foto 36: Sacerdotes oram e tocam instrumentos, sob os olhares dos fiéis.



Foto 37: Fiéis oram o *Namumyohourengekyou*.



Foto 38: Fiéis oram o *Odaimoku*, com postura ereta e batendo a mão direita sobre o perna.

Além dos cultos matinais, que acontecem no *Hondo* da igreja, ocorre, na Catedral *Nikkyoji*, uma espécie de roteiro de orações. Após o término do culto principal, o Arcebispo Correia e seus sacerdotes seguem um itinerário pelo *Oterá*, orando o *Odaimoku* nos outros três altares sagrados existentes.



Foto 39: Bispo cumprimenta sacerdote *Kiokai*, diante do segundo Altar Sagrado.



Foto 40: Bispo Correia ora o *Namumyouhouren-guekyou*, olhando para a Imagem Sagrada.



Foto 41: Alguns fiéis acompanham o pequeno culto, diante do segundo Altar Sagrado.



Foto 42: Sacerdotes em direção ao terceiro Altar Sagrado.



Foto 43: Sacerdotes reverenciam o Altar.



Foto 44: Sacerdote *Kiokai* arruma⁸³, novamente, a saia do Bispo Correia.



Foto 45: Bispo celebra mais um “mini-culto”⁸⁴.



Foto 46: Bispo toca xilofone.

⁸³ Nos cultos da HBS existe a figura do *zuikô* ou acompanhante. O *zuikô* (no caso, o sacerdote *Kiokai*) tem a função de vestir o celebrante antes do culto, arrumar a barra da saia, repor a água, enfim, dar todo o suporte para o responsável da cerimônia.

⁸⁴ O termo “mini-culto” faz referência às pequenas cerimônias realizadas após o culto matinal. Estas celebrações acontecem em três altares da Catedral *Nikkyoji*, e contam, normalmente, somente com a presença de sacerdotes.



Foto 47: Sacerdotes oram o *Namumyohouren-guekyou*.



Foto 48: Sacerdotes e fiéis depositam restos mortais na câmara dos corpos exumados⁸⁵.



Foto 49: Sacerdotes deixam a câmara...



Foto 50: ... e seguem para o 4º altar.

⁸⁵ Esta câmara guarda os restos mortais (ossos) dos fiéis da HBS.



Foto 51: Sacerdotes sobem as escadas...



Foto 52: ... e começam o último culto do sábado.



Foto 53: Sacerdotes oram o *Namumyouhourenguekyou*, diante do quarto *Gohonzon*. Nos cultos realizados aos domingos, o Arcebispo Correia veste o *koromô* (batina) branco.

Os Cultos Vespertinos são uma espécie de repetição dos Cultos Matinais e acontecem, geralmente, de segunda a sexta, a partir das 19:00 horas. Também, nestes cultos, ocorre uma ênfase na prática da recitação do *Odaimoku*. Porém, além da emanção do mantra sagrado, existem outras orações e pronunciamentos, realizados tanto em japonês quanto em português. A seguir, reproduzo na íntegra o roteiro dos ensinamentos e preces de uma cerimônia da HBS do Brasil⁸⁶:

Enunciado de penitência:

“Para eliminar o carma negativo
Que acumulei desde um passado remoto
A partir da presente existência
Até atingir o estado de Buda
Devotar-me-ei à imagem sagrada
A doutrina e a oração sagrada
Causa, essência e semente da Iluminação
Transmitida pelo Jyougyou Bossatsu
Namumyouhourenguekyou”.

Sangue Mon (Enunciado de Penitência, na língua japonesa)

“Mushi-irai houbou zaishou shoumetsu,
kondin yori bus-shi ni itarumade,
tamoti tatematsuru
Honmon no Honzon,
Honmon no Kaidan,

⁸⁶ Este roteiro de orações está contido no livro *Myookooichiza*, que contém a liturgia da HBS.

Honmon Digyou,
happon shoken
Jyougyou shoden,
Hon-ni gueshu no,

NAMUMYOUHOURENGUEKYOU
NAMUMYOUHOURENGUEKYOU
NAMUMYOUHOURENGUEKYOU”.

Kandyou Mon (Oração de Invocação)

“Nyorai metsugo,
gogohyaku-saishi kandin Honzon-shou ni iwaku,
ima hondi no shaba sekai wa sansai wo hanare,
shikou o idetaru dyoudyuu no dyoudo nari.
Hotoke sude ni kako nimo mes-sezu,
mirai nimo shouzezu,
shoke motte doutai.
Kore sunawati koshin no sanzen gussoku sandyu seken nari.
Shakumon dyuushihon ni imada kore o tokitamawazu,
Hokekyou no uti ni oite mo diki midyuku no yueka,
kono Honmon no kandin,
NAMUMYOUHOURENGUEKYOU no godi ni oite wa,
Hotoke nao Mondyu Yakuou tou ni,
kore o fuzokushi tamawazu,
ikani iwan ya sono igue oya,
tada diyu sengai o meshite happon o toite kore o fuzokushi tamou.
Sono Honzon no teitaraku,
hondi no shaba no ue ni houtou kuu ni koshi,

tattyu no *MYOUHOURENGUEKYOU* no sayuu niwa,
Shakamunibutsu Tahoubutsu Shakusson no Kyoudi wa,
Jyougyou tou no shibossatsu, Mondyu Miroku tou no shibossatsu,
no kenzoku toshite matsuzo ni koshi,
Shakke Tahou no daishou no Shobossatsu wa,
banmin no daidi ni shoshite,
Unkaku guekkei o miruga gotoshi,
dippou no Shobutsu daidi no ueni sho suru wa,
shakubutsu shakudo o hyoussuruga yue nari kaku no gotoki no Honzon wa,
zaisse shidyuu yonen ni kore nashi, hatinen no aida nimo tada Happon ni kaguiru,
Hontyou shamon, Nitiren gossen,
daidi daihi daion housha *NAMUMYOUHOURENGUEKYOU*".

Verso do Sol e da Lua (em português)

Assim como o luar e a luz do sol eliminam a escuridão de todos os cantos,
esta pessoa agirá neste mundo de decadência,
iluminando a escuridão do sentimento dos seres,
convertendo inúmeros Bossatsus,
finalmente conduzindo-os à Suprema Condição".
Portanto, aquele que tem fé,
ouvindo as vantagens dessas virtudes,
após meu regresso à condição de Buda Primordial,
deverá receber e transmitir este Ensino.
Este Homem, procedendo desta maneira, certamente alcançará a Iluminação.

Não há dúvidas quanto a isso.

Namumyouhourenguekyou.

Nitigati no mon (Verso do Sol e da Lua, em japonês)

“Nitigati no koumyou no yo ku moro moro no yuumyou o nozo kuga gotoku.

Kono hito se ken ni gyoudite. Yoku shudyou no yami o messhi. Muryou no bossatsu o shite. Hikkyou dite itidyou nidyuu seshi men.

Kono yueni tiaran mono kono kudoku no ri o kikite waga metsudo no noti ni oite. Kono kyou o dyudi subeshi.

Kono hito butsudo ni oite ketsudyou shite utagai aru koto nashi.

NAMUMYOUHOURENGUEKYOU

NAMUMYOUHOURENGUEKYOU

NAMUMYOUHOURENGUEKYOU”.

VERSO DO BUDA PRIMORDIAL (em português)

Presto homenagem, pronunciando o Odaimoku, aos seguintes Budas, Bossatsus e Divindades:

Ao Buda Primordial Shakyamuni; Ao Buda da Torre do Tesouro Taho,

que demonstrou a veracidade da Sutra Lótus;

Àqueles que são emanações de Buda, provenientes das Dez Direções;

A todos os Budas do Passado, Presente e Futuro;

A todos os Bossatsus dos Três Mil Mundos, incontáveis como os grãos de areia,

assim como aos Quatro Grandes Bossatsus Joogyoo, Muhengyoo, Jyoogyoo e Anryuugyoo;

A todos os Bossatsus: Fugen, Monju, Yakuoo, Miroku, Shukuoo, Jooshoojin e mais vinte mil, oitenta mil e oito bilhões de Bossatsus e divindades das Dez Direções;

A Sharihotsu, Mokuren, Kashoo, Anan e mais mil e duzentos Sraavakas (Shoomon)

e Aos doze mil bhiksus, das Dez Direções do Mundo;

Aos Grandes Mestres e antecessores virtuosos que expandiram e transmitiram o Sutra Lótus pelos Três Países;

Ao Grande Nichiren, Mestre da Era de Decadência, que transmitiu a quintessência do Caminho Supremo;

Ao Grande Mestre Nitiryu e Mestres Sucessores;

A Eles ofereço e transfiro a virtude da pronúncia do Namumyouhourenguekyou;

homenageando a todos; suplico a intensificação de suas luzes,

a benção dos ensinamentos, a propagação e a proteção do Namumyouhourenguekyou, gerando bênçãos a todos os seres.

Às Divindades: Daibondennoo, Shakudaikannin, Jizai, Daijizai;

Ao Sol, à Lua, à Vênus e a todas outras Constelações,

aos Quatro Grandes Reis Divinos, às Dez Divindades Femininas, aos seres celestes e aos Naagas das Oito Espécies de Guardiães,

às Divindades da Terra e da Água e a todas as Grandes e Pequenas Divindades protetoras da Religião Integral e Perfeita.

A Eles ofereço e transfiro a virtude da pronúncia do Namumyouhourenguekyou,

homenageando a todos, suplico a intensificação de suas luzes, a Benção dos ensinamentos, a propagação e a proteção do Namumyouhourenguekyou, gerando bênçãos a todos os seres.

Que o Céu e a Terra sejam eternamente prósperos;

Que os seguidores sejam livres de infortúnios, tenham vida longa e atinjam a felicidade eterna.

A todas as almas suplico a libertação das sucessivas transmigrações, atingindo a Grande Iluminação,

e que todos os seres recebam igualmente as bênçãos.

Kuongue no Mon (Verso do Buda Primordial em japonês)

“Namukuon ditsuyou Shakamuni Nyorai,
Shoumyou Hokke Tahou buttou Dippou fundin,
Sanze Shobutsu, jyougyou, Muhengyou, Dyougyou, Anryuugyou, Senzekai, Midin tou,
Shodai Bossatsu, Funguen Mondyu, Yakuou, Miroku, Shukuougue, Dyoushoudin,
Niman hatiman hatidyuuman noku,
Dippou sekai, issai, Bossatsu, Sharihotsu,
Mokuren, Kashou, Anan, sennihyaku man, nissen,
Dyppou sekai shoumon engaku naishi, Sangoku dendou, Hokke guzzu,
Daishi Sendoku, Itidyou youfu,
Mappou Shoudou, Renshi Daidi, Ryusshi Shounin, Daidai soshi, Ekou kuyou,
Myouhou kushou Kuoussan Kudoku, Baizou houraku ikou zouyaku Godi
Myouhou, riyaku shudyou, daibon dennou,
shakudaikannin, Dizai Dai dizai,
Nitigati Myoudyou, Shoshou shuku tou, Shidai Tennou, Dyuurassetinyo,
Tenryu hati bu, Dindin Suidin, Endyuu sugo,
Daishou Shodin, Ekou kuyou, Myouhou kushou,
koussan Kudoku baizou houraku, Ikouzouyaku Godi Myouhou, Riyaku Shudyou,
Tentyou dikyu Kokudo annon, Shoudan seshu, sokussai enmei,
Goudyu keraku, Soshi Shouryou tou menmen kakukaku, Shur-ri shoudi
shoudai Bodai, naishi, Houkai byoudou riyaku”.

24 Palavras Dármicas

“Eu vos respeito profundamente,
de maneira nenhuma vos desprezo.
Isso justamente porque vós todos,
ao praticardes o Caminho de Bossatsu,
certamente atingireis a iluminação”.

Lema da HBS

“Oramos pela harmonia do Universo,
através da prática de virtudes,
do aperfeiçoamento espiritual
e da solidariedade dos seres”.

Perfil da Prática

“Tenha a prece no coração
a voz na oração
e o corpo a disposição
do Darma Sagrado
Namumyouhourenguekyou”.

Enunciado de penitência:

“Para eliminar o carma negativo
Que acumulei desde um passado remoto

A partir da presente existência
Até atingir o estado de Buda
Devotar-me-ei à imagem sagrada
A doutrina e a oração sagrada
Causa, essência e semente da Iluminação
Transmitida pelo Jyougyou Bossatsu
Namumyouhourenguekyou’.

Discurso religioso (proferido e comentado pelo celebrante)

“Não veio a este mundo
para se divertir
É por isso que sofre
para salvar as pessoas”.

Sangue Mon (Enunciado de Penitência)

“Mushi-irai houbou zaishou shoumetsu,
kondin yori bus-shi ni itarumade,
tamoti tatematsuru
Honmon no Honzon,
Honmon no Kaidan,
Honmon Digyou,
happon shoken
Jyougyou shoden,
Hon-ni gueshu no,

NAMUMYOUHOURENGUEKYOU
NAMUMYOUHOURENGUEKYOU
NAMUMYOUHOURENGUEKYOU”.

Instrumentos musicais e objetos sagrados

Durante os cultos da religião HBS existem diversos instrumentos musicais e objetos sagrados, que são utilizados ao longo das cerimônias. A seguir, descrevo e revelo, através de fotografias, os mais importantes:

O altar sagrado e o *Gohonzon*:

O *Gohonzon*, também costumeiramente chamado de “Imagem Sagrada”, fica localizado nos altares da HBS, de onde os sacerdotes celebram os cultos no *Hondo* (principal local de encontro dos fiéis e de orações). A “Imagem Sagrada” é a parte mais importante do altar (que possui outros componentes, como o sino, o incensário, etc), sendo objeto imprescindível para a realização das orações, por parte dos fiéis, e dos cultos, pelos sacerdotes.

Para a religião HBS, o *Gohonzon* - que consiste, na verdade, na escritura do mantra *Namumyouhourenguekyou* – representa a unidade absoluta do universo. Nele, “todos os tipos de existências e estados estão representados e se encontram vivos na sua forma essencial, demonstrando a unicidade universal e orando junto com todos nós. Por fazer parte da nossa natureza primordial, é digno de veneração e devoção. Faz parte da nossa mais pura e única natureza”⁸⁷.

Segundo a tradição, o grande mestre *Nichiren Daibossatsu* pregava que “o *Gohonzon* do *Namumyouhourenguekyou* é o mais sublime, completo e perfeito alvo de

⁸⁷ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 4, n. 33. São Paulo, 2002, p. 21.

adoração, pois representa o próprio Buda Primordial e sua iluminação plena, à disposição para todos receberem pelo modo da fé em seus corações”⁸⁸.

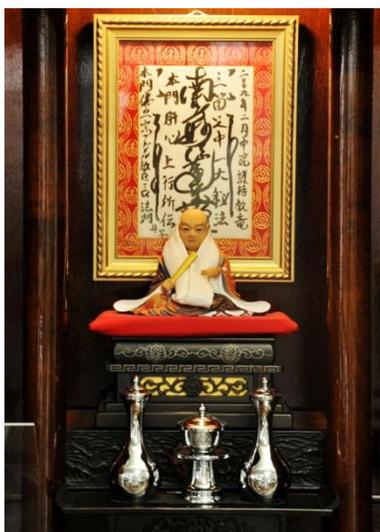


Foto 54: Altar presente no escritório dos sacerdotes.



Foto 55: *Gohonzon* da sala dos sacerdotes.



Foto 56: *Gohonzon* móvel para Culto dos Jovens.



Foto 57: Altar Sagrado na casa de um fiel.

⁸⁸ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 7, n. 72. São Paulo, 2005, p. 09.



Foto 58: *Gohonzon* montado para a Ecojub, em Campinas (Templo *Rentokuji*).



Foto 59: Altar Sagrado principal da Catedral *Nikkyoji*.

A água sagrada (ou benzida):

Chamada de *Okoussui*⁸⁹, a água sagrada é considerada pela HBS como um remédio, que age através da fé. Os seguidores da doutrina acreditam que, através da força da oração sagrada *Namumyouhourenguekyou*, a água torna-se benzida, propiciando a quem a ingere inúmeras graças, como, por exemplo, a cura de doenças graves.

O *Okoussui* é considerado, ainda, o *Namumyouhourenguekyou* em sua forma líquida. Por isso, geralmente ora-se o *Odaimoku* ao ingerir o *Okoussui*. Pela tradição, aquele que oferece a água benzida tem o dever de explicar que a sua eficácia está associada à recitação do mantra sagrado.

“Se faltar com esta explicação, então o *Okoussui* perderá um de seus importantes efeitos além da cura, o efeito psicológico, que é fazer a pessoa acreditar naquilo diferenciadamente de um remédio, ou seja, pela fé, que ela pode curar-se independente de qualquer atestado negativo que possam lhe apresentar” (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 6, n. 57. São Paulo, 2004, p. 20).



Foto 60: Água sagrada para os sacerdotes tomarem durante o culto.



Foto 61: Garrafas com *Okoussui*, que são distribuídas aos fiéis.

⁸⁹ Água que se torna sagrada após receber a virtude da oração do *Namumyouhourenguekyou* (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 6, n. 57. São Paulo, 2004, p. 20).

O *Odyuzu* (ou terço budista):

"O *Odyuzu* é um instrumento religioso budista que representa determinação!" (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 6, n. 58. São Paulo, 2004, p. 04).

O *Odyuzu* consiste em uma espécie de terço budista. Na verdade, é um colar composto por contas, estas provenientes de diversos materiais. Normalmente é feito de madeira, mas pode ser confeccionado com frutos de árvores, ferro, bronze, pérolas, jade, cristal, plástico, vidro, pedras, etc.

Este “terço” tem a função primeira de ajudar na realização de cálculos (como sugere o termo “contas”). Ele serve para o fiel quantificar certa prática religiosa, como, por exemplo, o número de vezes que orou o *Odaimoku*.

Seguindo a tradição, um *Odyuzu* possui 108 contas pequenas, que representam as 108 paixões ou imperfeições mundanas (como a cobiça, a mentira, a arrogância, a ignorância, a soberba, a inveja e a teimosia), além de mais quatro de tamanho e cores diferentes, que representam os Quatro *Bossatsus* Primordiais⁹⁰ (*Jyougyou, Muhengyou, Dyougyou, Anryuugyou*), somando um total de 112 contas. Além disso, existem duas contas ainda maiores, que representam os Budas *Shakyamuni* (Buda Histórico, à esquerda) e *Tahou* (Buda dos muitos Tesouros, também tido como Buda testemunha do Sutra Lótus, à direita).

Ainda segundo os preceitos da HBS, os antigos budistas utilizavam o *Odyuzu* para “contar as súplicas que faziam diante de uma imagem. Acreditavam que cada súplica extinguiu uma das paixões mundanas que possuíam.”⁹¹

⁹⁰ Os quatro *Bossatsus* Primordiais são seres de sabedoria elevada, designados pelo próprio Buda Primordial para disseminar a oração sagrada *Namumyohourengekyou*, pelos quatro cantos do universo.

⁹¹ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 6, n. 58. São Paulo, 2004, p. 04.

Outra importante ilustração figurativa (metafórica/imagética) do *Odyuzu* é a forma na qual ele é manipulado. O devoto deve unir as mãos em postura de devoção (chamada de *Gasshou*). Desta maneira, as 108 paixões humanas, representadas pelas 108 contas menores do terço, ficam esmagadas entre as duas contas maiores, que representam os Budas.



Foto 62: *Odyuzu* sobre “*bukuro*” (porta *Odyuzu*)



Foto 63: *Odyuzu* sendo manipulado.

Os instrumentos musicais:

Foi o mestre *Nissen Shounin*, fundador da HBS que, no ano de 1878, introduziu o uso das clavas (*hyoushiki*), do metalofone (ou *mokkin*, uma espécie de xilofone) e do *taiko* (ou *houko*), durante as cerimônias⁹². Todos esses instrumentos foram adequados para a função principal de ritmar a concentração na oração *Namumyouhourenguekyou*.

⁹² BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 2, n. 9. São Paulo, 2000, p. 09.

Taiko (ou Houko):

O *Taiko*, que para os ocidentais seria uma espécie de tambor, é um famoso instrumento de percussão japonês. Sua utilidade original remonta ao Japão feudal, onde era usado para motivar as tropas do Imperador, marcar o passo na marcha e anunciar comandos militares. Na HBS, é utilizado constantemente nos cultos, pela capacidade de seu som alcançar um grande número de pessoas simultaneamente e marcar o andamento das orações e cânticos.



Foto 64: *Taiko*.



Foto 65: Sacerdote Campos tocando *Taiko*.

Mokkin (metalofone):

O *mokkin* é uma espécie de xilofone, normalmente tocado pelos sacerdotes em celebrações maiores, como nos Cultos Matinais. É composto por duas lâminas de madeira dispostas paralelamente e um bastão (ou baqueta), confeccionado de madeira, borracha ou

outros materiais sintéticos. Seu som é ritmado, e assim como os demais instrumentos, acompanha a oração sagrada *Namumyouhourenguekyou*.



Foto 66: *Mokkin*.



Foto 67: Sacerdote tocando *mokkin*.



Foto 68: Sacerdote Amaral toca instrumento brasileiro (durante passeata), que possui um som parecido ao *mokkin*. Por causa deste som e por ser feito de cascas de coco, o instrumento foi apelidado pelos sacer-dotes de “cokin”.

Clavas:

As clavas são dois pedaços de madeira que, ao baterem uma na outra, emitem um som característico. São utilizadas durante os cultos e, também, em celebrações fora do *Hondo* (como Cultos Domiciliares e Passeatas), pela facilidade de ser transportado. Seus sons se assemelham com os do *mokkin*, seguindo o ritmo da emanção do *Namumyouhourenguekyou*.



Foto 69: Clavas sobre livro de ensinamentos (*Myookooichiza*).



Foto 70: Clavas.

Sinos:

Segundo a definição, os sinos eram “originariamente uma chapa de madeira”⁹³, utilizada como instrumento de percussão. Na religião budista, foi adaptada como

⁹³ Em sânscrito: *ghanta*.

instrumento para informar o tempo. Na China, o sino tomou sua forma atual em bronze e, assim, permaneceu até os nossos dias.

Na HBS, os sinos utilizados possuem várias formas e significados. Os sinos residenciais são chamados *Rin* e, como o próprio nome nos indica, estão presentes em altares menores, nas residências dos fiéis.

Já o *Inkin* é um sino portátil, utilizado em cerimônias realizadas em pé, onde não existe uma base para apoiar o instrumento.

Existem também sinos maiores (chamados de *Gan*) e os sinos planos feitos de metal (denominados *Kei*), que normalmente são tocados pelos celebrantes, no altar (nave) do *Hondo*.

Ainda existem sinos enormes, denominados *Shou* ou *Kane*, que são colocados na área externa dos grandes templos, sendo tocados através de um tronco de árvore, mostrando a grandeza de suas dimensões⁹⁴.

Todos estes sinos possuem, especificamente, três funções principais durante um culto da HBS. Primeiro, servem para indicar quando uma cerimônia ou oração se inicia e termina. Atuam também na evocação de entidades sagradas, como *Bossatsus* e outras divindades, e, por fim, servem como metáfora para indicar que, assim como o som que ecoa, os ensinamentos transmitidos pelo Buda Primordial devem propagar-se infinitamente, através da fé e da prática constante por parte dos fiéis.

⁹⁴ Estes sinos só existem nos Templos do Japão.



Foto 71: Sino *Gan* e o bastão para tocá-lo.



Foto 72: Sino *Kei*.



Foto 73: Sino *Kei*, sendo tocado pela sacerdotisa.

4.6 - Temática E: Catequese Budista:

Outro evento realizado na HBS do Brasil é a chamada “Catequese Budista”. Embora o termo catequese tenha sido cunhado para designar o aprendizado da religião cristã, ele foi adaptado como um termo em português, que corresponde a uma espécie de palestra, de ensinamento sobre a religião budista, ministrada pelos sacerdotes da *Honmon Butsuryu-shu*.



Foto 74: Sacerdote *Tadokoro* ajuda o Bispo com as vestimentas.



Foto 75: Bispo Correia diante dos fiéis.



Foto 76: Sacerdote assiste à palestra do Bispo.

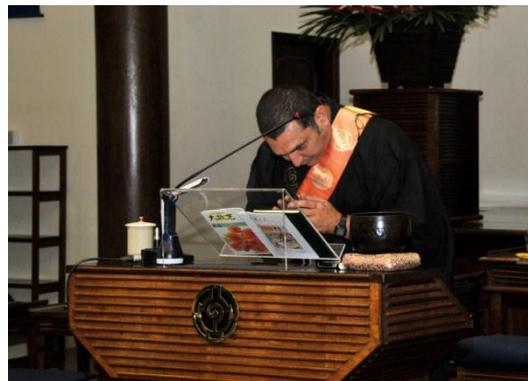


Foto 77: Bispo ensina a doutrina aos fiéis.



Foto 78: Fiéis assistem vídeo da viagem do Bispo Correia à Índia, berço do Budismo.

4.7 - Temática F: Culto Residencial

Uma das práticas mais tradicionais da HBS é o Culto Residencial, também conhecido como *Okou*. “Estilo de prática que originou a HBS e lhe deu o perfil que cultiva até os dias de hoje. É o caso em que o fiel, promotor do culto, por ceder sua casa a um motivo religioso, a transforma num verdadeiro ‘Templo’, convidando o sacerdote para a celebração e os fiéis e convidados simpatizantes para participarem e receberem os ensinamentos”⁹⁵.

Temos o culto residencial como um dos cultos mais sagrados, pois é a partir de onde nasce um templo e ocorre a expansão dentro de um contato muito próximo. Um culto pode ser celebrado em qualquer local (BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 9, n. 89. São Paulo, 2007, p. 26).

No caso da Catedral *Nikkyoji*, os fiéis são divididos em sub-grupos, ordenados por localização. Cada sacerdote é designado para uma sub-região, sendo o responsável por ela. Os cultos residenciais ocorrem mensalmente na residência de algum fiel, sempre sendo celebrado pelo sacerdote nomeado para determinado setor. Já nos outros templos, que possuem um número menor de fiéis e sacerdotes, esta divisão não segue tamanha rigidez.



Foto 79: Fiel acende a vela do altar.

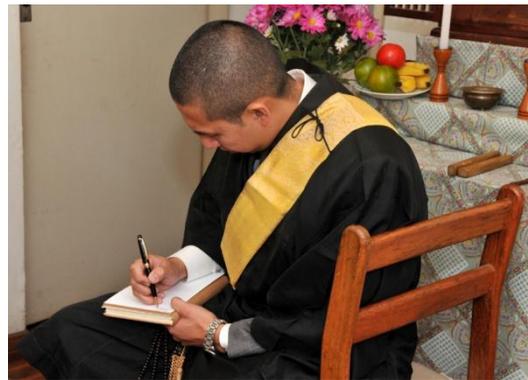


Foto 80: Sacerdote *Tadokoro* registra os nomes dos presentes.

⁹⁵ BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 4, n. 33. São Paulo, 2002, p. 22.



Foto 81: Sacerdote faz as preces iniciais, pedindo saúde e proteção aos presentes.



Foto 82: Sacerdote cumprimenta os fiéis, com a expressão “*arigatougozaimasu*”⁹⁶.



Foto 83: Sacerdote toca o pequeno sino do altar.



Foto 84: Sacerdote e fiéis oram o mantra sagrado.



Foto 85: Sacerdote *Tadokoro* oferece homenagem aos falecidos.



Foto 86: Sacerdote ora o *Namumyohourenkyou*, ao som de suas clavas.

⁹⁶ Esta expressão significa “é um prazer estar na presença de vocês”.



Foto 87: Sacerdotes e fiéis orando.



Foto 88: Sacerdote aponta para imagem de *Issui Ibaragui*, fundador da HBS no Brasil.



Foto 89: Sacerdote ensina sobre a doutrina Primordial.



Foto 90: Sacerdote *Tadokoro* cumprimenta os fiéis, com a expressão “*arigatogosaimashita*”⁹⁷, e encerra o culto.

Além dos cultos residenciais mensais, existem também as visitas assistenciais semanais. Estas são uma prática rotineira na HBS do Brasil. Cada sacerdote, encarregado de uma sub-região (no caso da Catedral *Nikkyoji*, em São Paulo), visita diversos fiéis no mesmo dia, conversando, orando e realizando pequenos cultos.

⁹⁷ Expressão que significa “é um prazer estar com você”.



Foto 91: Fiel mostra sua arte, feita de arames, ao sacerdote Campos.



Foto 92: Sacerdote Campos explica a doutrina ao fiel.



Foto 93: Sacerdote Campos inicia culto.



Foto 94: Sacerdote toca o pequeno sino do altar.



Foto 95: Sacerdote ora o *Namumyouhourenguekyou*, com o *Odyuzu* (terço budista) entre as mãos.

4.8 - Temática G: Culto Póstumo

Os Cultos Póstumos, como o próprio nome remete, são as cerimônias realizadas em homenagem a algum fiel falecido. Estas cerimônias ocorrem no *Oterá* (Templo) aos domingos (após o Culto Matinal) e são, normalmente, oferecidas por algum parente da pessoa reverenciada. Todos os fiéis são bem vindos e, de acordo com a tradição, também são convidados para um almoço comunal, que normalmente ocorre na quadra poliesportiva do templo⁹⁸.



Foto 96: *Hondo* repleto de fiéis para o Culto Póstumo.



Foto 97: O Bispo é o primeiro a prestar homenagens à falecida.



Foto 98: Bispo celebra o culto, enquanto fiel acende velas (ao fundo).



Foto 99: Fiéis formam grande fila, para prestarem homenagem.

⁹⁸ Todos os templos da HBS do Brasil possuem uma quadra poliesportiva.



Foto 100: Fiéis acendem incensos...



Foto 101: ...em homenagem à falecida *Yuki Oikawa* (fiel que faleceu aos 100 anos de idade).



Foto 102: Altar Póstumo e a fumaça dos incensos.



Foto 103: Fiéis retornam aos seus lugares...



Foto 104: ...e acompanham o final da celebração, feita pelo *Odoshi* (mestre) Correia.

4.9 - Temática H: Orações Fervorosas

As Orações Fervorosas consistem em uma prática religiosa árdua, que exige muita fé e resistência (tanto física quanto espiritual) por parte dos sacerdotes, responsáveis por realizá-las. Trata-se, na verdade, de uma oração de 24 horas, quase ininterruptas, que ocorre mensalmente na Catedral *Nikkyoji*. Os sacerdotes se revezam orando, meditando, tocando instrumentos e entoando⁹⁹ o mantra sagrado *Namumyouhourenguekyou* diante do altar, durante um dia inteiro. Por todo este período o *Oterá* fica aberto, recebendo os fiéis que acompanham os clérigos nas orações.

Apenas ocorrem pausas nas Orações Fervorosas para a realização de outras atividades no *Hondo*, como cultos, palestras (“catequese” budista) e outras cerimônias, e no momento da troca dos sacerdotes, para a continuidade das orações.



Foto 105: Sacerdote Campos solitário no *Hondo*, de madrugada.

⁹⁹ Os sacerdotes também tocam clavas ou o *makkin*, acompanhando o ritmo do mantra.



Foto 106: Sacerdote ora, olhando para o Altar Sagrado.



Foto 107: Sacerdote concentrado em suas orações.



Foto 108: Sacerdote Campos ora o *Namumyouhourenguekyou*, batendo com a mão direita na perna.



Foto 109: Sacerdote Campos ora, enquanto o sacerdote Amaral se aproxima.



Foto 110: Sacerdotes conversam e brincam...



Foto 111: ...antes de trocarem de posto.

4.10 - Temática I: Passeata

As passeatas também são práticas constantes na Catedral *Nikkyoji*. Tratam-se de caminhadas por lugares movimentados de São Paulo, como na Avenida Paulista, de preferência aos sábados, em períodos com grande fluxo de pedestres.

Os sacerdotes se agrupam em fila indiana, sendo que nas extremidades sempre ficam homens mais fortes, com o intuito de proteger os demais integrantes. Isto porque é comum que pessoas mais conservadoras e preconceituosas agridam os integrantes da passeata, com insultos ou, até mesmo, fisicamente. No meio da fila, normalmente seguem mulheres, crianças e idosos.

Após formarem o segmento, todos caminham e entoam, incessantemente, o *Namumyouhourenguekyou*, com a justificativa de que o mínimo contato com o mantra sagrado (tanto homens, animais e plantas, ou seja, todo ser *sensciente*), fonte e essência da Iluminação do Buda, cria com ele um elo de ligação. Mesmo aquele que o ouve e debocha, faz surgir um elo (negativo, mas mesmo assim um elo), que o fará, nos próximos renascimentos, se aproximar cada vez mais do Nirvana.



Foto 112: Organização da passeata.



Foto 113: Pedestres olham (desconfiados) os sacerdotes.



Foto 114: Transeuntes fotografam a passeata.



Foto 115: Sacerdote Campos protege o Bispo Correia da chuva.



Foto 116: Sacerdote Amaral toca instrumento brasileiro adaptado...



Foto 117: ...enquanto todos oram o *Namumyohou-renguekyou*.



Foto 118: Fila indiana: Mulheres, crianças e idosos andam no meio.



Foto 119: Pedestre vê a passeata...



Foto 120: ...aborda o Bispo Correia...



Foto 121: ...o ofende, mas não obtém resposta.



Foto 122: A passeata prossegue, pela Avenida Paulista.

4.11 - Temática J: Culto dos Jovens

O Culto dos Jovens da Catedral *Nikkyoji* é celebrado aos domingos, pelo sacerdote *Kyougyou* Amaral. Sendo ele, também, um jovem de 22 anos de idade¹⁰⁰, foi designado para tal função no templo, por estar próximo dos fiéis mais novos e falar “a mesma língua”.

Assim, o sacerdote Amaral realiza cultos externos, em parques ou na residência de algum dos integrantes do grupo dos jovens budistas. Para a realização de tais cerimônias, ele sempre leva consigo o *Gohonzon* (altar que contém a Imagem Sagrada), sem o qual não é possível realizar um culto da HBS.

Após as orações, o sacerdote normalmente se reúne com os fiéis para conversar a respeito da doutrina da *Honmon Butsuryu-shu*, esclarecendo dúvidas, levantando eventuais questionamentos e contando um pouco da história dessa religião.

Ao término das conversas, o sacerdote Amaral leva os jovens para um momento de descontração. Normalmente vão ao cinema, ao caraoquê ou a algum restaurante, para jantarem e confraternizarem.



Foto 123: Sacerdote traz *Gohonzon* móvel.



Foto 124: Sacerdote Amaral prepara o *Gohonzon*, sempre utilizando a máscara, para não expirar sobre o altar.

¹⁰⁰ Até a data da minha pesquisa de campo, o sacerdote Amaral era o mais jovem sacerdote budista brasileiro, considerando-se todas as correntes.



Foto 125: Sacerdote Amaral começa o culto.



Foto 126: Fiéis oram, batendo com a mão direita (fechada) na esquerda.



Foto 127: Sacerdote e fiéis oram o *Namumyohourengekyou*.



Foto 128: Sacerdote e fiéis oram o mantra sagrado, batendo com as mãos em gesto ritual característico.



Foto 129: Sacerdote conversa com fiéis, após o culto.



Foto 130: Sacerdote Amaral ensina o significado do *Odyuzu*¹⁰¹ (terço budista).

¹⁰¹ Ver p. 135-136.

4.12 – Temática K: Descontração

Existe, na Catedral *Nikkyoji*, diversas atividades “comuns”, rotineiras, que não estão necessariamente ligadas à prática do *Odaimoku*, mas compõem o cenário de vida dos sacerdotes.

Quando não estão trabalhando nos seus afazeres religiosos, os sacerdotes interagem entre eles e, também, com os fiéis, muitas vezes conversando a respeito da doutrina da HBS.



Foto 131: Descontração e brincadeiras...



Foto 132: ...antes da passeata na Av. Paulista.



Foto 133: Brincadeiras na Kombi...



Foto 134: ...antes da passeata.



Foto 135: Bispo brinca com fiéis.



Foto 136: Descontraído, Bispo ensina sobre a HBS.



Foto 137: Café da manhã dos fiéis



Foto 138: Sacerdotes e fiéis comem juntos.



Foto 139: Fotografia posada após a passeata, na Avenida Paulista.

4.13 – Temática L: Outras tarefas dos sacerdotes

Reuniões

Além das reuniões que tratam de assuntos burocráticos e financeiros do *Oterá* (como vimos no capítulo anterior), existe uma assembleia diária entre os sacerdotes, sempre após o Culto Matinal. Neste momento, os clérigos conversam sobre as atividades realizadas e ouvem conselhos do *Odoshi* Correia.

Além disso, cada sacerdote aponta as falhas que percebeu nos confrades durante o dia anterior. A justificativa para tal atitude: todos devem buscar o aperfeiçoamento e ter humildade para aceitar as críticas, para alcançar tal objetivo.



Foto 140: Bispo conversa com seus sacerdotes.



Foto 141: Bispo explica a doutrina HBS...



Foto 142: ... e os sacerdotes ouvem atentos.



Foto 143: Bispo Correia chama a atenção dos seus discípulos.

Limpeza do altar

Durante a limpeza do *Gohonzon*, todos os sacerdotes utilizam máscaras, com o intuito de impedir que a expiração atinja o altar, em um sinal de extremo respeito e devoção.



Foto 144: Sacerdote *Kiokai* arruma o pano.



Foto 145: Sacerdote Barbosa acende as velas...



Foto 146: ...e os incensos do altar.

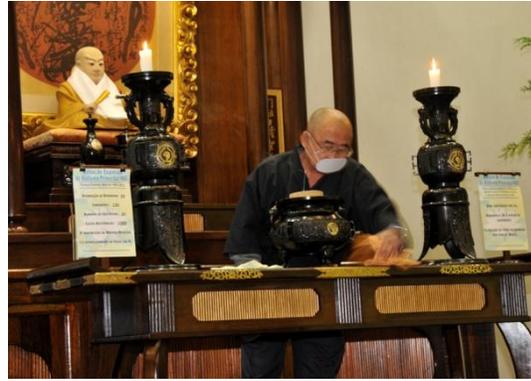


Foto 147: Sacerdote limpa a mesa do altar.



Foto 148: Sacerdotisa organiza o Altar Póstumo.



Foto 149: Sacerdote Amaral limpa o Sino *Gan*.



Foto 150: Sacerdote *Tadokoro*...



Foto 151: ...limpando o incensário.



Foto 152: Sacerdotisa arruma as flores.



Foto 153: Sacerdotes limpam o altar.



Foto 154: Sacerdote *Tadokoro* varre...



Foto 155: ...enquanto o sacerdote Amaral troca a água das plantas do altar.



Foto 156: Clérigos limpam o altar da sala sacerdotal.

4.14 – Temática M: Fiéis

Os fiéis, por motivos óbvios, são parte fundamental da HBS e de qualquer outra religião. É para eles que são celebrados e direcionados os diversos cultos e atividades no *Oterá*. Os sacerdotes têm a função de conduzi-los ao caminho do Sutra Lótus Primordial e, conseqüentemente, à Iluminação.



Foto 157: Fiel ora o *Odaimoku*.



Foto 158: Fiel ora, batendo suas clavas.



Foto 159: Fiel ora o *Odaimoku*, no Culto Domiciliar.



Foto 160: Fiel ora batendo com a mão direita, em gesto característico.



Foto 161: Fiel assina lista de presença no Culto.



Foto 162: Fiéis, de pé, oram o *Odaimoku*.



Foto 163: Fiel ora, com olhos fixos na Imagem Sagrada.



Foto 164: Jovens fiéis orando, com terço entre as mãos.



Foto 165: Fiéis oram o *Namumyohourengekyou*, no Culto Noturno da Ecojub, em Indaiatuba.



Foto 166: Fiéis orando, em culto da Ecojub no Templo *Rentokuji*, em Campinas.



Foto 167: Fiéis da Catedral Nikkyoji oram o *Namumyohourengekyou*, batendo suas mãos nas pernas.

4.15 – Temática N: Grandes Eventos

Ecojub:

Realizado entre os dias 26 e 27 de novembro de 2011, o Encontro Nacional de Jovens Budistas (Ecojub) aconteceu no templo *Rentokuji*, em Campinas, e em uma chácara, localizada na cidade de Indaiatuba.

O evento foi marcado por várias atividades religiosas e de interação, envolvendo os jovens fiéis da HBS e vários sacerdotes.



Foto 168: Café da manhã no *Rentokuji*.



Foto 169: Culto Matinal, em altar montado no ginásio do Templo *Rentokuji*.



Foto 170: Fiéis olham para a Imagem Sagrada.



Foto 171: Sacerdotes celebram Culto dos Jovens.



Foto 172: Panorâmica do culto da Ecojub 2011.



Foto 173: Descontração na chácara, onde ocorreu a Ecojub 2011.



Foto 174: Participantes do encontro.



Foto 175: Oração antes do almoço.



Foto 176: Almoço da Ecojub 2011.



Foto 177: Altar montado para culto na chácara.



Foto 178: Sacerdotes realizam Culto Noturno, em Indaiatuba.



Foto 179: Fiéis orando o *Namumyohourengekyou*.



Foto 180: Sacerdote Amaral arruma vestimenta do Bispo Correia, no 2º dia da Ecojub.



Foto 181: Fiéis oram o *Namumyohourengekyou*, no 2º dia do evento.



Foto 182: Novos fiéis apresentam sua conversão, durante a Ecojub 2011.



Foto 183: Fiel recebe premiação do sacerdote Morais.



Foto 184: Diploma de elevação de grau da fiel.



Foto 185: Almoço de encerramento da Ecojub.



Foto 186: Panorâmica, mostrando os participantes do encontro.

Grande culto de Mogi das Cruzes:

Além dos cultos matinais diários, abertos aos fiéis e também aos leigos interessados, acontece anualmente na HBS do Brasil os chamados Grandes Cultos, em reverência aos três grandes mestres (*Nichiren*, *Nitiryu* e *Nissen*). Mensalmente também é realizado o “Culto Geral Mensal (*Goshugyoubi*).

O culto especial que presenciei (na cidade de Mogi das Cruzes) foi realizado em homenagem ao mestre *Nichiren Daibossatsu* (mestre e precursor da HBS) e, também, representou a inauguração do novo *Hondo* do templo *Ryushoji*.

Ocorrido no dia 11 de setembro de 2011, este grande evento contou com mais de 500 pessoas (entre fiéis, sacerdotes e leigos) e foi celebrado pelos bispos (*Odoshi Hasegawa* e *Matsumoto*), vindos do Japão especialmente para esta solenidade. O culto também contou com caravanas vindas dos outros templos da HBS, assim como com a presença de vários sacerdotes brasileiros, que co-celebraram a cerimônia.



Foto 187: Panorâmica da entrada do Templo *Ryushoji*, na cidade de Mogi das Cruzes.



Foto 188: Bispo Correia e sacerdote Amaral estiveram presentes no evento.



Foto 189: Entrada dos sacerdotes no novo *Hondo*.



Foto 190: Fiéis entrando no novo *Hondo*.



Foto 191: Sacerdotes e fiéis orando o *Namumyou-hourenquekyou*.



Foto 192: Fiéis oram o *Odaimoku*, com terço entre as mãos.



Foto 193: Sacerdotisa do *Nikkei* também estava presente.



Foto 194: Vista do *Gohonzon* e dos sacerdotes.



Foto 195: Bispo (*Odoshi*) Hasegawa, vindo do Japão especialmente para celebrar o Grande Culto.



Foto 196: Almoço de confraternização e encerramento do grande evento.

Capítulo 5: Por uma reconstrução da HBS: a imagem como arquivo-vivo de memórias.

Introdução

"A questão do arquivo não é [...] uma questão do passado [...] É uma questão de futuro, a questão do futuro mesmo, a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã. O arquivo, se quisermos saber o que isto queria dizer, isso somente será de nosso conhecimento no tempo que há de vir" (DIDI-HUBERMAN, 1995, p. 60 apud SAMAIN, 2012).

O intuito inicial da presente pesquisa era o de promover um percurso verbo-visual sobre a comunidade HBS do Brasil. No entanto, após o trabalho de pesquisa teórica (que resultaram nos capítulos 1 e 2) e empírica (com a pesquisa de campo participativa, que resultou nos capítulos 3 e 4), constatou-se que tal jornada devia almejar voos maiores.

De fato, a ousada meta aqui pleiteada é a de reconstruir e remontar o cotidiano da HBS do Brasil, tendo como alicerce a fotografia e as articulações, relações e concatenações que estas imagens, aparentemente estáticas, estabelecem entre a comunidade (fiéis e sacerdotes), o *outsider* (fotógrafo) e os receptores/espectadores destas imagens.

Não existem fotografias que não sejam portadoras de um conteúdo humano e conseqüentemente, que não sejam antropológicas à sua maneira. Toda a fotografia é um olhar sobre o mundo, levado pela intencionalidade de uma pessoa, que destina sua mensagem visível a um outro olhar, procurando dar significação a este mundo (SAMAIN, 1993, p. 7).

Para realizar tal empreendimento, pensamos em retomar uma metodologia de uso da fotografia no campo das ciências humanas. Trata-se da proposta de Margaret Mead e Gregory Bateson, que, na década de 40, procuraram enriquecer as possibilidades de pesquisa com a imagem no campo antropológico.

Portanto, tendo como pedra de toque a Antropologia Visual, tivemos a oportunidade de desenvolver, através da pesquisa de campo participativa - trabalho no qual, nas palavras de Achutti, “passa a ter importância os elementos que serão buscados na existência concreta dos povos estudados” (1996, p. 16) - uma documentação verbo-visual da HBS do Brasil, com ênfase na principal expressão ritualística da corrente, que consiste na recitação do mantra sagrado, *Namumyouhourenguekyou*.

Para tanto, como foi demonstrado nos capítulos 3 e 4, utilizei não somente os meios verbais tradicionais (falas gravadas e diário de campo escrito), mas, principalmente, as imagens fotográficas (da ordem do visual, do sensível).

Estas imagens fotográficas definem-se neste trabalho como caminho na incessante busca em somar as potencialidades de um estudo de campo com a utilização da imagem, ou seja, unir a especificidade da linguagem fotográfica e o conteúdo de um olhar que almeja ser antropológico, “com suas interrogações e formas específicas de olhar o *outro*” (ACHUTTI, 1996, p. 34).

Quando, por exemplo, realizei minha primeira e mais profunda inserção na comunidade HBS (na Catedral *Nikkyoji*), diversos fatores influenciaram nas escolhas das minhas tomadas fotográficas.

Quanto aos fatores estéticos, busquei produzir cenas bem iluminadas, fazendo uso, sempre que possível, da iluminação ambiente. O resultado foram fotografias (principalmente aquelas realizadas dentro da nave do Templo) com “cores quentes”, com predominância do vermelho e amarelo, que ressaltavam a luz própria do *Hondo*¹⁰². Esta opção estética adotada envolve, também, uma escolha técnica. Para realizar tais tomadas fotográficas, fiz uso de um ISO¹⁰³ elevado (superior a 640), diafragmas¹⁰⁴ mais abertos (4 - 5,6) e maiores intervalos de obturação¹⁰⁵. Ao utilizar diafragmas mais abertos, consegui fotografias com maior luminosidade, embora com menor profundidade de campo. Com a

¹⁰² O *Hondo* corresponde à nave do templo, local onde se realizam as principais cerimônias.

¹⁰³ ISO ou ASA corresponde, na fotografia analógica, à capacidade (sensibilidade) de captação de luz que os filmes possuem. Quanto maior o ISO, maior é a captação de luz.

¹⁰⁴ Dispositivo composto por um conjunto de lâminas metálicas que formam um orifício, por onde passa a luz. Quanto maior a abertura do diafragma, maior a captação de luz.

¹⁰⁵ O obturador é um dispositivo mecânico que abre e fecha em determinado intervalo de tempo. Quanto maior for este intervalo, maior a incidência de luz.

escolha de maiores tempos de obturação (obturador “mais lento”), tive como resultado, em diversas fotografias, a impressão de movimento/borrão, fundamentais em momentos importantes, como naqueles em que os fiéis oravam batendo com a mão direita na perna ou quando os sacerdotes tocavam instrumentos musicais.

Em outros instantes, tive a necessidade de utilizar um flash direcionado, por causa das baixas condições de iluminação, tomando todo o cuidado para não intervir excessivamente no transcorrer das atividades religiosas. Como resultado, obtive imagens com uma luz “dura” e de coloração azulada, incidente sobre o primeiro plano.

Nas cerimônias que contavam com a presença de muitos fiéis, busquei as fotografias panorâmicas, para englobar todo o espaço do *Hondo*, retratando não somente os participantes dos cultos mas, também, os sacerdotes que celebravam os rituais. Para tais fotografias, fiz uso de objetivas grande-angulares¹⁰⁶, que variavam entre 18 e 24 milímetros.

Nas fotografias do altar e do público utilizei teleobjetivas¹⁰⁷, para obter *closes* expressivos dos sacerdotes e fiéis orando. Tal opção estética também possui uma justificativa moral e ética. Estava preocupado em não romper os limites junto à comunidade. Não queria me aproximar demasiadamente do espaço íntimo de oração dos religiosos (diante do altar), tampouco dos fiéis, embora, em alguns momentos, tenha transgredido de forma inconsciente este tênue limite. Também não tinha a intenção de fotografar furtivamente, embora fosse difícil não ter esta sensação, quando fazia uso das teleobjetivas, que variavam entre 125 e 200 milímetros.

Quanto aos fatores culturais, que desde o início me guiaram para esta pesquisa (devido à forte influência da cultura japonesa durante minha formação familiar), busquei retratar a comunidade da forma mais digna possível, priorizando fotografias espontâneas e bem construídas, em detrimento de imagens de momentos, poses e posturas constrangedoras. Optei, ainda, no momento da seleção das imagens, por fotografias bem

¹⁰⁶ As objetivas grande-angulares possuem um maior campo de visão, embora distorçam as imagens.

¹⁰⁷ As teleobjetivas produzem imagens ampliadas, os chamados *zooms*. Em contrapartida, ao utilizar tais objetivas, existe uma maior dificuldade na focalização dos objetos.

focadas, enquadradas e com exposição de luz adequada, em detrimento de imagens com baixa qualidade técnica-estética.

A partir destas breves análises das fotografias produzidas, podemos explorar o caráter documental destas imagens, reiterando, todavia, a necessidade de considerar a subjetividade presente no “instante decisivo”, do qual nos falava Henri Cartier-Bresson.

No que tange ao fotógrafo, alguns momentos marcantes podem exemplificar a importância da imagem fotográfica como arquivo, capaz de mostrar o factual, mas, também, desencadear a memória e o imaginário dos envolvidos em sua elaboração. Como no momento em que, ao fotografar uma reunião da diretoria da Catedral *Nikkyoji*, o bispo Correia me repreende (educadamente), pedindo para que preste atenção nas atitudes dos sacerdotes, para somente depois fotografa-los. Ou quando o sacerdote Amaral me chama a atenção, para que peça autorização para fotografar de perto os fiéis. E, também, no momento em que o sacerdote Campos pede gentilmente para que não fotografe durante a fala do Arcebispo.

Existiram, também, outros fatores contextuais, que podem ser lembrados ao analisar, por exemplo, as imagens que retratam o altar, sempre fotografado da parte de baixo. Isso porque, em respeito à Imagem Sagrada, estava subentendido que aquele é o local referente à Divindade (o que não deixa de ser uma relação implícita de poder) e que os sacerdotes são os únicos autorizados pela comunidade para ocupar tal espaço, durante as cerimônias.

De fato, as análises acima só fazem sentido quando, em contato com as fotografias em questão, tiro tais conclusões. Elas desencadeiam uma sequência de memória/imaginação que, certamente, não terá a mesma significação para os sacerdotes, fiéis e outros possíveis observadores das imagens.

Esta representação das fotografias passa, necessariamente, pela análise dos receptores da imagem, que, segundo Kossoy, têm “sua interpretação elaborada em conformidade com seu repertório cultural, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses pessoais, profissionais, seus preconceitos, seus mitos” (2002, p. 136). Neste caso, o ideal da

objetividade e neutralidade da fotografia se mostra falso, na medida em que melhor conhecemos o complexo universo destas imagens.

Tendo a imagem fotográfica (também) um papel de documento, é salutar considerar, ainda, que sua importância na nossa pesquisa ultrapassa a barreira de demonstrar o “isso foi” de Barthes. À imagem fotográfica foi dada a função audaciosa, mas possível, de reconstruir uma faceta (a partir do ponto de vista de um *outsider*) da realidade cotidiana da HBS do Brasil, que servirá para possíveis análises de futuras gerações da comunidade e, também, de outros interessados no tema.

Nas palavras de Boris Kossoy:

O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. As personagens retratadas envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive. Os assuntos nela registrados atravessaram os tempos e são hoje vistos por olhos estranhos em lugares desconhecidos: natureza, objetos, sombras, raios de luz, expressões humanas, por vezes crianças, hoje mais que centenárias, que se mantiveram crianças (2002, p. 139).

Podemos perceber que a relação da Antropologia com a imagem pode ir muito além da função ilustrativa que ela (imagem) exerce nos livros, sempre acompanhada de uma legenda, que nunca tem o poder de esgotar todo o seu conteúdo.

Etienne Samain nos diz, neste sentido, que “sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante” (2012, p. 6).

Para o autor, as imagens nunca nos mostram um pensamento único e definitivo, mas as lembranças, memórias e esquecimentos nele contidos. “Toda imagem se choca, arrebatando uma espiral de novas e outras operações sensoriais, cognitivas e afetivas” (SAMAIN, 2012, p. 6).

Partindo destes conceitos e após apresentar meu trabalho de campo no capítulo 3 e dividir o material coletado em 13 temáticas (capítulo 4) que orbitam ao redor de um núcleo (temática central) – a oração sagrada *Namumyouhourenguekyou* – o problema a ser solucionado é a forma de apresentação das fotografias reunidas, sem as tornar mero anexo ou ilustração da escrita.

Com este questionamento em voga, o intuito agora é oferecer as condições de poder, visualmente, pensar o mesmo registro verbo-visual não somente como um *álbum* datado (o que ele já é), e sim como um arquivo muito vivo, que vai permitir originar olhares novos, tanto transversais (já que são imagens do passado, mas que também reverberam no presente e no futuro) como transterritoriais (já que representam uma tradição religiosa no Brasil, mas que co-existe na cultura japonesa).

Esta última parte do trabalho busca mostrar as potencialidades da imagem fotográfica (capaz de representar tanto um álbum quanto um arquivo vivo de lembranças) como fonte de documentação e memória, tanto para mim quanto para aqueles que fizeram parte da pesquisa (sacerdotes e fiéis que pertencem à comunidade em questão).

Aqui, farei uso do modelo metodológico proposto pelos antropólogos Margaret Mead e Gregory Bateson, no célebre livro *Balinese character: a photographic analysis* (1942), para expor o material fotográfico coletado.

Este importante tratado antropológico narra a história do empreendimento realizado pelo casal, entre junho de 1936 e fevereiro de 1938, em Bali. Lá, produziram um vasto conteúdo etnográfico, com “mais de 25 mil clichês fotográficos Leica realizados e revelados por Gregory Bateson no local, outros sete quilômetros de película 16mm e, conjuntamente, a montanha de cadernos de campo nos quais Margaret Mead consignava, com minúcia e requinte de detalhes, o contexto de produção e de realização dessas tomadas” (SAMAIN, 2004, p. 52).

Assim, seguindo o modelo de *Balinese character*, onde “todas as fotografias foram apresentadas em forma de sequências com no mínimo seis fotografias em cada prancha” (ALVES, 2004, p. 109), a ideia é expor cada uma das 14 temáticas aqui propostas,

dispondo as imagens em série, precedidas, como no famoso livro, por explicações textuais. Neste caso, tais explicações foram elaboradas juntamente com membros da comunidade (sacerdotes e fiéis) HBS.

Assim, para a elaboração e composição das pranchas verbo-visuais, retornei uma vez mais à Catedral *Nikkyoji*, tendo permanecido no local entre os dias 09 e 10 de agosto de 2012. Neste período, apresentei aos sacerdotes e a alguns fiéis um resumo do meu trabalho, repleto de fotografias. Também deixei com os sacerdotes duas cópias contendo as 58 pranchas por mim elaboradas, para que tivessem o tempo necessário para apreciar tal conteúdo, anotando todas as observações e correções que acharam necessárias e pertinentes.

O último passo foi retornar à Catedral *Nikkyoji* no dia 18 de novembro de 2012, data combinada juntamente ao Arcebispo Correia para a devolução do material verbo-visual, com os devidos comentários.

A seguir, disponibilizo as 58 pranchas verbo-visuais como desfecho da minha pesquisa, elaborada com a assídua colaboração dos sacerdotes da HBS do Brasil e a participação dos fiéis.

ÍNDICE:

LISTA NUMÉRICA DAS PRANCHAS:

TEMÁTICA A: NÚCLEO DA FLOR DE LÓTUS

1. Oração sagrada *Namumyouhourenguekyou* 204

TEMÁTICA B: ESPAÇOS

2. Espaços externos 206
3. Espaços comunitários 208
4. Espaços privativos 210

TEMÁTICA C: ORAÇÕES PRÉVIAS

5. Orações Prévias 212

TEMÁTICA D: CULTOS MATINAIS E VESPERTINOS

6. Preparação do Arcebispo para o culto 214
7. Preparativos antes do Culto Matinal 216
8. Culto Matinal I 218
9. Culto Matinal II 220
10. Culto Matinal III 222
11. Culto Matinal IV 224
12. Culto Matinal V 226
13. Culto Secundário I 228
14. Culto Secundário II 230
15. Culto Secundário III 232
16. Instrumentos Musicais 234
17. Objetos religiosos I 236
18. Objetos religiosos II 238
19. Objetos religiosos III 240

TEMÁTICA E: CATEQUESE BUDISTA

20. Catequese Budista	242
------------------------------------	------------

TEMÁTICA F: CULTO RESIDENCIAL

21. Culto Residencial I	244
22. Culto Residencial II	246
23. Culto Residencial III	248
24. Visitas Assistenciais	250

TEMÁTICA G: CULTO PÓSTUMO

25. Início do Culto Póstumo	252
26. Homenagens à falecida I	254
27. Homenagens à falecida II	256
28. Final do Culto Póstumo	258
29. Almoço após Culto Póstumo	260

TEMÁTICA H: ORAÇÕES FERVOROSAS

30. Orações Fervorosas I	262
31. Orações Fervorosas II	264
32. Orações Fervorosas III	266

TEMÁTICA I: PASSEATA

33. Preparativos e início da Passeata	268
34. Passeata	270
35. Final da Passeata	272

TEMÁTICA J: CULTO DOS JOVENS

36. Culto dos Jovens (preparativos)	274
37. Culto dos Jovens I	276
38. Culto dos Jovens II	278

TEMÁTICA K: DESCONTRAÇÃO

39. <i>Kenjutsu</i>	280
40. Momentos de descontração I	282
41. Momentos de descontração II	284
42. Momentos de descontração III	286

TEMÁTICA L: OUTRAS TAREFAS DOS SACERDOTES

43. Preparativos	288
44. Reuniões Sacerdotais	290
45. Reuniões da diretoria I	292
46. Reuniões da diretoria II	294
47. Limpeza do Altar Sagrado da sala sacerdotal	296
48. Limpeza do Altar Sagrado do <i>Hondo</i> (nave) da Catedral I	298
49. Limpeza do Altar Sagrado do <i>Hondo</i> (nave) da Catedral II	300
50. Limpeza do Altar Sagrado do <i>Hondo</i> (nave) da Catedral III	302
51. Limpeza da calçada e do jardim	304

TEMÁTICA M: FIÉIS

52. Fiéis I	306
53. Fiéis II	308

TEMÁTICA N: GRANDES EVENTOS

54. Encontro dos Jovens Budistas (ECOJUB) I	310
55. Encontro dos Jovens Budistas (ECOJUB) II	312
56. Inauguração do novo <i>Hondo</i> (nave) do Templo <i>Ryushoji</i> I	314
57. Inauguração do novo <i>Hondo</i> (nave) do Templo <i>Ryushoji</i> II	316
58. Encerramento do Grande Culto do Templo <i>Ryushoji</i>	318

TEMÁTICA A: NÚCLEO DA FLOR DE LÓTUS

Prancha 1:

ORAÇÃO SAGRADA *NAMUMYOUHOURENGUEKYOU*

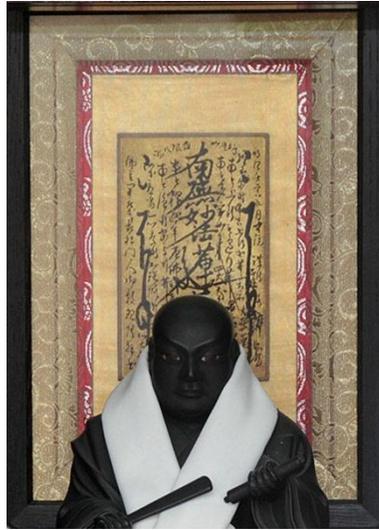
O núcleo da religião *Honmon Butsuryu-shu* consiste na emanção do mantra sagrado, *Namumyouhourenguekyou*. Este mantra é considerado a doutrina e a oração sagrada, sendo representada por uma imagem (também sagrada, escrita em *Kandi*) presente em todos os altares da HBS (ver p. 32-34 e 109-111).

Em todas as fotografias desta sequência, vemos os altares sagrados da religião HBS. Sem a presença destes altares não pode ocorrer qualquer tipo de cerimônia religiosa. Em cada um dos altares está presente a Imagem Sagrada (*Namumyouhourenguekyou*) ao fundo, tendo a frente à imagem (estátua) do mestre *Nichiren Daibossatsu*, precursor da HBS.

1. Imagem sagrada presente no escritório de trabalho dos sacerdotes, onde todos os dias pela manhã, realizam a primeira oração.
2. Imagem sagrada presente na sala de reuniões dos sacerdotes.
3. Altar portátil contendo a Imagem Sagrada. Ele foi utilizado pelo sacerdote Amaral durante o Culto dos Jovens, celebrado no dia 29 de maio de 2011 (*Gohonzon*: ver prancha 37). Podemos ver, também, um incensário (recipiente dourado) e um incenso, que servem como forma de homenagem e veneração à Imagem Sagrada e uma vela, colocada para ornamentar o Altar.
4. Imagem Sagrada presente no *Hondo* (nave) da Catedral *Nikkyoji*, em São Paulo. Além do mestre *Nichiren Daibossatsu*, podemos ver velas que servem para ornamentar e vasos onde são colocados incensos como forma de homenagem à Imagem Sagrada.
5. Altar contendo a Imagem Sagrada presente na casa de um fiel, onde foi realizada uma visita assistencial pelo sacerdote Campos. Na fotografia, notamos uma xícara contendo chá e um recipiente contendo *gohan* (arroz japonês), oferendas ao Altar Sagrado. Notamos, ainda, um incensário, velas e arranjos de flores (que servem como ornamentação), além de fotografias de familiares falecidos do fiel (colocados para serem lembrados e homenageados através das orações).
6. Altar contendo a Imagem Sagrada, adaptado no ginásio do Templo *Rentokuji*, em Campinas. Este Altar foi montado para receber as cerimônias e festividades decorrentes da ECOJUB 2011.



1



2



3



4



5



6

TEMÁTICA B: ESPAÇOS:

Existem diversos espaços dentro da Catedral *Nikkyoji*, em São Paulo. Neste caso, podemos dividi-los em três grupos:

Prancha 2:

ESPAÇOS EXTERNOS

Estes locais são de livre acesso para todos, sejam sacerdotes, fiéis ou visitantes.

- 1.** Panorâmica frontal da entrada da Catedral *Nikkyoji*, até o início de 2012.
- 2.** Após uma reforma iniciada em 2012, a nova fachada do *Hondo* (nave) da Catedral *Nikkyoji* foi finalizada em junho de 2012, substituindo a antiga (fotografia 1). Esta nova entrada segue os padrões da arquitetura dos Templos da HBS do Japão e foi construída através de doações de fiéis de todo o Brasil.
- 3 e 4.** Vista geral da praça da Catedral *Nikkyoji*, local de encontros entre fiéis e sacerdotes após os cultos dominicais e em eventos festivos. Percebemos, também, o sacerdote *Tadokoro* (fotografia 4), realizando a limpeza do local.
- 5.** Saguão da Catedral *Nikkyoji*. Ali acontecem as reuniões da diretoria e o café da manhã para os fiéis e sacerdotes, após os cultos dominicais.
- 6.** Fachada do prédio onde residem os sacerdotes e seus familiares, que fica na rua *Ibaragui Nissui*, em homenagem ao fundador do Budismo HBS no Brasil.



1



2



3



4



5



6

Prancha 3:

ESPAÇOS COMUNITÁRIOS

Esta prancha mostra os lugares internos do Catedral, local de atividades diversas, tanto religiosas quanto de descontração.

1. Panorâmica frontal do *Hondo* (nave) da Catedral *Nikkyoji*, local de realização das principais cerimônias religiosas.
2. Panorâmica lateral do altar sagrado, local onde as cerimônias são realizadas pelos sacerdotes.
3. Loja da Catedral *Nikkyoji*, onde são vendidos livros religiosos, altares e *Odyuzus* (terços budista).
4. Ginásio poliesportivo da Catedral *Nikkyoji*, local de realização de jogos, torneios, aulas de *Kenjutsu*, almoços e outras confraternizações.
5. Salão de jogos, com mesa de sinuca e pebolim, que fica ao lado do ginásio poliesportivo (quadra) do templo.
6. Sala de recreação para as crianças, com brinquedos e locais para descanso. Juntamente com o salão de jogos, esse espaço é utilizado em eventos festivos, como almoços, grandes cultos e festivais como o do “Boi no rolete”, organizado para angariar fundos para a Catedral.



1



2



3



4



5



6

Prancha 4:

ESPAÇOS PRIVATIVOS

Estes lugares, embora não sejam restritos aos fiéis, são utilizados pelos sacerdotes da HBS.

- 1.** Corredor de um dos andares do prédio onde residem os sacerdotes. Cada clérigo casado ocupa um dos apartamentos, onde reside juntamente com sua esposa e filhos. Já os sacerdotes solteiros dividem os outros apartamentos e banheiros comunitários, localizados nos corredores do prédio.
- 2.** Biblioteca localizada no prédio dos sacerdotes. Ali, encontram-se livros religiosos e mesas para estudo. É o local onde se realizam, também, algumas reuniões sacerdotais.
- 3.** Cozinha localizada no prédio residencial dos sacerdotes e familiares, onde é realizado o preparo e o consumo das refeições (almoço e janta).
- 4.** Escritório do Arcebispo *Kyohaku* Correia, local de reuniões e estudos religiosos.
- 5.** Na cozinha do templo é feito o café da manhã dos sacerdotes (e também dos fiéis, aos domingos).
- 6.** Bebedouro localizado ao lado do *Hondo*. A água colocada nestes galões é o *Okoussui* (água benzida pelo mantra sagrado), considerada o *Namumyohourenquekyou* em sua forma líquida.



1



2



3



4



5



6

TEMÁTICA C: ORAÇÕES PRÉVIAS

Antes dos Cultos Matinais diários, todos os sacerdotes da Catedral *Nikkyoji* realizam as primeiras orações do dia (perante os altares da sala sacerdotal e do *Hondo*), orando incessantemente o mantra sagrado *Namumyouhourenguekyou*, como forma de meditação e concentração para o longo dia de atividades religiosas.

Prancha 5:

ORAÇÕES PRÉVIAS

Esta sequência foi realizada no dia 28 de maio de 2011.

1. Sacerdote *Tadokoro* realiza orações prévias diante do Altar Sagrado da sala de reunião sacerdotal. Ele ora o mantra *Namumyouhourenguekyou*, batendo com a mão direita na perna direita e olhando fixamente para a Imagem Sagrada.
2. Sacerdote Campos se vira para os outros clérigos e os cumprimenta, com gesto tradicional de saudação japonesa.
3. Sacerdote Campos bate o sino diante do altar, iniciando as orações no *Hondo*.
4. Aqui, temos o sacerdote Campos de pé, em frente ao altar sagrado, com as mãos unidas em sinal de devoção. Ao fundo, o sacerdote *Kyokai* (sentado) repete o gesto, olhando fixamente para a Imagem Sagrada, presente no altar.
5. Em primeiro plano está o sacerdote Amaral (desfocado) e em segundo plano (focado) o Arcebispo Correia. Ambos oram fazendo o mesmo gesto com as mãos unidas.
6. Arcebispo Correia ora o *Namumyouhourenguekyou*, batendo com a mão direita na perna direita, em gesto ritual que dita o ritmo da oração sagrada.
7. A sacerdotisa assume seu posto no altar, orando o mantra sagrado ritmado pelo som do xilofone. Na HBS não existe qualquer distinção entre sacerdotes homens ou mulheres, cabendo a eles as mesmas funções e podendo alcançar as mesmas posições hierárquicas, seguindo critérios idênticos.
8. Sacerdotes reverenciam, com respeito e devoção, a Imagem Sagrada presente no Altar, encerrando as Orações Prévias.



1



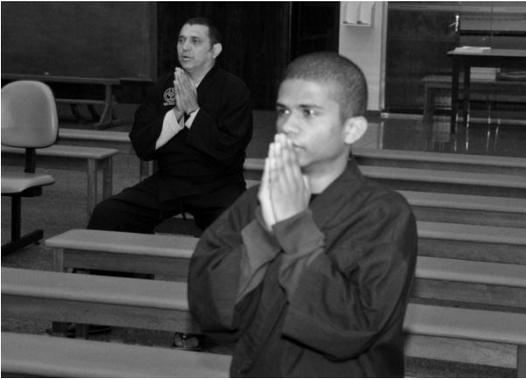
2



3



4



5



6



7



8

TEMÁTICA D: CULTOS MATINAIS E VESPERTINOS:

Ocorrem no *Hondo* (nave) da Catedral *Nikkyoji*, todos os dias do ano, um culto matinal e um vespertino. Estas cerimônias são compostas principalmente pela emanção do mantra sagrado *Namumyouhourenguekyou*, embora também tenham outras orações e preces, seguindo a ordem:

Enunciado de Penitência em português, Enunciado de Penitência na língua japonesa ou *Sangue Mon*, *Kandyou Mon* (Oração de Invocação na língua japonesa), *Nitigati no mon* (verso da Lua e do Sol em japonês), *Kuongue no mon* (verso do Buda Primordial em japonês), 24 palavras dárnicas, Lema da HBS, Perfil da Prática, Enunciado de Penitência em Português, Enunciado de Penitência na língua japonesa (*Sangue Mon*).

Prancha 6:

PREPARAÇÃO DO ARCEBISPO PARA O CULTO

Preparação do Arcebispo Correia para celebrar o culto matinal de domingo (29 de maio de 2011), que começa mais tarde do que o costume (os cultos de segunda a sábado tem início às 06:00 e o de domingo às 08:00). Este culto também é mais longo que os demais e tem uma preparação especial, por causa do maior número de fiéis que o frequentam.

Aqui, o Arcebispo Correia recebe o auxílio do sacerdote *Tadokoro*, para trocar seu *koromô* (vestimenta ou batina) azul usado nas atividades corriqueiras, pelo branco, ideal para os cultos dominicais e que também representa o grau hierárquico de sacerdote superior, ocupado pelo Arcebispo.

1. Na sala sacerdotal, o sacerdote *Tadokoro* ajuda o Arcebispo a retirar o *koromô* azul.
2. Sacerdote *Tadokoro* retira o *koromô* azul do Arcebispo. Ao fundo, o sacerdote Barbosa realiza a limpeza do Altar Sagrado, presente na sala sacerdotal.
- 3 e 4. Sacerdote *Tadokoro* prepara o *koromô* branco e o veste no Arcebispo Correia.
- 5 e 6. Sacerdote *Tadokoro* prepara o avental laranja e o veste no Arcebispo, sobre o *koromô*. A cor do avental representa a hierarquia, só podendo ser utilizado por sacerdotes superiores, grau ocupado pelo *Odoshi* (mestre) Correia.



1



2



3



4



5



6

Prancha 7:

PREPARATIVOS ANTES DO CULTO MATINAL

Preparativos antes de iniciar o Culto Matinal. No caso, o culto foi realizado em 29 de maio de 2011, em um domingo, dia em que um maior número de fiéis participam da cerimônia.

1. Sacerdotes Campos e Barbosa acertam os últimos detalhes sobre a programação do culto (que contará com projeção das orações, músicas e hinos da HBS em um telão), próximos ao Altar Póstumo colocado em frente da entrada do *Hondo*, somente aos domingos.
2. Sacerdote Campos acende vela colocada sobre o Altar Póstumo, na entrada da nave da Catedral *Nikkyoji*.
3. Sacerdote Campos organiza a fila de fiéis, que chegam ao Templo para o Culto Matinal de domingo. Antes de entrar no *Hondo* (nave), cada pessoa deve prestar homenagem aos antepassados diante do Altar Póstumo, oferecendo, para isso, um incenso.
4. Sacerdote Amaral checa os últimos detalhes para o início do culto, dentro do *Hondo*, que já está repleto de fiéis.
5. Os fiéis, que continuam chegando, assinam a lista de presenças que serve apenas para registrar o número de participantes em todas as cerimônias.
6. Lista de presenças do culto dominical.
7. Recipiente onde são colocadas as preces, *Odyuzus* e *Omamoris* para serem abençoados pela Imagem Sagrada, durante a cerimônia.
8. Vista geral do *Hondo*. O Arcebispo Correia (de branco) inicia o culto com a oração *Sangue Mon* (ou Enunciado de Penitência, projetado no telão à esquerda), que tem os seguintes dizeres:

“Para eliminar o carma negativo
Que acumulei desde um passado remoto
A partir da presente existência
Até atingir o estado de Buda
Devotar-me-ei à imagem sagrada
A doutrina e a oração sagrada
Causa, essência e semente da Iluminação
Transmitida pelo *Jyougyou Bossatsu*
Namumyouthourenquekyou”



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 8:

CULTO MATINAL I

Culto matinal celebrado no dia 28 de maio de 2011 (sábado), às 08:00 horas.

1. Arcebispo Correia retira seus calçados, em sinal de respeito ao Altar Sagrado. Vemos, também, o sacerdote Campos sentado diante do *taiko* (tambor japonês), os sacerdotes Amaral (à esquerda) e a sacerdotisa (à direita) sobre o altar. O sacerdote *Kyokai* reverencia (à esquerda) a Imagem Sagrada.

2 e 3. Sacerdotes reverenciam a Imagem Sagrada. Ao mesmo tempo em que realiza este gesto, o sacerdote Amaral toca o xilofone.

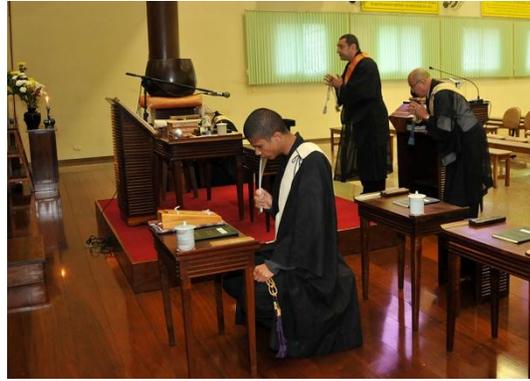
4. Sacerdote *Kyokai* auxilia o Arcebispo, arrumando a saia de seu *koromô*.

5. Após auxiliar o Arcebispo, o sacerdote *Kyokai* se dirige ao seu lugar, diante da Imagem Sagrada. Os outros clérigos tocam o xilofone, orando o *Namumyouhourenguekyou*.

6, 7 e 8. Sacerdotes e fiéis, com as mãos unidas e o *Odyuzu* entre elas, direcionam suas orações à Imagem Sagrada.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 9:

CULTO MATINAL II

Cerimônia realizada no dia 28 de maio de 2011, sábado.

1. Sacerdotes orando o *Odaimoku*. O Arcebispo Correia e a sacerdotisa tocam xilofones. O sacerdote *Kyokai* toca clavas, enquanto o sacerdote Campos, à extrema esquerda, toca o *taiko*.
2. Sacerdote Barbosa sobe ao altar para fazer as oferendas à Imagem Sagrada.
3. A oferenda é o *gohan* (arroz japonês), colocado sobre um recipiente de cor prata, diante da Imagem Sagrada.
- 4 e 5. Enquanto os sacerdotes continuam as orações, ritmados pelos instrumentos musicais, uma fiel sobe ao altar para trocar o incenso.
6. Após terminar de arrumar o Altar Sagrado, a fiel faz gesto de reverência e se retira. Enquanto isso, o sacerdote Barbosa pega o recipiente que contém as orações e pedidos de proteção dos fiéis.
- 7 e 8. O sacerdote Barbosa traz o recipiente ao Altar Sagrado, para que receba as bênçãos vindas da imagem do *Namumyouhourenguekyou*.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 10:

CULTO MATINAL III

Continuação da cerimônia do dia 28 de maio de 2011.

1. Sacerdotes oram incessantemente o *Namumyouhourenguekyou*, tocando xilofones e com os olhares fixos na Imagem Sagrada.
2. Fiéis acompanham os sacerdotes, evocando o mantra sagrado e batendo com a mão direita na perna direita, em gesto ritmado característico.
3. Sacerdote toca clavas, ritmando a oração sagrada.
4. Arcebispo toca o xilofone, acompanhado pela sacerdotisa *Myoushuu*.
- 5, 6, 7 e 8. Sacerdotes fazem gesto ritual de reverência à Imagem Sagrada, com as mãos unidas e o *Odyuzu* entre elas, enquanto o Arcebispo Correia toca o sino maior e lê os votos e agradecimentos (na fotografia 7, ele pega os papéis contendo tais votos e agradecimentos).



1



2



3



4



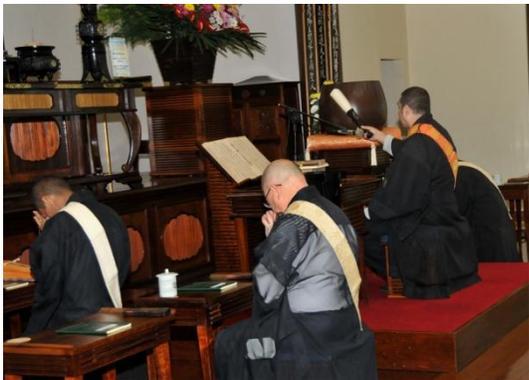
5



6



7



8

Prancha 11:

CULTO MATINAL IV

Pronunciamentos do Arcebispo Correia aos fiéis, durante o culto matinal do dia 28 de maio de 2011.

1 e 2. Sacerdote *Kyokai* realiza a função de co-celebrante do culto, auxiliando o Arcebispo Correia durante toda a cerimônia. Nestas fotografias, ele arruma a posição do banco para que o Arcebispo possa se sentar.

3. Sacerdote *Kyokai* reverencia a Imagem Sagrada, enquanto o Arcebispo Correia se direciona ao púlpito, saudando os fiéis.

4. Sacerdote *Kyokai* leva o recipiente contendo água sagrada, para o consumo do Arcebispo Correia, durante sua fala aos fiéis.

5. Arcebispo fala aos fiéis sobre a doutrina e os ensinamentos religiosos da HBS (ver p. 123-130).

6. Sacerdote *Tadokoro* narra alguns avisos burocráticos e religiosos do Templo, como o número de fiéis participantes, número de cultos residenciais realizados no mês e sobre as doações para a construção da nova fachada do *Hondo* e aquisição de um terreno para a construção de um santuário ecológico da HBS.

7 e 8. Arcebispo Correia retorna ao seu lugar diante do Altar Sagrado, sendo auxiliado pelo sacerdote *Kyokai*, que arrume a saia de seu *koromô*.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 12:

CULTO MATINAL V

Parte final de um culto matinal. Neste caso, a cerimônia foi realizada no dia 29 de maio de 2011 (domingo).

1. Arcebispo Correia está no púlpito falando aos fiéis e sendo auxiliado pelo sacerdote *Tadokoro*. À sua frente, o sacerdote Barbosa arruma a câmera filmadora para registrar toda a cerimônia, que será disponibilizada no site da HBS do Brasil (www.budismo.com.br).

2 e 3. Os fiéis, de pé, cantam a música do mestre *Ibaragui Nissui*, padroeiro da HBS no Brasil. O clarão na fotografia 3 é do projetor, que exibe a letra da canção cantada por todos.

4. Sacerdotes, de pé, também cantam a música tema do mestre *Ibaragui Nissui*.

5. Arcebispo Correia faz os últimos pronunciamentos do culto aos fiéis, agradecendo pela participação e pedindo proteção, bênçãos e fortalecimento da fé aos presentes.

6. Fiéis fazem as últimas orações durante o Culto Matinal (Enunciado de Penitência em português e em japonês), com as mãos unidas em gesto ritual (e o *Odyuzu* entre elas).

7. O Arcebispo Correia se retira do *Hondo* e se encaminha para realizar mais três cultos secundários.

8. Enquanto o Arcebispo Correia continua seus afazeres, celebrando os cultos secundários, os fiéis se direcionam para o andar de baixo, para a sala onde é servido o café da manhã, aos domingos.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 13:

CULTO SECUNDÁRIO I

Esta seção mostra o segundo culto do dia. Na verdade, após o culto principal no *Hondo*, perante os fiéis, os sacerdotes se encaminham para uma sequência de pequenos cultos, realizados diante dos altares presentes na Catedral *Nikkyoji*.

1 e 2. Arcebispo Correia e sacerdote *Kyokai* reverenciam o Altar Sagrado, localizado no andar abaixo do *Hondo*.

3 e 4. Sacerdotes oram o *Namumyohourenquekyou*, diante da segunda Imagem Sagrada, batendo com a mão direita na perna direita, em gesto ritual.

5. Sacerdote *Kyokai* cumprimenta o Arcebispo Correia, que retribui o gesto.

6. Religiosos saem do local e se dirigem ao terceiro Altar Sagrado.



1



2



3



4



5



6

Prancha 14:

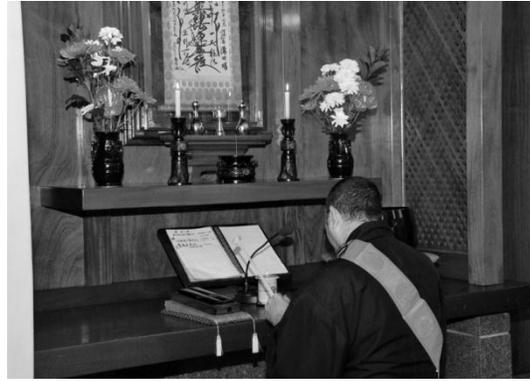
CULTO SECUNDÁRIO II

Continuação da rotina sacerdotal. Os sacerdotes se encontram no terceiro Altar Sagrado do Templo.

1. Sacerdotes reverenciam a terceira Imagem Sagrada.
2. Arcebispo Correia ora o *Namumyohourenqueyou*, tocando, simultaneamente, o xilofone.
3. Sacerdote *Kyokai* auxilia (assim como no culto matinal) o Arcebispo Correia, arrumando a saia de seu *koromô*.
- 4 e 5. Sacerdotes e um devoto, esposo de uma fiel falecida, entram na pequena sala chamada *Nokotsu Tsubo* (*Nokotsu* significa “osso, esqueleto, cinza” e *Tsubo* quer dizer “urna funerária”) que contém restos de corpos exumados. Cada compartimento (armário) abriga os restos de falecidos de uma mesma família. O fiel deposita os restos mortais de sua esposa, para prestar homenagem neste pequeno culto.
6. Sacerdotes reverenciam a Imagem Sagrada.
7. Sacerdotes se cumprimentam, com a saudação *Arigatou gosaimashita*.
8. Sacerdotes se retiram do segundo culto menor e se dirigem à sala sacerdotal.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 15:

CULTO SECUNDÁRIO III

Religiosos se dirigem à sala sacerdotal, onde realizarão o terceiro culto secundário, diante de outro Altar Sagrado, após a cerimônia principal no *Hondo*. Ali, também farão posteriormente a reunião sacerdotal diária, onde debaterão as falhas cometidas.

1. Sacerdotes sobem as escadas em direção à sala sacerdotal, localizada ao lado do *Hondo*.
- 2, 3 e 4. Sacerdotes oram o *Namumyouhourenguekyou*, batendo com a mão direita na perna direita, em gesto ritual. Apenas o Arcebispo toca o xilofone (com a mão esquerda). Os olhares devem estar fixados na Imagem Sagrada durante o pronunciamento do mantra Sagrado.
5. Sacerdote Barbosa auxilia o Arcebispo Correia durante o terceiro pequeno-culto.
- 6, 7 e 8. Sacerdotes oram, com as mãos unidas segurando o *Odyuzu*. Eles esfregam o terço, em gesto ritual característico. De fato, cada conta do *Odyuzu* representa uma das 108 imperfeições mundanas (ver prancha 38, fotografia 7). Ao esfregar o terço, a ideia é que se esmagam tais imperfeições. Os olhares estão fixados na Imagem Sagrada.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 16:

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Diversos instrumentos de percussão se fazem presente durante os cultos matinais e demais cerimônias (ver p. 136-141).

1. Sino maior (*gan*), sempre tocado pelo celebrante do culto. Na Catedral *Nikkyoji*, quem toca o sino *gan*, normalmente, é o Arcebispo Correia. Por ser o responsável pelo Templo e ocupar a mais alta função da HBS no Brasil, o Arcebispo celebra a maior parte das cerimônias.
2. Sino menor (*kin*), tocado pelo co-celebrante do culto. Assim como o sino maior, este instrumento repousa sobre uma almofada. Ao lado temos um bastão, usado para tocá-lo.
3. *Taiko* (típico tambor japonês) sendo tocado pelo sacerdote *Gyoen* Campos. Serve para acompanhar os outros instrumentos musicais, ditando o ritmo das orações. É mais usado nos cultos matinais, por causa do seu grande poder acústico.
4. Sacerdotisa toca o xilofone, ritmando a oração sagrada.
5. Imagem das clavas, que são tocadas batendo os dois pedaços de madeira, ritmando a oração sagrada.
6. Pequeno berimbau, instrumento brasileiro adaptado pelos sacerdotes da HBS. Por ser portátil e ter um som parecido com o do xilofone, é utilizado nas passeatas, ditando o ritmo da oração sagrada.



1



2



3



4



5



6

Prancha 17:

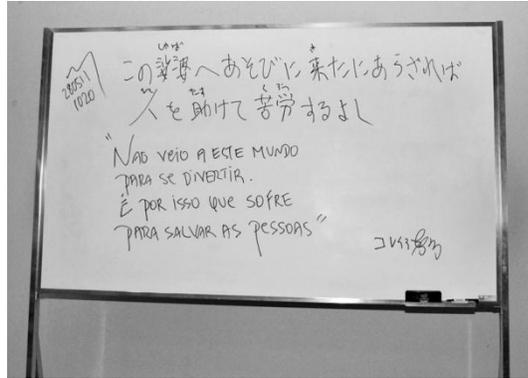
OBJETOS RELIGIOSOS I

Diversos objetos, presentes dentro do *Hondo*, fazem parte do dia a dia dos fiéis e sacerdotes durante os cultos.

1. Placa com o *Butsumaru*, símbolo criado pelo mestre *Nissen Shounin* (em 12 de janeiro de 1857) para distinguir a HBS das demais correntes budistas. *Butsu* significa “Buda” e *Maru* quer dizer “Círculo”.
2. Todos os dias pela manhã, o Arcebispo Correia escreve um ensinamento diferente no quadro, que permanece durante o Culto Vespertino. No dia 28 de maio de 2011 está escrito: “Não veio a este mundo para se divertir, é por isso que sofre para salvar as pessoas” (dizeres do mestre *Nissen Shounin*).
3. Quadro que contém a imagem dos mestres *Nichiren* (acima), *Nitiryu* (à esquerda), *Nissen* (à direita) e *Ibaragui* (abaixo). (ver o resumo da história dos quatro grandes mestres da HBS do Brasil, nas páginas 35 até 44).
4. Quadro com imagens de 10 sumo-pontífices da HBS (do décimo terceiro até o vigésimo quarto e atual sumo-pontífice, *Nitijyou Shounin*).
5. Placa com ensinamentos da HBS. Nele está escrito “Palavras Dármicas: Eu vos respeito profundamente, de maneira nenhuma vos desprezo, isso justamente porque vós todos, ao praticardes o caminho de *bossatsu*, certamente atingireis a iluminação”. Esses dizeres são proclamados em todos os cultos da HBS do Brasil.
6. Placa com os dizeres “Lema do Budismo Primordial HBS do Brasil: Oramos pela harmonia do universo, através da prática de virtudes, do aperfeiçoamento espiritual, e da solidariedade dos seres”. Esses dizeres também são proclamados em todos os cultos da HBS do Brasil.
7. Placa que mostra o número de fiéis participantes do culto. No dia 29 de maio de 2011 (um domingo), foram 182 pessoas.



1



2



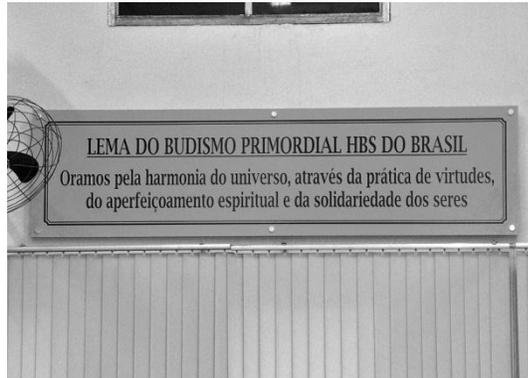
3



4



5



6



7

Prancha 18:

OBJETOS RELIGIOSOS II

Existem, na HBS, alguns objetos religiosos importantes, utilizados no dia a dia dos sacerdotes e fiéis.

1. Altar contendo quatro placas, cada uma representando um grande mestre da HBS. A placa de trás representa *Nichiren*, a da esquerda *Nitiryu*, a da direita *Nissen* e a da frente *Ibaragui Nissui*, padroeiro da HBS do Brasil. Este altar é ornamentado com arranjos de flores (*Ikebana*), trocadas semanalmente. Ao fundo, temos o Altar Sagrado.
2. Altar Póstumo, colocado na entrada do *Hondo*, aos domingos. Nele, os fiéis prestam homenagens aos falecidos, colocando um incenso.
3. Placas de madeira (com cerca de um metro de altura) contendo os nomes de fiéis falecidos. No canto inferior esquerdo podemos ver os materiais utilizados para pintas as placas (balde de tinta, pincéis de diferentes tipos e tamanhos, etc).
4. Livro sagrado da HBS, contendo orações e preces a serem pronunciadas durante as cerimônias. Na imagem notamos, ainda, o microfone usado pelo celebrante e um relógio, para que o culto não exceda o tempo.
5. *Odyuzu* (ou terço budista) sobre o porta-*odyuzu* (ver p. 135-136).
6. Livro de orações dos cultos, chamado *Myookooichiza* (volume que contém a Liturgia completa da HBS).
7. Local onde são depositados os pedidos, as orações, os terços e os protetores (*Omamori*) dos fiéis, para serem abençoados pelo celebrante durante o culto.
8. O *Omamori* é o protetor pessoal do fiel da HBS. Ele é uma espécie de amuleto, dado ao fiel da HBS após ser abençoado perante o Altar Sagrado.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 19:

OBJETOS RELIGIOSOS III

Outros objetos presentes no *Hondo*, durante as cerimônias.

1. Urna presente no Altar Sagrado, contendo incenso que é queimado durante os cultos.
2. Porta-incenso, localizado sobre o altar póstumo. Cada fiel pega um incenso e o oferece em homenagem aos falecidos.
3. Mesa ocupada pelo sacerdote Campos durante o culto. Na Catedral *Nikkyoji*, cada sacerdote ocupa uma mesa sobre o Altar, embora não exista qualquer rigidez quanto ao posicionamento dos religiosos. Nela, vemos um bastão para tocar o sino maior, o xilofone, uma garrafa contendo água benzida (*Okoussui*) e, também, o celular do jovem monge, que o acompanha em todas as atividades (Visitas Assistenciais, Cultos Matinais e Vespertinos, Orações Fervorosas, etc.).
4. Jarra contendo água sagrada, ao fundo. Na frente, temos o copo (com o símbolo *Butsumaru*) utilizado pelos sacerdotes para tomar o *Okoussui*, durante os cultos. No lado direito, temos o bastão do xilofone e um relógio.
5. Um dos candelabros sobre o altar. Nele é colocado velas, para ornamentar e homenagear a Imagem Sagrada, vista ao fundo (ver prancha 1, fotografia 4).
6. Púlpito de onde fala o celebrante do culto para os fiéis.



1



2



3



4



5



6

TEMÁTICA E: CATEQUESE BUDISTA:

A Catequese Budista (que recebe este nome para facilitar a compreensão e aceitação dos fiéis brasileiros) consiste em uma espécie de palestra sobre a religião Budista, ministrada pelos sacerdotes da *Honmon Butsuryu-shu*. Na Catedral *Nikkyoji*, o Arcebispo Correia é quem costuma proferir tal ensinamento. No caso da cerimônia mostrada a seguir, realizada no dia 28 de maio de 2011, o Arcebispo discorre a respeito de uma viagem que realizou recentemente pela Índia (berço do Budismo) e Japão (na matriz da HBS).

Prancha 20:

CATEQUESE BUDISTA

- 1 e 2.** Na sala sacerdotal, o sacerdote *Tadokoro* auxilia o Arcebispo Correia a colocar suas vestimentas. Nas imagens, ele coloca a faixa sacerdotal sobre o *koromô* (ou batina).
- 3.** Arcebispo Correia saúda as pessoas presentes no *Hondo*, dando início à Catequese Budista.
- 4.** Os devotos ouvem com atenção os ensinamentos do *Odoshi* (mestre) Correia.
- 5.** Fiéis oram o *Namumyohourengekyou*, batendo com a mão direita na perna direita, em gesto ritual característico. Em todas as atividades da HBS, inclusive na Catequese Budista, ocorre a emanção do mantra sagrado, considerado a “causa, essência e semente da Iluminação”.
- 6.** Fiéis observam imagens da Índia e do Japão, projetadas no telão do *Hondo*. Tais fotografias, que mostram estátuas do Buda, o local de nascimento dos grandes mestres e diversos Templos budistas, foram feitas durante a viagem que o Arcebispo realizou por esses países.
- 7.** Arcebispo Correia cumprimenta os participantes com um gesto típico japonês (de saudação e respeito), curvando-se com as mãos unidas. Dessa forma, encerra a Catequese Budista.
- 8.** Arcebispo se retira do *Hondo*, enquanto o sacerdote *Kyokai* começa a orar o *Namumyohourengekyou* incessantemente. Neste momento, retoma-se as orações fervorosas, que duram 24 horas (sobre o assunto, ver as pranchas 30, 31 e 32).



1



2



3



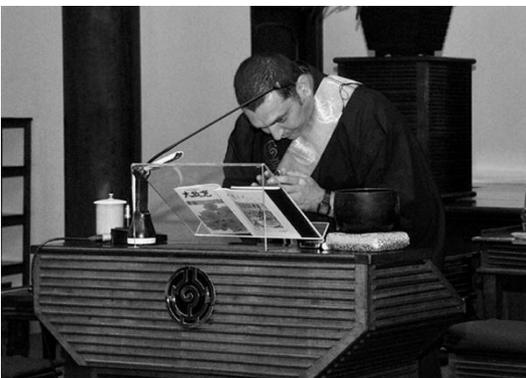
4



5



6



7



8

TEMÁTICA F: CULTO RESIDENCIAL:

Uma das práticas mais tradicionais da HBS é o Culto Residencial, também conhecido como *Okou*. É considerada a cerimônia que originou a HBS e lhe deu o perfil que cultiva até os dias de hoje. Este culto é realizado sempre que um fiel o solicita (seja para pedir bênçãos ou para agradecer alguma graça conquistada) ao sacerdote responsável por sua região, com data previamente agendada. Assim, a casa do devoto se transforma, provisoriamente, em um verdadeiro Templo.

Prancha 21:

CULTO RESIDENCIAL I

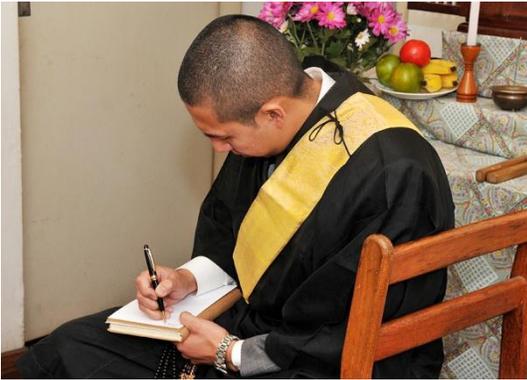
1. Fiel ajuda na organização do Culto Residencial, acendendo as velas colocadas sobre o Altar, em frente à Imagem Sagrada.
2. Sacerdote *Tadokoro*, responsável pela celebração do culto, organiza os últimos detalhes para o início da cerimônia, auxiliado por uma fiel.
3. Sacerdote *Tadokoro* anota os nomes de todos os participantes no Culto Residencial do dia 28 de maio de 2011 (sábado, por volta das 15:00), com o intuito de realizar o controle de presenças dos fiéis.
4. Sacerdote *Tadokoro* saúda os devotos com a expressão “*Arigatou gosaimasu*”. Ele inclina seu corpo, em um tradicional gesto de cumprimento japonês. Com as mãos unidas, ele já segura entre os dedos seu *Odyuzu*. Ao fundo, podemos notar o Altar residencial, contendo a Imagem Sagrada, sem a qual não se pode realizar uma cerimônia na HBS. Vemos também um quadro com a fotografia do mestre *Ibaragui Nissui Shounin*, fundador da HBS no Brasil.
5. Sacerdote *Tadokoro* inicia o Culto Residencial, tocando (com a mão direita) o pequeno sino localizado no Altar e recitando as primeiras preces (de agradecimento ao culto e de pedidos de proteção para todos os presentes e familiares). Ele segura seu *Odyuzu* com a mão esquerda, próximo de sua boca. Podemos ver, novamente, o Altar com a Imagem sagrada (*Namumyouhourenguekyou*) e o quadro do mestre *Ibaragui*.
- 6 e 7. Sacerdote *Tadokoro* e fiéis concentrados em suas orações. Com os olhos fechados e mãos justapostas, eles fazem suas preces em silêncio.
8. Sacerdote *Tadokoro* dedica orações aos falecidos daquela família (que solicitou o culto), lendo os nomes (dos falecidos) em um pequeno caderno e prestando homenagem a eles. Ao fundo, a fiel, de olhos cerrados, também ora, mas em silêncio.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 22:

CULTO RESIDENCIAL II

1 e 2. Sacerdote *Tadokoro* e os fiéis oram o *Namumyouhourenguekyou* incessantemente. Enquanto o religioso toca suas clavas (em detalhe na fotografia 2), os fiéis batem com a mão direita (punho fechado) na perna direita, ritmando o Mantra Sagrado.

3 e 4. Sacerdote *Tadokoro* esfrega seu *Odyuzu* entre os dedos, gesto que enfatiza suas preces. Na verdade, esse gesto tem uma forte explicação simbólica: ao esfregar o terço budista entre as mãos, o que se pretender é esmagar as 108 imperfeições mundanas (como a cobiça, a mentira, a arrogância, a ignorância, a soberba, a inveja, a teimosia, etc.) que o Budismo considera existir. Estas imperfeições são representadas pelas 108 contas existentes no *Odyuzu* (ver p. 135-136).

5. Enquanto os fiéis oram o *Namumyouhourenguekyou*, ritmando o mantra com as batidas das mãos, o sacerdote *Tadokoro* toma um pouco de *Okoussui* (água benzida pelo *Namumyouhourenguekyou*), colocada para ele anteriormente, em um copo de vidro.

6. De pé, sacerdote e fiéis continuam suas orações, sempre voltados para a Imagem Sagrada. Eles estão com as mãos unidas, em sinal de respeito, devoção e veneração ao *Namumyouhourenguekyou*.

7. O sacerdote *Tadokoro* volta-se para os fiéis e começa a relatar as dificuldades passadas pelo sacerdote *Ibaragui Nissui* (padroeiro da HBS no Brasil) para difundir a doutrina primordial. Ele também enfatiza a importância dos cultos residenciais para a expansão da HBS. Os fiéis escutam admirados, com o corpo curvado e mãos unidas (com o *Odyuzu* entre elas), em sinal de respeito ao religioso e à história da *Honmon Butsuryu-shu*.



1



2



3



4



5



6



7

Prancha 23:

CULTO RESIDENCIAL III

- 1, 2 e 3.** Sacerdote *Tadokoro* aponta para o quadro com a fotografia do mestre *Ibaragui Nissui Shounin* (na fotografia 1), padroeiro da HBS do Brasil. Ele pergunta aos fiéis se conhecem o importante mestre budista e conta a eles um pouco de sua história.
- 4.** Com seu livro de presenças aberto, o sacerdote *Tadokoro* faz suas últimas explicações sobre a história da HBS do Brasil e agradece, novamente, a participação dos fiéis nesta cerimônia.
- 5.** Sacerdote agradece aos fiéis e encerra o Culto Residencial. Ele faz reverência com o corpo curvado e mãos unidas (segurando o terço budista), gesto retribuído da mesma maneira pelos fiéis presentes. Todos dizem a expressão “*Arigatou gosaimashita*”.
- 6.** Após o Culto Residencial, a família solicitante da cerimônia oferece um lanche, com direito a bolo, torta e chá. Durante a refeição, o sacerdote *Tadokoro* continua explicando aos fiéis (que ouvem atentos) um pouco mais da doutrina da HBS do Brasil.



1



2



3



4



5



6

Prancha 24:

VISITAS ASSISTENCIAIS

Cada sacerdote da Catedral *Nikkyoji* é encarregado de uma sub-região da cidade de São Paulo. Eles visitam os fiéis pertencentes ao seu grupo, conversando, orando e realizando pequenos Cultos Residenciais. As visitas assistenciais ocorreram na companhia do sacerdote Campos, no dia 27 de maio de 2011 (sexta-feira), na região Leste de São Paulo.

1 e 2. Sacerdote Campos chega à residência de uma fiel e acaba realizando a conversa na porta de entrada do prédio. Como os sacerdotes realizam várias visitas no mesmo dia (nem sempre agendadas), algumas são feitas de maneira mais informal, sem a realização de um culto.

3 e 4. Na casa de outro fiel da região, o sacerdote Campos é recebido e convidado para entrar. O devoto faz questão de mostrar duas figuras do ator Charles Chaplin (coladas na parede), que ele produziu através de uma técnica de montagem com arames.

5. Sacerdote conversa com o fiel, que pede a realização de um pequeno culto residencial.

6 e 7. Sacerdote Campos ora o *Namumyouthourengekyou*, diante do Altar Sagrado presente na residência do fiel. Na fotografia 7, vemos o sacerdote tocando o pequeno sino.

8. Sacerdote Campos agradece ao fiel e se despede. Ainda vai realizar mais algumas visitas neste dia.



1



2



3



4



5



6



7



8

TEMÁTICA G: CULTO PÓSTUMO:

Os cultos póstumos são celebrações realizadas para homenagear e reverenciar um fiel falecido, sendo a família do mesmo a responsável por solicitar a cerimônia. Ao final do culto, pode ocorrer uma refeição para os fiéis, parentes e amigos participantes. No caso do Culto Póstumo presenciado, a família da fiel *Yuki Oikawa*, falecida com mais de 100 anos de idade, ofereceu um almoço logo após o culto, no ginásio da Catedral.

Prancha 25:

INÍCIO DO CULTO PÓSTUMO

- 1, 2 e 3.** Os fiéis oram o *Namumyohourengekyou* incessantemente, ritmados pelas batidas das mãos direita (na perna direita). Eles olham fixamente para a Imagem Sagrada, presente no Altar. Na fotografia 3, o sacerdote *Kyokai* assume seu posto sobre o Altar, orando o Mantra Sagrado e tocando seu xilofone.
- 4.** O Arcebispo Correia e o sacerdote Amaral também tomam seus lugares diante da Imagem Sagrada, para iniciar o culto.
- 5.** Nesta imagem vemos o Altar Póstumo à direita. Os fiéis oram, olhando em direção ao Altar Sagrado.
- 6.** Os sacerdotes fazem reverência à Imagem Sagrada, abaixando suas cabeças em devoção.



1



2



3



4



5



6

Prancha 26:

HOMENAGENS À FALECIDA I

Neste momento do culto, realizado no dia 29 de maio de 2011 (domingo), o Arcebispo e fiéis começam as homenagens à falecida. Eles se dirigem ao Altar Póstumo, localizado do lado esquerdo do Altar Sagrado, em fila indiana.

1. O Arcebispo Correia se encaminha ao Altar Póstumo e coloca um incenso, como forma de homenagear a falecida. Ao fundo, o sacerdote Amaral acompanha seus movimentos.
2. O Arcebispo Correia reverencia o Altar Póstumo, após ter feito a homenagem com o incenso. Ele inclina seu corpo em sinal de devoção. O sacerdote Amaral repete o gesto.
3. O Arcebispo dirige-se novamente ao seu posto sobre o Altar Sagrado, com as mãos unidas e o *Odyuzu* entre elas (em gesto ritual).
4. Enquanto os sacerdotes continuam as orações, os primeiros fiéis (à direita) se dirigem ao Altar Póstumo.
- 5, 6, 7 e 8. Os fiéis presentes se dirigem ao Altar Póstumo para também prestar tributos à falecida, formando uma grande fila. Enquanto os devotos oferecem um incenso ao Altar Póstumo, os sacerdotes entoam o *Namumyouhourenguekyou* (fotografia 7).



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 27:

HOMENAGENS À FALECIDA II

Os fiéis prestam homenagem à falecida, oferecendo incensos.

1. Visão a partir do fundo do Altar Póstumo. Aqui, notamos os fiéis se aproximando, em fila indiana.

2, 3, 4 e 5. Cada fiel oferece um incenso e o coloca na urna própria (incensário), em tributo à *Yuki Oikawa*.

6 e 7. Fiéis continuam reverenciando a falecida com incensos. Um deles se curva com as mãos postadas, em sinal de respeito.

8. Os fiéis retornam aos seus lugares, deixando o Altar Póstumo repleto de incensos e com uma bela fumaça magenta, acentuada pelos raios solares. Nesta imagem notamos quatro placas sobre o altar, que representam os grandes mestres *Nichiren, Nitiryu, Nissen e Ibaragui Nissui*.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 28:

FINAL DO CULTO PÓSTUMO

Esta sequência narra, imageticamente, o final do Culto Póstumo.

1. Fiéis e sacerdotes voltam a orar o mantra sagrado.
2. Fiéis e sacerdotes recitam as palavras dárnicas (projetadas no telão), ensinamento que contém os seguintes dizeres: “Eu vos respeito profundamente, de maneira nenhuma voz desprezo, isso justamente porque vós todos, ao praticardes o caminho de *bossatsu*, certamente atingireis a iluminação”.
3. Arcebispo cede a palavra a um parente da falecida (solicitante da cerimônia), que agradece a participação dos demais fiéis.
- 4 e 5. Arcebispo profere as considerações finais (sob a atenção dos fiéis), ressaltando as qualidades da homenageada *Yuki Oikawa*, fiel dedicada que transmitiu a sua devoção para filhos, netos e bisnetos, também membros da *Honmon Butsuryu-shu* do Brasil.
6. Sacerdotes cumprimentam os fiéis com a expressão “*Arigatou gosaimashita*”, encerrando o Culto Póstumo.



1



2



3



4



5



6

Prancha 29:

ALMOÇO APÓS CULTO PÓSTUMO

Almoço oferecido após o Culto Póstumo (29 de maio de 2011), realizado em homenagem à *Yuki Oikawa*. A família da falecida convida todos os presentes no culto para participarem deste banquete, realizado no ginásio da Catedral *Nikkyoji*.

1 e 2. Enquanto a família da falecida organiza as mesas e os alimentos do almoço, fiéis e sacerdotes se confraternizam.

3. O Arcebispo Correia se aproxima de uma mesa de antigos fiéis da Catedral e conversa descontraidamente.

4 e 5. Antes do início do almoço, o Arcebispo Correia faz a oração de gratidão pelo alimento. Os fiéis também oram, com as mãos unidas em sinal de agradecimento. Na fotografia 5, notamos que os fiéis estão com as mãos juntas e com o corpo curvado. Neste momento eles dizem em coro a expressão “Itadakimasu”, dando graças ao alimento recebido.

6. Após a oração de gratidão ao alimento, fiéis e sacerdotes podem almoçar e confraternizar.



1



2



3



4



5



6

TEMÁTICA H: ORAÇÕES FERVOROSAS:

As Orações Fervorosas são uma prática religiosa árdua, que exige muita fé, resistência (tanto física quanto espiritual) e concentração por parte dos sacerdotes, responsáveis por realizá-las. Trata-se, na verdade, de uma oração de 24 horas, quase ininterruptas, que ocorre mensalmente na Catedral *Nikkyoji*. Tal atividade meditativa tem o intuito de pedir bênçãos e agradecer as dádivas alcançadas (sejam elas para o Templo, para os sacerdotes e/ou fiéis). Os sacerdotes se revezam orando, tocando instrumentos e entoando o mantra sagrado *Namumyohourenquekyou* diante do altar, durante um dia inteiro. Por todo este período o *Hondo* fica aberto, recebendo fiéis para acompanhar os clérigos nas orações.

Prancha 30:

ORAÇÕES FERVOROSAS I

No primeiro turno de orações (madrugada de 28 de maio de 2011, sábado), a sacerdotisa e os sacerdotes *Kyokai* e Barbosa se revezam na realização da cerimônia. Cada um fica aproximadamente 2 horas orando, de forma ininterrupta, o *Namumyohourenquekyou*.

1 e 2. Sacerdotisa *Myoushuu* entoa o mantra sagrado diante do Altar, na presença e companhia de alguns fiéis.

3 e 4. Sacerdotisa *Myoushuu* toca o xilofone, acompanhando a oração Sagrada.

5. O Templo recebe um número maior de fiéis para acompanhar as orações fervorosas. Diante da Imagem Sagrada está o sacerdote Barbosa.

6. Sacerdote Barbosa ora, com olhar fixado na Imagem Sagrada. Ele toca as clavas, ditando o ritmo da oração.

7. Sacerdote *Kyokai* chega para assumir o lugar do sacerdote Barbosa nas orações fervorosas.

8. As orações fervorosas prosseguem com o sacerdote *Kyokai*. Os fiéis oram o *Namumyohourenquekyou* incessantemente, batendo com a mão direita na perna direita e com olhares fixos na Imagem Sagrada.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 31:

ORAÇÕES FERVOROSAS II

Esta série mostra, com detalhes, a troca dos sacerdotes Barbosa e *Kyokai*, durante as Orações Fervorosas.

1 e 2. O sacerdote *Kyokai* chega ao Altar Sagrado para assumir o posto do sacerdote Barbosa, que está sentado com a mão esquerda sobre uma garrafa com água benzida. Na fotografia 2 ele segura um copo, contendo, também, água benzida.

3 e 4. Sacerdote Barbosa, após cumprir duas horas de orações, se retira (levando seu copo com água benzida) para que o sacerdote *Kyokai* assuma o posto diante do Altar Sagrado.

5. Sacerdote *Kyokai* faz reverência à Imagem Sagrada (antes de assumir as Orações Fervorosas), em sinal de respeito e adoração.

6 e 7. Sacerdote senta-se diante da Imagem Sagrada, arrumando seu *koromô* (batina).

8. Sacerdote toca o sino maior, iniciando sua sessão de duas horas ininterruptas de orações.



1



2



3



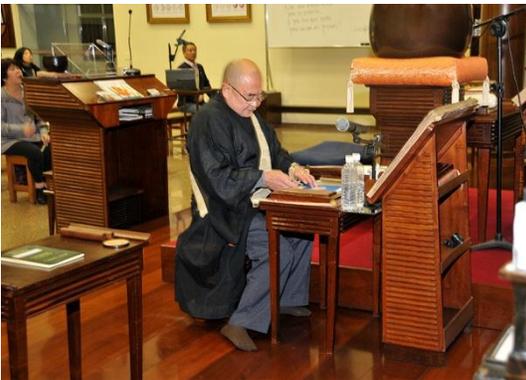
4



5



6



7



8

Prancha 32:

ORAÇÕES FERVOROSAS III

Continuação das Orações Fervorosas, no dia 29 de maio de 2011 (domingo). Por volta das 03:30 da manhã de um dia frio e chuvoso, apenas os sacerdotes estão no *Hondo*.

1. *Hondo* vazio. Na frente, sob o Altar, apenas o sacerdote Campos.
2. O sacerdote Campos ora o *Namumyouhourenguekyou*, olhando fixamente para a Imagem Sagrada.
3. Sacerdote Campos ora o mantra sagrado, ritmado pela batida de sua mão direita (na perna direita). Ao fundo, podemos ver o sacerdote Amaral com uma máscara e com as mãos unidas, em sinal de respeito ao Altar Sagrado.
4. Sacerdote Amaral se aproxima, enquanto o sacerdote Campos se levanta, deixando seu posto.
- 5 e 6. Sacerdotes conversam e brincam, rapidamente, sobre outros assuntos. Durante uma cerimônia rígida e com alto grau de concentração, podemos notar este tênue momento de descontração (o “modo menor da realidade”, como diria Aby Warburg).
- 7 e 8. Sacerdote Amaral assume o posto frente ao Altar Sagrado e começa a orar o *Namumyouhourenguekyou*, batendo com a mão direita na perna direita, de olhos fechados (concentrado). Podemos ver, também, o sacerdote Campos se afastando do Altar, para se dedicar a outros afazeres.



1



2



3



4



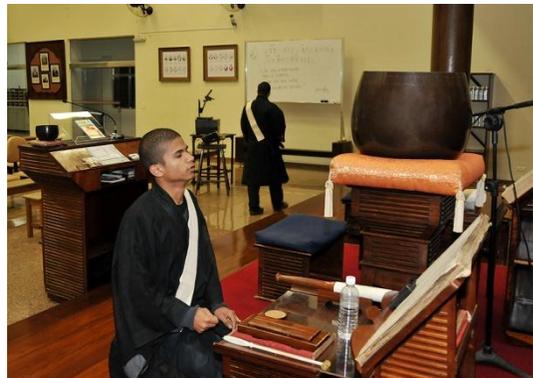
5



6



7



8

TEMÁTICA I: PASSEATA:

As passeatas (ou *Kooshin*, em japonês) são realizadas mensalmente, normalmente em lugares movimentados da cidade de São Paulo, como na Avenida Paulista, de preferência aos sábados, em períodos com grande fluxo de pedestres. Os sacerdotes (que não estão escalados para outras atividades no Templo) e fiéis caminham em fila indiana, orando incessantemente o *Namumyohourenquekyou*. Isso porque, segundo os religiosos, cada pessoa ou ser vivo que escuta a Oração Sagrada cria um elo, que o ajudará, em um renascimento distante, a atingir a Iluminação (ver p. 153-155).

Prancha 33:

PREPARATIVOS E INÍCIO DA PASSEATA

Chegada à Avenida Paulista e preparativos para o início da Passeata.

1 e 2. Chegada à Avenida Paulista. O Arcebispo Correia deixa a Kombi que os transportava em um estacionamento, ao fundo.

3. Arcebispo Correia (ao fundo) olha o relógio, para iniciar a Passeata exatamente às 09:00 horas, conforme havia combinado no cronograma de atividades para o dia 28-05-2011.

4. Organização para o início da Passeata. No início e no final da fila ficam pessoas mais fortes fisicamente, como tentativa de proteger os outros membros da Passeata de possíveis ameaças. No meio da fila estão as mulheres, idosos e crianças.

5 e 6. A fila indiana se forma e a Passeata se inicia. Na fotografia 5 podemos ver alguns transeuntes em um dia frio e nublado. Na imagem 6, notamos o Arcebispo Correia liderando a Passeata, por causa da sua estrutura física (proteção aos demais integrantes) e de sua posição hierárquica.



1



2



3



4



5



6

Prancha 34:

PASSEATA

Desenrolar da Passeata. Podemos ver muitos pedestres, que olham com interesse os sacerdotes e fiéis.

1. O Arcebispo Correia lidera a Passeata. Atrás dele está o sacerdote Campos, com um guarda-chuva para proteger o Arcebispo da garoa paulistana. O terceiro da fila é o sacerdote Amaral, que toca um pequeno berimbau, apelidado de “cokin” por ser feito de cocos e ter um som semelhante ao *mokin*, instrumento de percussão japonês. Todos oram o *Namumyouhourenguekyou*, ao ritmo deste instrumento brasileiro adaptado para a Passeata.

2. O sacerdote *Tadokoro* está no final da fila, sob os olhares dos pedestres.

3. Panorâmica dos participantes da Passeata. Esta formação em fila indiana tem uma explicação: O primeiro e o último da fila são homens, para garantir uma maior segurança dos participantes. Isso acontece porque, normalmente, os membros da Passeata sofrem ofensas e até outras formas de agressões (como cusparadas, por exemplo) por parte de alguns transeuntes. Além disso, o Arcebispo Correia lidera a caminhada por causa da sua posição hierárquica e experiência religiosa. Os membros com maior idade, as mulheres e crianças ficam no meio da fila.

4. O sacerdote Campos está à frente, segurando o guarda-chuva (que protege o Arcebispo). No meio, o sacerdote Amaral continua tocando o berimbau, ritmando a Oração Sagrada. O terceiro é o sacerdote Barbosa, com as mãos unidas, segurando o terço (*Odyuzu*) e entoando o mantra sagrado.

5 e 6. Os sacerdotes continuam a Passeata, sob o olhar curioso de alguns fotógrafos (e de suas lentes) que estavam na Avenida Paulista.

7 e 8. Os pedestres olham atentos e desconfiados a Passeata. Segundo o Arcebispo Correia, a reação natural dos transeuntes é de deboche ou espanto, por se tratar de uma religião desconhecida. Porém, o intuito da Passeata é exatamente expandir a oração sagrada *Namumyouhourenguekyou*, criando um elo (positivo ou negativo) que levará à Iluminação.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 35:

FINAL DA PASSEATA

Continuação da Passeata até o seu término, próximo ao Masp.

1. O sacerdote Amaral continua tocando o berimbau, entoando o *Namumyouhourenguekyou*.
2. Moradores dos prédios próximos observam, alguns indiferentes e outros com sorriso debochado (casal à direita), a Passeata.
3. Visão frontal da Passeata em fila indiana, liderada pelo Arcebispo Correia. Todos (exceto o sacerdote Amaral, que toca o berimbau) estão com as mãos unidas, com o *Odyuzu* entre elas, orando o *Namumyouhourenguekyou*.
- 4 e 5. Transeunte alterado aborda o Arcebispo Correia, fazendo “zigue-zague” na sua frente e ofendendo com palavras. Sem êxito nas provocações, ele desiste após cerca de 20 minutos.
6. A Passeata para no sinal vermelho para pedestres. Do outro lado do sinal, um fotógrafo registra o evento.
7. Com o sinal verde, a Passeata pode prosseguir pela Avenida Paulista.
8. A Passeata se dispersa, terminando próximo ao Masp.



1



2



3



4



5



6



7



8

TEMÁTICA J: CULTO DOS JOVENS:

Esta cerimônia da Catedral *Nikkyoji* é celebrada aos domingos, uma vez por mês, pelo sacerdote *Kyougyou* Amaral, com o intuito de atrair a atenção dos jovens adeptos à doutrina religiosa. Sendo ele, à época, um jovem de 22 anos, foi designado para tal função no Templo, por estar próximo dos fiéis mais novos e falar “a mesma língua”. Assim, realiza cultos externos, em parques ou na residência de algum dos integrantes do grupo dos jovens budistas, sendo essencial a presença do *Gohonzon* (ver prancha 1), sem o qual não é possível realizar um culto da HBS.

Prancha 36:

CULTO DOS JOVENS (PREPARATIVOS)

Chegada ao Parque do Piqueri, localizado na zona Leste de São Paulo. Ao entrar, o sacerdote Amaral percebe que esqueceu o *Gohonzon* (Altar Sagrado, essencial para a realização da cerimônia) na Catedral *Nikkyoji* e tem que regressar para buscá-lo.

1. Jovens passeiam no Parque antes do início do Culto.
2. Pose descontraída para a fotografia, em cima de uma grande pedra.
3. Enquanto esperam o retorno do sacerdote Amaral, com o Altar Sagrado, os fiéis (homens) conversam sobre fisiculturismo.
4. Sacerdote Amaral retorna com o Altar Sagrado e começa a preparar o culto.
- 5 e 6. Sacerdote Amaral ainda prepara o Altar Sagrado, enquanto os jovens fiéis conversam descontraidamente.



1



2



3



4



5



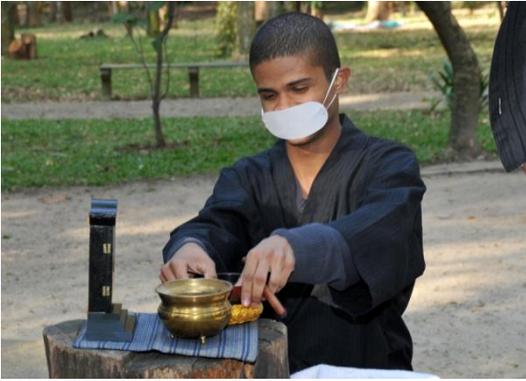
6

Prancha 37:

CULTO DOS JOVENS I

Final dos preparativos e início do Culto dos Jovens, realizado no dia 29 de maio de 2011, a partir das 17 horas.

1. O sacerdote Amaral acaba de arrumar o Altar Sagrado portátil. Ele utiliza uma máscara no rosto, para evitar que sua expiração atinja o objeto sagrado (em sinal de respeito e devoção).
2. O sacerdote Amaral dispõe a faixa sacerdotal sobre seu *koromô* (ou batina), sorrindo para os jovens fiéis. Na cena está, também, Ciro Neto, o fiel que solicitou a realização deste culto dos jovens.
3. O sacerdote Amaral coloca o pão próximo ao Altar, como forma de oferenda. Nos cultos, diversos alimentos e presentes (como arranjos de flores e incensos, por exemplo) são oferecidos em homenagem à Imagem Sagrada. O alimento é consumido pelos fieis após a realização do culto, ato semelhante ao rito católico da comunhão.
4. Enquanto o sacerdote Amaral termina de organizar o Altar Sagrado para a cerimônia, os fiéis já começam a entoar o *Namumyouhourenguekyou*. De pé, eles batem com a mão direita sobre a esquerda. O último fiel à direita toca clavas, no ritmo do mantra sagrado.
- 5 e 6. O sacerdote Amaral inicia o culto. Ele e os fiéis estão com as mãos postadas, com o *Odyuzu* entre elas, fazendo as primeiras orações.
- 7 e 8. Sacerdote e fiéis oram, incessantemente, a Oração Sagrada. Eles batem com a mão direita na esquerda, ritmando suas vozes.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 38:

CULTO DOS JOVENS II

Após a cerimônia, sacerdote e fiéis se confraternizam e conversam sobre a doutrina da HBS. O sacerdote Amaral é o responsável por tirar possíveis dúvidas que surgem durante o diálogo.

1. O sacerdote Amaral começa a arrumar e guardar os objetos utilizados durante a cerimônia. Ao fundo, alguns fiéis repartem o pão que foi oferecido ao Altar.

2. Utilizando a máscara facial em sinal de respeito (o que prova que ainda estamos em uma fase ritual), o sacerdote Amaral guarda o Altar Sagrado portátil e os outros objetos em sua mochila.

3 e 4. Sacerdote Amaral diverte os fiéis, que retribuem com risadas e mais brincadeiras. Na fotografia 4, um dos fiéis (sentado, à direita) retira um pedaço de pão do recipiente.

5 e 6. Sacerdotes e fiéis conversam, de forma descontraída, sobre a religião HBS. Na fotografia 6, o fiel Ciro Neto abre um refrigerante (que ele trouxe, já que foi o solicitante do culto) para distribuir aos amigos.

7. O sacerdote Amaral mostra o *Odyuzu*, explicando o significado das contas existentes no terço budista. Segundo ele, existem no *Odyuzu* 108 contas pequenas, que representam as 108 paixões ou imperfeições mundanas, além de mais quatro de tamanho e cores diferentes, que representam os Quatro *Bossatsus* Primordiais (*Jyougyou*, *Muhengyou*, *Dyougyou*, *Anryuugyou*), somando um total de 112 contas. Além disso, existem duas contas ainda maiores, que representam os Budas *Shakyamuni* (Buda Histórico, à esquerda) e *Tahou* (Buda dos muitos Tesouros, também tido como Buda testemunha do Sutra Lótus, à direita). Quando um fiel ou sacerdote coloca o terço budista entre as mãos significa que está eliminando as imperfeições mundanas pela prática da fé. As duas contas maiores (que representam os Budas) ficam (cada uma) no dedo médio.

8. Sacerdotes e jovens fiéis se levantam para ir embora do parque do Piqueri. O sacerdote Amaral ainda os levaria para um passeio no Shopping, para assistir a um filme no cinema, lanchar e continuar a conversa sobre religião e outros assuntos.



1



2



3



4



5



6



7



8

TEMÁTICA K: DESCONTRAÇÃO:

Ocorrem, na Catedral *Nikkyoji*, diversas atividades “comuns”, rotineiras, que não estão necessariamente ligadas à prática do *Odaimoku* (emanação do mantra sagrado), mas que compõem o cenário da vida dos sacerdotes e fiéis:

Prancha 39:

KENJUTSU

Treino de *Kenjutsu*, realizado todos os sábados de 09:00 até às 11:00, com o *sensei* (mestre) Jorge *Kishikawa*. Este evento é aberto para o público externo, além dos fiéis e sacerdotes.

1. Panorâmica do ginásio da Catedral *Nikkyoji*, onde são realizadas diversas atividades, incluindo a prática do *Kenjutsu* ou *kendo*. Nesta fotografia podemos ver o início do aquecimento dos alunos da arte dos samurais.
2. Aquecimento e alongamento dos alunos mais graduados, dispostos em círculos, de acordo com as orientações do *sensei* (mestre) Jorge *Kishikawa*.
3. *Sensei* Jorge *Kishikawa* posa para a foto. Ele possui o sétimo dan (sendo que a graduação máxima é o oitavo dan) desta arte milenar japonesa e atualmente é uma das maiores autoridades do esporte no Brasil, tendo sido pentacampeão brasileiro por duas vezes. Em segundo plano na fotografia, os alunos continuam o alongamento.
4. Treinamento dos alunos mais graduados. Eles utilizam bastões para simular golpes de espada.
5. Professores ensinam às crianças a arte dos samurais japoneses.
6. Crianças em combate simulado, com o juiz arbitrando a disputa. Ao fundo, alunos mais experientes treinam movimentos de luta com espada.



1



2



3



4



5



6

Prancha 40:

MOMENTOS DE DESCONTRAÇÃO I

Café da manhã com os sacerdotes, realizado no dia 27 de maio de 2011, por volta das 08:15 da manhã, logo após o Culto Matinal. Esta refeição é organizada pelas mulheres, normalmente as esposas dos sacerdotes ou por fiéis mais ativas e participantes das atividades do *Oterá* (Templo).

1. O sacerdote Amaral conversa com um diretor da Catedral *Nikkyoji* (à esquerda). À direita, duas fiéis escutam o diálogo. A mais nova ri da conversa enquanto a mais velha tenta se esconder da câmera.

2, 3, 4 e 5. Sacerdotes e fiéis se servem de café, leite, chá, pão com manteiga, bolo de cenoura, queijo e maionese. Na fotografia 3, o sacerdote Amaral (no fundo, à esquerda) brinca com a esposa do sacerdote *Tadokoro* (na frente, à direita). Na fotografia 4, o sacerdote Amaral se serve de café, sob os olhares do sacerdote *Tadokoro*.

6. Sacerdotes e fiéis conversam de forma descontraída, sobre diversos assuntos. Podemos notar uma nova personagem nesta fotografia. Na parte da frente, à direita, está Lúcia, esposa do atual sacerdote de Campinas (que na época residia na Catedral *Nikkyoji* e estava em viagem ao Japão), segurando uma máscara de proteção facial em sua mão esquerda. Isso porque ela acabou de chegar do Altar Sagrado, onde o ornamentava com flores, através do *ikebana* (arte hindu de ornamentar vasos com arranjos de flores).



1



2



3



4



5



6

Prancha 41:

MOMENTOS DE DESCONTRAÇÃO II

Existem diversos momentos de descontração durante o dia a dia na Catedral *Nikkyoji*.

1. Sacerdotes Amaral e Campos posam para a fotografia, antes de embarcarem na Kombi que os levará para a Passeata na Avenida Paulista (dia 28 de maio de 2011, sábado).
2. Sacerdotes no fundo da Kombi, antes de partirem rumo à Passeata na Avenida Paulista. No banco da frente, a sacerdotisa *Myoushuu* está à direita de duas fiéis. A fiel do meio (esposa do sacerdote *Tadokoro*) segura seu filho Cauã nos braços e lhe dá mamadeira, sob os olhares atentos das duas outras mulheres.
3. Arcebispo Correia conversa com três fiéis, na entrada do *Hondo*, antes de um culto noturno (dia 28 de maio de 2011).
4. Arcebispo Correia se diverte durante a reunião da diretoria da Catedral (dia 26 de maio de 2011).
5. Sacerdote Amaral brinca e sorri durante a reunião da diretoria da Catedral *Nikkyoji*.
6. Sacerdotes confraternizam após o final da reunião da diretoria.
7. Arcebispo Correia abraça fiel (que pertence à diretoria do Templo) e posa para a câmera.
8. Fotografia tirada próximo ao Masp, após a Passeata na Avenida Paulista. Todos estão em posição de oração ritual, com as mãos unidas.



1



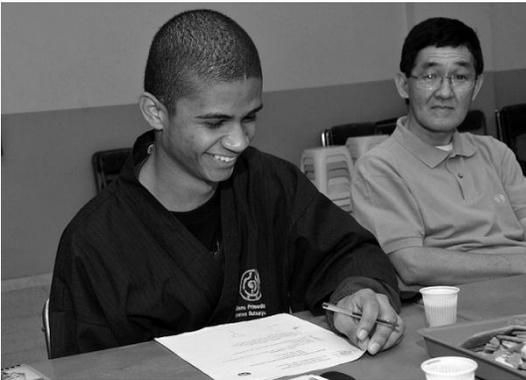
2



3



4



5



6



7



8

Prancha 42:

MOMENTOS DE DESCONTRAÇÃO III

1. Em primeiro plano, o Arcebispo Correia conversa com duas fiéis. Ao fundo, o sacerdote Amaral dialoga com Roberta *Tadokoro* (esposa do sacerdote *Tadokoro*, sentada no banco), que segura seu filho Cauã nos braços (dia 29 de maio de 2011, antes do culto matinal).
2. Sacerdote Campos sorri para a câmera, pouco antes de ter início o Culto Matinal do domingo (29 de maio de 2011).
3. Sacerdote Campos confraterniza com fiéis, após o culto matinal de domingo. Ao fundo, outros fiéis se cumprimentam, sorridentes.
- 4, 5 e 6. Sacerdotes e fiéis se encontram no salão abaixo do *Hondo* para tomarem café da manhã em comunidade, após o Culto Matinal de domingo.



1



2



3



4



5



6

TEMÁTICA L: OUTRAS TAREFAS DOS SACERDOTES:

Prancha 43:

PREPARATIVOS

Alguns momentos de afazeres dos sacerdotes da Catedral *Nikkyoji*.

1. Sacerdote Barbosa prepara o café para seus colegas religiosos, antes do Culto Matinal.
2. Sacerdotisa limpa a prateleira onde são colocadas as garrafas com água benzida (*Okoussui*), localizada dentro do *Hondo*, próxima do Altar Sagrado.
- 3, 4, 5 e 6. Arcebispo Correia prepara, com cuidado, o *Okoussui* que será ofertado ao Altar Sagrado, durante o Culto Matinal do dia 28 de maio de 2011. No final da preparação, ele ainda enxuga os utensílios utilizados (fotografia 6).
7. Arcebispo Correia escreve na lousa que fica dentro do *Hondo* (próximo ao Altar Sagrado) os ensinamentos que deverão ser passados aos fiéis durante os cultos matinal e noturno do sábado (dia 28 de maio de 2011). Primeiro escreve em *kandi* (ideograma japonês), depois, escreve a tradução em português. Os dizeres do mestre *Nissen Shounin* são: “Não veio a este mundo para se divertir, é por isso que sofre para salvar as pessoas”.
8. Arcebispo Correia escreve, numa lousa menor, os mesmos dizeres que grava no quadro maior. Esta pequena lousa é colocada na sala sacerdotal (onde ocorre as reuniões entre os sacerdotes após os Cultos Matinais) e discutida somente entre eles.



1



2



3



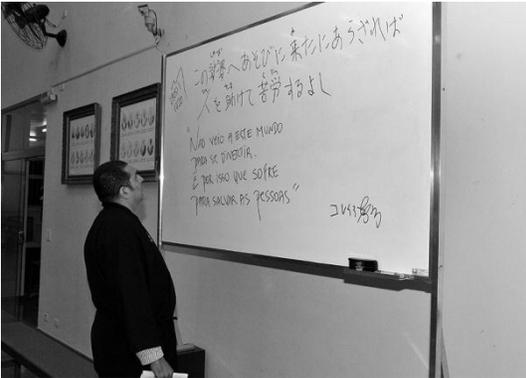
4



5



6



7



8

Prancha 44:

REUNIÕES SACERDOTAIS

Reuniões sacerdotais, que ocorrem todos os dias, sempre após o Culto Matinal (e os três cultos secundários). Nesta reunião, os sacerdotes debatem as falhas cometidas. Cada um deles tem o dever de apontar o erro alheio, como forma de ajudar a aprimorar o comportamento do outro na prática religiosa. E cabe àquele sacerdote que teve a atenção chamada aceitar humildemente a crítica, tentando sempre melhorar.

1, 2 e 3. Arcebispo Correia fala aos sacerdotes sobre as falhas cometidas no dia anterior. Esta sequência mostra a reunião após o Culto Matinal do dia 27 de maio de 2011 (sexta-feira). Entre outras observações, o *Odoshi* (mestre) chama a atenção dos sacerdotes Campos e Barbosa, que conversaram um dia antes, durante a reunião da diretoria. Pede também ao sacerdote *Kyokai* para que seja mais claro ao falar aos fiéis, em referência a um pronunciamento que este havia feito durante o Culto Matinal de sexta-feira.

4. Sacerdotes ouvem com atenção e humildade os comentários do Arcebispo Correia (dia 27 de maio de 2011).

5 e 6. Sacerdotes conversam, de pé, a respeito do Culto Matinal realizado no domingo (29 de maio de 2011). O Arcebispo Correia, vestindo seu *koromô* branco, lidera novamente as falas.



1



2



3



4



5



6

Prancha 45:

REUNIÕES DA DIRETORIA I

Reuniões da diretoria da Catedral *Nikkyoji*: Nestes encontros estão presentes os sacerdotes (liderados pelo Arcebispo Correia) e os fiéis que compõem a diretoria do Templo (liderados pelo presidente do *Nikkyoji*). Eles tratam de assuntos burocráticos, tais como reformas, orçamentos, prestação de contas, viagens a serem feitas, eventos a serem realizados, etc. Os fiéis que não compõem a diretoria também podem participar desta reunião, embora poucas vezes isto ocorra.

1. O Arcebispo, sentado ao lado do diretor do Templo, inicia a reunião.
2. Nesta panorâmica, vemos quase todos os participantes da reunião, com um maior número de fiéis (diretores) presentes.
- 3 e 4. Sacerdote *Tadokoro* (fotografia 3) e o Arcebispo Correia (fotografia 4) checam seus relatórios e os expõe aos colegas.
5. Panorâmica da reunião, mostrando sacerdotes e membros da diretoria da Catedral *Nikkyoji* analisando seus relatórios e fazendo anotações importantes sobre as decisões tomadas.
6. Sacerdotes Campos e Barbosa mantêm conversa paralela durante a reunião. Eles terão a atenção chamada pelo Arcebispo Correia, durante a reunião sacerdotal da manhã seguinte (como foi visto na prancha anterior).
7. Sacerdotes *Tadokoro* e *Kyokai* conversam a respeito de dados estatísticos de um relatório.
8. Sacerdote Amaral elabora a ata da reunião da diretoria.



1



2



3



4



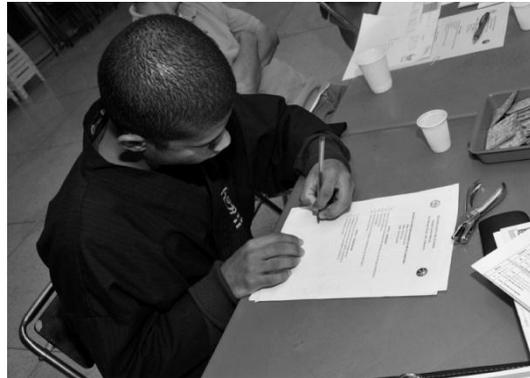
5



6



7



8

Prancha 46:

REUNIÕES DA DIRETORIA II

Esta sequência mostra outros momentos durante a reunião da diretoria, até o seu encerramento.

1, 2 e 3. Sacerdotes Amaral, *Tadokoro* e o Arcebispo Correia saboreiam um *waffles* e café, durante a reunião da diretoria.

4 e 5. Sacerdote Barbosa serve café aos presentes. Primeiro serve seus colegas religiosos (fotografia 4) e, depois, os fiéis membros da diretoria.

6. Sacerdote Campos em momento de distração, durante a reunião da diretoria. Ele rascunha traços no canto superior esquerdo do seu caderno.

7. Arcebispo Correia dá por encerrado o encontro, erguendo sua mão direita que segurava a pauta da reunião.

8. Após a reunião da diretoria, os fiéis e sacerdotes presentes conversam, descontraídos, sobre assuntos informais.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 47:

LIMPEZA DO ALTAR SAGRADO DA SALA SACERDOTAL

A limpeza do Altar Sagrado presente na sala sacerdotal é realizada todos os dias, logo no começo da manhã (antes das 08:00). Os sacerdotes que mais se aproximam do Altar Sagrado utilizam máscaras no rosto, para evitar que a expiração atinja a Imagem Sagrada.

1 e 2. Sacerdotes Amaral, *Kyokai* e Barbosa tiram a poeira dos objetos que ficam no Altar Sagrado (sinos, castiçais, vaso para o arranjo de flores, etc.).

3. O sacerdote Barbosa utiliza a pederneira, instrumento composto por uma pedra e uma lima que, ao serem friccionados, liberam faíscas. Normalmente, a pederneira é friccionada três vezes, servindo como forma de purificar as oferendas que são direcionadas ao Altar Sagrado.

4, 5 e 6. O sacerdote *Tadokoro* tira a poeira do Altar Sagrado, organizando cuidadosamente os objetos sobre ele.



1



2



3



4



5



6

Prancha 48:

LIMPEZA DO ALTAR SAGRADO DO *HONDO* (NAVE) DA CATEDRAL I

Durante a limpeza do *Gohonzon* (Altar Sagrado) principal e dos outros altares (Póstumo e dos Grandes Mestres) localizados no *Hondo* da Catedral *Nikkyoji*, todos os sacerdotes utilizam máscaras, com o intuito de impedir que a expiração atinja os altares, em um sinal de extremo respeito e devoção ao local e à Imagem Sagrada.

1, 2 e 3. Os Sacerdotes *Tadokoro* e a sacerdotisa *Myoushuu* limpam o local onde se depositam os incensos sobre o Altar Póstumo, em homenagem aos falecidos. Eles limpam as cinzas que restam dos incensos gastos e acrescentam mais areia limpa.

4. A sacerdotisa *Myoushuu* limpa o vaso onde se coloca o arranjo de flor (conhecido como *ikebana*) sobre o Altar Póstumo, em homenagem aos falecidos.

5. A sacerdotisa *Myoushuu* organiza os *ikebanas* e os coloca nas mesas, em torno do Altar Sagrado.

6. O sacerdote *Tadokoro* limpa os móveis que estão sobre o Altar Sagrado.

7 e 8. O sacerdote *Kyokai* limpa os candelabros e o incensário que estão diante da Imagem Sagrada (*Namumyohourenquekyou*). Ele também retira a poeira da imagem do Mestre *Nichiren Daibossatsu* e da base da estátua.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 49:

**LIMPEZA DO ALTAR SAGRADO DO *HONDO* (NAVE) DA
CATEDRAL II**

1. Sacerdote Barbosa coloca um novo incenso dentro do incensário, localizado em frente à estátua do Mestre *Nichiren Daibossatsu* e da Imagem Sagrada.
- 2 e 3. Enquanto o sacerdote *Kyokai* organiza os objetos que ficam em frente à Imagem Sagrada, a sacerdotisa *Myoushuu* ornamenta o *Hondo* com arranjos de flores (fotografia 2) e tira a poeira do púlpito (fotografia 3).
4. O sacerdote *Tadokoro* organiza os bancos nos quais vão se sentar os religiosos, durante a celebração dos cultos.
5. O sacerdote *Tadokoro* varre a poeira do chão do Altar Sagrado.
6. Visão panorâmica do Altar Sagrado sendo limpo pelos sacerdotes *Kyokai* (à esquerda) e *Tadokoro* (à direita).
7. O sacerdote *Kyokai*, ajoelhado, limpa o chão do Altar Sagrado com um pano úmido.



1



2



3



4



5



6



7

Prancha 50:

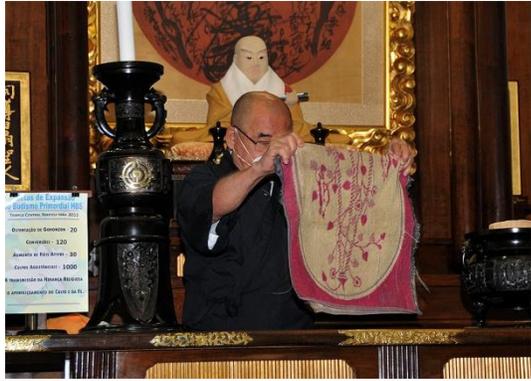
LIMPEZA DO ALTAR SAGRADO DO *HONDO* (NAVE) DA CATEDRAL III

Com o horário do Culto Matinal se aproximando, os sacerdotes intensificam suas atividades de limpeza do Altar sagrado.

1. O sacerdote Amaral limpa o sino grande, tocado pelo celebrante dos cultos (normalmente o Arcebispo Correia).
2. O sacerdote *Kyokai* coloca um pequeno tapete limpo, para ornamentar ainda mais o móvel que fica em frente à Imagem Sagrada.
3. Enquanto o sacerdote Barbosa termina de passar pano no chão do Altar, a sacerdotisa *Myoushuu* coloca sobre o púlpito alguns papéis com informações, que serão lidas pelo Arcebispo Correia aos fiéis, durante o Culto Matinal.
4. O sacerdote Barbosa acende, com um fósforo, as velas localizadas em frente à Imagem Sagrada.
5. O sacerdote Amaral troca a água de um dos dois *bonsais* (pequenas árvores que são cultivadas com uma técnica japonesa, para que atinjam tamanhos reduzidos) localizados em cima do Altar Sagrado.
- 6 e 7. Enquanto os sacerdotes terminam de limpar o Altar, o Arcebispo Correia retira sua máscara e sai apressado do local sagrado (à esquerda, na fotografia 7). Ele vai se arrumar para celebrar o Culto Matinal do dia 28 de maio de 2011 (sábado).



1



2



3



4



5



6



7

Prancha 51:

LIMPEZA DA CALÇADA E DO JARDIM

Limpeza da calçada e do jardim do Templo, que ocorre todas às sextas-feiras, após o Culto Matinal (por volta das 09:00).

1. Sacerdotes *Tadokoro* (à frente), Campos (de *koromô* escuro, à esquerda) e Barbosa pegam vassouras, pás e sacos plásticos para varrerem as folhas da calçada. Na fotografia, o sacerdote Campos brinca com o sacerdote *Tadokoro*, batendo com sua vassoura no saco plástico que o segundo carrega em suas mãos.

2 e 3. Religiosos varrem toda a calçada do Templo e colocam o lixo dentro dos sacos plásticos, segurados pelo sacerdote Amaral. Enquanto realizam a cansativa tarefa, eles conversam de diversos outros assuntos, religiosos ou não, de forma descontraída.

4 e 5. Sacerdotes Campos e Amaral limpam a área aberta do Templo. Para o trabalho, eles usam (cada um) duas vassouras para economizar tempo.

6. O sacerdote *Kyokai* também ajuda na limpeza da área aberta da Catedral.

7 e 8. Os sacerdotes Barbosa (fotografia 7), Amaral e *Tadokoro* também varrem o jardim do Templo, para encerrarem as atividades de limpeza deste dia.



1



2



3



4



5



6



7



8

TEMÁTICA M: FIÉIS:

Os fiéis são parte fundamental da HBS e de qualquer outra religião. É para eles que são celebrados os diversos cultos e atividades no Templo (ou *Oterá*, em língua japonesa). Os sacerdotes têm a função de conduzi-los ao caminho do Sutra Lótus Primordial e, conseqüentemente, à Iluminação.

Prancha 52:

FIÉIS I

1. Os fiéis mais tradicionais (com mais idade) são, costumeiramente, os primeiros a chegarem à Catedral *Nikkyoji*. Na imagem notamos, em primeiro plano, dois fiéis se cumprimentando (fotografia tirada no dia 28 de maio de 2011, sábado, por volta das 06:30).
- 2, 3 e 4. Fiel chega ao *Hondo* e, ao se dirigir ao Altar, presta reverência à Imagem Sagrada. Notamos, na fotografia 4, que ela curva seu corpo em sinal de respeito e devoção. À sua frente está o sacerdote *Kyokai* (fotografias 3 e 4), ainda segurando o pano com o qual limpava o Altar e, também, com a máscara facial em seu rosto, para evitar que sua expiração atinja alguma parte do Altar Sagrado.
5. Dois outros fiéis entram no Templo. Com as mãos postadas e com o *Odyuzu* entre elas, ambos fazem suas primeiras preces. A mulher curva seu corpo, em sinal de respeito ao Altar Sagrado.
6. Ao chegar ao Templo, o fiel se dirige à mesa colocada no fundo do *Hondo*, para assinar a lista de presenças.



1



2



3



4



5



6

Prancha 53:

FIÉIS II

1, 2 e 3. Fiéis oram o *Namumyohourenquekyou* antes de ter início o Culto Matinal de domingo (29 de maio de 2011). Eles batem com a mão direita na perna direita (ou na outra mão, como na fotografia 3), ritmando a oração sagrada. Entre os dedos, eles seguram o terço budista (*Odyuzu*).

4. Fiel tradicional (possui uma faixa que indica sua importância na expansão da HBS, ao longo dos anos de prática religiosa) ora o *Namumyohourenquekyou*, batendo com as clavas para ritmar o Mantra Sagrado. Entre seus dedos da mão esquerda, ele segura o *Odyuzu*.

5 e 6. O *Hondo* vai se enchendo de fiéis, até o início do Culto Matinal de domingo. Os presentes oram o *Namumyohourenquekyou*, ritmados pelas batidas de suas mãos (direita) na perna (direita). Eles olham fixamente para a Imagem Sagrada, presente no altar.

7. Fiéis, de pé, cantam a música tema do mestre *Ibaragui Nissui Shounin*, padroeiro (fundador) da HBS do Brasil. Eles olham para o telão, onde consta a letra da canção:

“Ele veio de um país distante e em sua bagagem, sonhos gigantes. Com muita fé, muita perseverança, tornou real o que era só esperança. Entre matas e cafezais enfrentou os ventos e temporais. Levou coragem em sua caminhada, a quem não acreditava em mais nada”.

“Oh, Mestre *Ibaragui Nissui Shounin*, quero aprender a ser forte assim. Aprender os ensinamentos do *Hokkekyou*, e levar a fé por onde eu for”.

“E assim, como a semente em terra fértil, transforma-se em árvore de rara beleza. Com raízes fortes em terra forte, mostrando toda força da natureza. Em sua face, a expressão da bondade, pregou a fé com tanta humildade. Com determinação, não hesitou, em pronunciar, *Namumyohourenquekyou*”.

“Oh, Mestre *Ibaragui Nissui Shounin*, quero aprender a ser forte assim. Aprender os ensinamentos do *Hokkekyou*, e levar sempre comigo, *Namumyohourenquekyou*”.

8. Fiel (auxiliada por outra adepta da HBS) presta o seu depoimento perante os sacerdotes e demais membros da HBS, no Culto de Inauguração do novo *Hondo* (Nave) do Templo *Ryushoji*, em Mogi das Cruzes (este culto também celebrou o aniversário de 70 anos do Templo). Em seu depoimento afirmou, muito emocionada, que sofria de um câncer muito grave e, com a força da oração do *Namumyohourenquekyou*, foi curada.



1



2



3



4



5



6



7



8

TEMÁTICA N: GRANDES EVENTOS:

Durante o ano são realizados na HBS alguns eventos que envolvem toda a comunidade religiosa, recebendo participantes dos 11 Templos existentes no Brasil e até mesmo de sacerdotes vindos do Japão.

Prancha 54:

ENCONTRO DOS JOVENS BUDISTAS (ECOJUB) I

A ECOJUB é um evento realizado anualmente. Neste caso, trata-se do encontro ocorrido nos dias 26 e 27 de novembro de 2011, nas cidades de Campinas e Indaiatuba. Esta primeira prancha mostra a parte religiosa do evento.

1. Café da manhã no Templo *Rentokuji*, em Campinas, no dia 26 de novembro de 2011 (sábado). Havia fiéis de todos os 11 Templos da HBS do Brasil reunidos, a maioria crianças e adolescentes, até 19 anos.

2. Altar com Imagem Sagrada, montado no ginásio do Templo *Rentokuji*. Nele estão três sacerdotes, além do Arcebispo Correia, que celebra o Culto Matinal especial, abrindo a ECOJUB 2011. No telão está o “enunciado de penitência”, que completo possui os seguintes dizeres: “Para eliminar o carma negativo, que acumulei desde um passado remoto, a partir da presente existência, até atingir o estado de Buda, devotar-me-ei à Imagem Sagrada, à doutrina e à oração sagrada, causa, essência e semente da Iluminação, transmitida pelo *Jyougyou Bossatsu, Namumyohourengekyou*”.

3. Os fiéis, sentados em cadeiras colocadas na quadra do ginásio, oram o *Namumyohourengekyou*, ritmando o mantra com a batida de suas mãos (direita) em suas pernas (direita). Eles olham fixamente para a Imagem Sagrada.

4. O sacerdote Amaral arruma a faixa do Arcebispo Correia. Ele é o co-celebrante da cerimônia, auxiliando o Arcebispo em tudo que for preciso.

5. O sacerdote Moraes (à direita), que naquela época era o clérigo responsável pelo Templo *Rentokuji* (Campinas), apresenta aos fiéis dois novos convertidos (em japonês, “*kaishuu sareta*”, o casal que está no meio), acompanhados por seus padrinhos (o homem e a mulher que estão nos extremos). Este evento ocorreu no dia 27 de novembro de 2011.

6 e 7. O sacerdote Moraes entrega um certificado de graduação para uma fiel, que por sua dedicação na prática religiosa ganha o reconhecimento perante sua comunidade. Ao fundo, os sacerdotes observam atentos à solenidade (27 de novembro de 2011).

Foto 8: O Arcebispo Correia agradece a participação de todos os (jovens) fiéis que presenciaram este grande evento, faz suas últimas preces e dá por encerrada a ECOJUB. Ao fundo podemos ver os sacerdotes, atentos à fala do sacerdote superior (esta é a posição ocupada pelo Arcebispo Correia) e, também, o Altar com a Imagem Sagrada.



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 55:

ENCONTRO DOS JOVENS BUDISTAS (ECOJUB) II

Nesta prancha, tratamos dos acontecimentos realizados em uma chácara na cidade de Indaiatuba, no dia 26 de novembro de 2011 (sábado). Os jovens budistas se divertiram com jogos, piscina, churrasco e muitas brincadeiras. Mas também existiram momentos de orações.

1. Em uma grande roda, os fiéis se divertem dançando, coordenados por uma equipe de recreação (as quatro pessoas de costas, em primeiro plano) contratada para alegrar o evento.
2. Foto panorâmica, com a presença de todos os participantes da ECOJUB 2011.
3. Antes do início do almoço, sacerdotes e fiéis fazem oração para agradecer pelo alimento.
4. Após a oração, todos dizem a expressão “*Itadakimasu*” (para agradecer pelo alimento recebido) e começam o delicioso banquete.
- 5 e 6. Com a chegada da noite e o fim das atividades recreativas, sacerdotes e fiéis oram o *Namumyouhourenguekyou* incessantemente, ritmados pelas batidas da mão direita na mão esquerda (quando estão de pé, como na fotografia 5) ou na perna direita (quando estão sentados, como na fotografia 6). Todos olham fixamente para a Imagem Sagrada que foi levada ao evento, já que não existe qualquer cerimônia religiosa sem a presença da mesma.
7. O sacerdote Moraes celebra o Culto Noturno da ECOJUB 2011. De olhos fechados e mãos unidas (com o *Odyuzu* entre elas) ele faz suas preces de agradecimento pelo evento bem realizado.
8. Os fiéis, também com as mãos unidas fazem, em silêncio, suas preces pessoais.



1



2



3



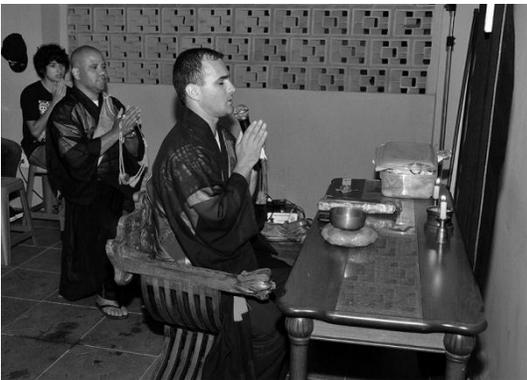
4



5



6



7



8

Prancha 56:

INAUGURAÇÃO DO NOVO *HONDO* (NAVE) DO TEMPLO *RYUSHOJI I*

Evento que celebrou o aniversário de 70 anos do Templo *Ryushoji*, em Mogi das Cruzes, no dia 11 de setembro de 2011 (domingo). Este grande culto também comemorou a inauguração do novo *Hondo* do Templo e prestou homenagem ao Mestre *Nichiren Daibossatsu* (precursor da HBS). Contou com a presença de fiéis dos 11 Templos do Brasil e, também, de sacerdotes japoneses, vindos especialmente para a ocasião especial.

1. Entrada do Templo *Ryushoji* e os primeiros fiéis chegando ao evento, por volta das 08:00.
2. Vista dos fiéis dentro do Templo e uma faixa com os seguintes dizeres: “Sejam bem-vindos ao Templo *Ryushoji* no seu 70º aniversário. Agradecemos profundamente a sua presença”.
3. Em fila indiana estão os diretores do Templo *Ryushoji* e, em seguida, os sacerdotes da HBS. Os fiéis também se dispõem em fila, para observar o cortejo, que se encaminha para o novo *Hondo*.
4. Nesta fotografia notamos o sacerdote Amaral, do Templo *Nikkyoji* (São Paulo) e, também, o Arcebispo Correia (segundo da fila, após o sacerdote Amaral).
5. Aqui, temos o sacerdote *Kyokai*, da Catedral *Nikkyoji* (São Paulo), no primeiro lugar da fila. Atrás dele estão outros sacerdotes, incluindo o bispo *Hasegawa* (o quarto da fila), vindo do Japão especialmente para celebrar este culto.
6. Corredor formado por fiéis, para ver a passagem dos sacerdotes em direção à entrada do novo *Hondo*.
- 7 e 8. Entrada dos fiéis no novo *Hondo*, que acontece logo após a entrada do último sacerdote (visto na fotografia 7, ao fundo, de *koromô* laranja).



1



2



3



4



5



6



7



8

Prancha 57:

INAUGURAÇÃO DO NOVO *HONDO* (NAVE) DO TEMPLO *RYUSHOJI II*

Esta prancha mostra a celebração do Grande Culto, que teve início às 09:00.

1. Todos os sacerdotes presentes se acomodam em seus lugares no altar, diante da Imagem Sagrada. Ao centro, de *koromô* laranja, está o Bispo japonês *Hasegawa*, celebrante do culto.

2. Os sacerdotes tocam clavas e xilofones, ritmando a oração sagrada *Namumyouhourenguekyou*. Todos olham fixamente à Imagem Sagrada, presente sob o altar. Alguns, que estão sem instrumentos musicais de percussão, batem com a mão direita na perna (direita), acompanhando o ritmo da oração.

3 e 4. Sacerdotes e fiéis direcionam suas preces à Imagem Sagrada, com suas mãos unidas e o *Odyuzu* entre elas. Eles olham fixamente para a Imagem Sagrada, marcando um gesto típico de respeito, devoção e concentração (meditação).

5 e 6. Sacerdote se aproxima da Imagem Sagrada, utilizando máscara facial como forma de respeito ao local sagrado, evitando que sua expiração atinja a Imagem do *Namumyouhourenguekyou*. Ele coloca as oferendas (arroz ou *gohan*, frutas e água benzida) sobre o altar, diante da Imagem Sagrada.

7. Sacerdotes, acompanhados pelos fiéis, oram o mantra sagrado *Namumyouhourenguekyou*. Olhando fixamente para a Imagem Sagrada (como forma de veneração e concentração), eles batem com a mão direita na perna direita, em gesto ritual característico. Alguns sacerdotes tocam xilofones ou clavas.



1



2



3



4



5



6



7

Prancha 58:

ENCERRAMENTO DO GRANDE CULTO DO TEMPLO *RYUSHOJI*

Esta sequência mostra a parte final deste Grande Evento, que se encerra após um almoço coletivo, no qual sacerdotes e fiéis se confraternizaram.

1 e 2. Os sacerdotes e fiéis, de pé, fazem suas últimas preces e agradecimentos pelo importante culto realizado. Eles olham fixamente para a Imagem Sagrada, sob o altar.

3. O bispo *Hasegawa* fala aos fiéis em japonês, fazendo seus agradecimentos pela presença de todos e reiterando a importância da prática da fé. Ao fundo vemos a Imagem Sagrada.

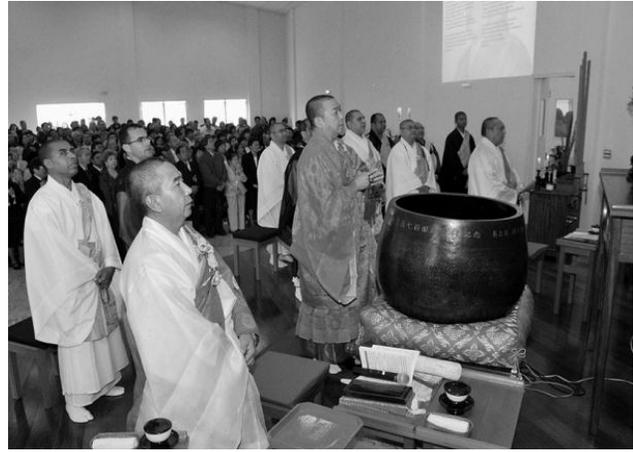
4. Os sacerdotes prestam reverência à Imagem Sagrada, inclinando seus corpos com as mãos unidas, em sinal de devoção ao *Namumyouhourenguekyou* (na sua forma de imagem-escrita).

5. Os sacerdotes deixam o Altar Sagrado, encerrando o Grande Culto. Os fiéis observam, sentados em seus lugares, os religiosos saírem.

6. Após o Grande Culto terminar, um almoço é oferecido aos fiéis, que vieram dos 11 Templos da HBS do Brasil. Em primeiro plano, vemos o grupo que veio do Templo *Rentokuji*, em Campinas. O almoço estava dividido em grupos, com cada Templo tendo um espaço devidamente reservado e bem organizado.



1



2



3



4



5



6

Conclusão:

Pouco mais de dois anos se passaram desde o meu primeiro contato com os sacerdotes e a comunidade da Catedral *Nikkyoji*. Desde então, percorri gradativamente um caminho outrora obscuro, mas que foi se delineando em conformidade com cada passo da minha pesquisa.

De fato, nossa jornada teve como alicerce o grande interesse de inserção dentro da comunidade budista HBS do Brasil, para remontar com ela (e através de imagens fotográficas) uma história de quase 104 anos. Tal trabalho foi composto, grosso modo, por três momentos fundamentais, que estabeleceu o pilar tripartite do meu empreendimento:

O primeiro foi a leitura de livros e revistas que contavam a história geral da religião budista e da corrente *Honmon Butsuryu-shu*, que resultou na compilação dos dois primeiros capítulos da parte 1, pano de fundo para o andamento da pesquisa.

Partindo desta base histórica/lendária, a segunda e fundamental etapa foi os quatro dias passados na Catedral *Nikkyoji*, registrando todas as atividades religiosas e laicas realizadas pelos sacerdotes e fiéis. Tal degrau serviu para a produção da parte mais significativa das entrevistas e fotografias, além de ter propiciado uma profunda imersão/aceitação dentro da comunidade em questão.

Já no terceiro passo, elaborei as 58 pranchas verbo-visuais, de acordo com o modelo célebre de Margaret Mead e Gregory Bateson, e entreguei aos sacerdotes da Catedral *Nikkyoji*, que o analisaram por um período de dois meses. Após este intervalo necessário, os religiosos me devolveram tal material com as devidas alterações do conteúdo escrito e novos comentários, que serviram para enriquecer e, mais do que isso, adequar tais pranchas à realidade por eles entendida.

Além destas três etapas, é importante ressaltar que a construção da minha pesquisa abordou conceitos-chave como memória, reconstrução verbo-visual, (re)montagens fotográficas e circularidade das imagens, este último com potencial para ser melhor abordado e explorado futuramente, com o desenvolvimento do “modelo” da flor de lótus (por mim proposto no decorrer do quarto capítulo).

Além destas questões, é fundamental e honesto que façamos, aqui, uma *mea culpa*. De fato, poderíamos ter abordado questões socio-culturais relevantes como, por exemplo, as relações de hierarquia e poder que envolvem tal comunidade, o papel da religiosidade no dia a dia dos fiéis ou, ainda, a função cultural que a religião, como rito, opera sobre os fiéis.

Poderia ter realizado novas entrevistas gravadas, não apenas com os sacerdotes, mas também com os devotos da HBS. Tais depoimentos poderiam mostrar outras nuances após um distanciamento temporal mínimo, que permitisse captar não apenas as impressões factuais/documentais da religiosidade, mas as impressões pessoais, os diferentes entendimentos e visões sobre esta representação da realidade.

Por fim, acredito que também seria relevante e viável ampliar tal pesquisa, em um futuro próximo. Para tanto, a intenção poderia ser produzir registros (fotografias, entrevistas, diário de campo, etc.) dos templos (e atividades) da HBS localizados no Japão (país de origem desta corrente), para completar, de fato, a ousada meta de reconstruir verbo-visualmente o Budismo *Honmon Butsuryu-shu*.

Bibliografia geral:

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: Um estudo da antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho em uma vila popular na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre, 1996.

ALVES, André. *Os argonautas do mangue*. 1ª. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: EDUC, 2002.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus Editora, 2001.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

_____. *A câmara clara*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Elementos de Semiologia*. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. *Balinese character. A photographic analysis*. Nova York: The New York Academy of Sciences, 1942.

BELLOUR, Raymond. *Entre-Imagens*. Campinas: Papirus, 1997.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. São Paulo: Editora Abril, 1980.

BORGES, Jorge Luiz. *Buda*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1977.

BRUNO, Fabiana. *Fotobiografia. Por uma Metodologia da Estética em Antropologia*. Tese (Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: Editora Edusc, 2004.

BUTSURYU-SHU, Honmon. *Revista Lótus*: ano 1, n. 1. São Paulo, 1999.

_____. *Revista Lótus*: ano 2, n. 02. São Paulo, 2000.

_____. *Revista Lótus*: ano 2, n. 03. São Paulo, 2000.

_____. *Revista Lótus*: ano 2, n. 04. São Paulo, 2000.

_____. *Revista Lótus*: ano 7, n. 70. São Paulo, 2005.

_____. *Revista Lótus*: ano 7, n. 71. São Paulo, 2000.

_____. *Revista Lótus*: ano 7, n. 74. São Paulo, 2000.

_____. *Revista Lótus*: ano 8, n. 81. São Paulo, 2006.

_____. *Revista Lótus*: ano 8, n. 82. São Paulo, 2000.

_____. *Revista Lótus*: ano 8, n. 83. São Paulo, 2000.

_____. *Revista Lótus*: ano 8, n. 86. São Paulo, 2000.

_____. *Revista Lótus*: ano 9, n. 91. São Paulo, 2000.

_____. *Revista Lótus*: ano 9, n. 94. São Paulo, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever*, in *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, vol.39, nº1, 1996.

COLLIER, John. *Antropologia Visual: A fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

CORREIA, Kyouhaku. *O que é Primordial: Budismo 100 anos*. São Paulo: Ed. Rmc, 2008.

_____. *O significado de Honmon Butsuryu-shu*. 2010. Disponível em <http://www.budismo.com.br/significado.php>. Acesso em 20/03/2011.

_____. *A doutrina da Honmon Butsuryu-shu escrita pelo grande mestre Nissen Shounin em 1872*. 2010. Disponível em <http://www.budismo.com.br/doutrina1.php>. Acesso em 15/03/2011.

DARBON, Sébastien. *O etnólogo e suas imagens*, in Etienne Samain (org.) *O fotográfico*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Hucitec/ Editora Senac São Paulo, 2005, p. 96-105.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el Tiempo*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2006. [original em francês 2000].

_____. *La imagen superviviente. Historia del arte y tiempo de los fantasmas segun Aby Warburg*. Madrid: Editorial Abada, 2009. [original em francês 2002].

_____. *Imágenes pese a todo*. Barcelona: Miracle Paidós, 2004. [original em francês 2004].

_____. *Cuando las imagenes toman posicion*. Tradução: Antonio Machado. Buenos Aires: Tapa Blanda, 2006.

_____. “Atlas: Como llevar el mundo a cuestras?”, in: *Sopro*, número 41, dezembro, 2010.

_____. *O que vemos, o que nos olha*. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. 11ª. Ed. Campinas: Papyrus, 2008.

ELIOT, Charles. *Japanese Buddhism*. Londres: Editora Routledge, 1959.

FARINA, Mauricius Martins. “Da fotografia para a imagem”, in *Revista Studium*, Campinas, 2008. Disponível em www.studium.iar.unicamp.br/28/05.html. Acesso em 28 jun. 2011.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Relume-Dumara, 1983.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade*. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 1985.

FRANCE, Claudine de. *Cinéma et Anthropologie*, Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1982.

FREUND, Gisèle. *La Fotografia como documento social*. 2ª Ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

GOVEIA, Fabio. "Materialidade e imaterialidade; memória e fotografia", in *Revista Studium*, Campinas, 2008. Disponível em www.studium.iar.unicamp.br/28/02.html. Acesso em 28 jun. 2011.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 5ª Ed. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2002.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 3ª. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 2ª. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). *Imagem e memória: Ensaio em Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2001.

KRAUSS, Rosalind. *O fotográfico*. São Paulo: Editora Macula, 1990.

KYŌKAI, Bukkyō Dendō. *A doutrina de Buda*. 4ª Ed. São Paulo: Fundação Educacional e Cultural Yehan Numata, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Paris: Plon, 1955.

_____. *O pensamento selvagem*. Paris: Plon, 1962.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARESCA, Sylvain. *Refletir as Ciências Sociais no Espelho da Fotografia*, in Pluralismo, Espaço Social e Pesquisa, Editora Hucitec, São Paulo, 1995, p. 326-339.

MEAD, Margaret. *Visual Anthropology in a Discipline of Words*, in Principles of Visual Anthropology (Org. Paul Hockings), Paris-Den Haag (Mouton Publishers), 1975, p. 3-10.

NOVAES, Sylvia Caiuby. *O uso da imagem na Antropologia*, in Etienne Samain (org.) *O fotográfico*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Hucitec/ Editora Senac São Paulo, 2005, p 107- 113.

NOVAK, Philip; SMITH, Huston. *Budismo: Uma introdução concisa*. 1ª. Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

PIETTE, Albert. *Le mode mineur de la réalité*. Paradoxes et photographies en anthropologie, Louvain -la - Neuve (Peeters), 1992.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SAMAIN, Etienne. “Mito e Fotografia. As aventuras eróticas de Kamukua”, in *Antropologia Visual. Caderno de Textos*, Rio de Janeiro (Museu do Índio), 1987, p. 46-49.

_____. “No fundo os olhos: os futuros visuais da antropologia”, in *Cadernos de Antropologia e Imagem*, nº 6, Rio de Janeiro, UERJ, Nai, 1998, p. 141-158.

_____. “Por uma antropologia da comunicação: Gregory Bateson”, in *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais* (Orgs. José de Souza Martins; Cornélia Eckert e Sylvia Caiuby Novaes). Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração – Edusc, 2005, p.129-155.

SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Hucitec/ Editora Senac, 2005.

SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

_____. “As peles da fotografia: Fenômeno, memória-arquivo, desejo”, in *Visualidades*, vol. 10, n. 1, Goiânia, UFG, 2012, p. 151-166.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; MAMMÍ, Lorenzo (Orgs.) *8 X fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. *Imagem e memória*, in Etienne Samain (org.) *O fotográfico*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Hucitec/ Editora Senac, 2005, p. 19-32.

TACCA, Fernando Cury de. *Imagens do sagrado. Entre Paris Match e O Cruzeiro*. 1ª. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *Sapateiro: retrato da casa, representação da casa do operário sapateiro francano através de seu próprio olhar fotográfico*. Dissertação (Mestrado), Multimeios - Unicamp, 1990.

_____. *Imagem Fotográfica: Aparelho, Representação e Significação*. Xerox, 2005.

USARSKI, Frank (org.). *O budismo no Brasil*. São Paulo: Editora Lorosae, 2002.

WILLIAMS, Paul. *Mahayana Buddhism. The Doctrinal Foundations*. Londres: Editora Routledge, 1989.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.

ANEXOS:

ENTREVISTAS:

Anexo 1: Entrevista concedida pelo sacerdote superior *Kyouhaku* Correia (São Paulo, 10 de agosto de 2012).

Nome: Marcos Eduardo Purificação Correia.

Local de nascimento: Curitiba/PR

Sacerdote desde: 21/12/1980.

Profissão/formação: Sacerdote/formação sacerdotal (teologia).

Classe hierárquica: Sacerdote Superior. Ocupa o cargo de Arcebispo da HBS no Brasil.

Nome de batismo (nome budista): *Kyouhaku*. *Kyou* significa “ensinar” e *haku* quer dizer “Brasil”. Meu nome significa, então, ensinar o Brasil, ensinar o Brasileiro. Foi com esse intuito que meu mestre me deu este nome. Foi uma aposta que ele fez, arriscada, de que eu seria responsável por ensinar muitos brasileiros os conhecimentos da HBS.

Ingresso na HBS: Ingressei na HBS aos 07 anos. Primeiro a minha mãe ingressou e, depois, ela começou a participar dos cultos e voltava sempre alegre dos cultos. Então eu disse: quero ver que culto é esse! Antes disso eu já quis ser padre católico, depois eu quis ser pastor. Mas quando ela viu que o negócio não vingou mesmo, minha mãe me apresentou em um culto residencial ao sacerdote. Eu não entendi nada do que ele falou, porque ele era japonês, falou tudo em japonês. Mas, pra mim foi muito mais verdadeiro, porque eu não precisei do entendimento. Foi de um encantamento! E eu trago esse encantamento comigo até hoje! Nada, nada quebrou isso aí! Esse encantamento... E eu buscava uma religião que salvasse verdadeiramente a todos! Principalmente alguém maligno como eu! Que nem internato queria pegar! E eu não mudei! Eu acho que eu não mudei! A malignidade está lá dentro, guardada! Mas algo está controlando ela! Algo está controlando isso! *Namumyouhourenguekyou!*

Bênçãos recebidas: Já vi muitas bênçãos serem recebidas e já foram várias as bênçãos recebidas por mim. A mais recente delas, a mais recente delas é esse momento aqui! Esse momento aqui, de poder encontrar alguém que se encanta também, se interessa também, que se emociona também e proporciona uma divulgação disso que a gente busca como objetivo de vida, não é? Que é isso que você está procurando fazer também, se isso não for das maiores bênçãos que eu recebi até hoje, eu não sei o que eu recebi então! Esse trabalho que estamos realizando juntos é uma bênção, a mais recente, a mais nova!

O Budismo HBS é uma religião ou uma filosofia de vida? Na verdade, a gente não utiliza uma definição nossa. É um conceito das ciências das religiões. Isso a gente aprende em faculdade de Teologia. Se existe uma doutrina, um alvo de veneração e uma prova concreta, um retorno desta prática, então está caracterizada a religião. No nosso caso, tem a doutrina, que é o Sutra Lótus, tem o objeto de veneração, que é o *Gohonzon* (a imagem sagrada *Namumyohourengekyou*), a prática que a gente realiza e sente a satisfação desta prática, vê os resultados. É isso que caracteriza uma religião. E o que não é religião? Alguém que não cria nenhuma doutrina, de repente funda uma religião. Porque no Brasil, para se criar uma religião, basta fazer um estatuto e registrar. Oficialmente é uma religião. Abre a porta e acabou. Cada esquina tem uma né? Aí não tem uma doutrina. E o que é uma doutrina? É algo que prega coerentemente a relação da lei da causa e efeito né? Ou seja, assim, assim e assim! Ah, por isso é assim! Comprova isso direitinho, por escrito. A religião católica, por exemplo, é uma religião! O Islamismo é uma religião! Todos eles têm um alvo de veneração. Agora, por exemplo, o estilo zen-budismo não tem um alvo de veneração, então ele já é mais considerado uma filosofia. Então, quando você têm esses três ingredientes formaliza a fé. Você faz a oração! Se você faz a oração, pronto! Caracterizou a religião. Agora, se não tem a oração, não é religião. É só meditação, está no transcendentalismo, mentalização, coisas assim. Que não fazem mal, mas também não faz bem! Este é o conceito que a gente tem da religião do Budismo Primordial, que pra gente é “A” religião! Por que é melhor do que todas as outras? Não, não! Pra gente não é satisfatório pensar ou sentir assim. Ela é a Primordial porque ela incorpora todas as outras. Enquanto todas as outras não incorporam o Budismo Primordial. Você vem aqui, você quer o Maomé, você acha ele, lá dentro da Imagem Sagrada. Você quer o Cristo, está lá! Quer santo Antônio, tá lá! O Buda está lá! Todo mundo está lá! Tem a representação de todas as

divindades. Eu posso encontrar todas em uma só. Então pra gente isso é o que mais engrandece o conceito religioso. Ah, mas vocês deixam escapar os seres malignos! Como que é? Está tudo representado na Imagem Sagrada. Se é maligno, a gente reza por ele também. Para ele se converter, se tornar benigno. Esse é o conceito de religião que a gente tem. É um conceito que tá acima do bem e do mal, do certo e do errado, do melhor e do pior. Esse é o significado da palavra primordial.

Qual a concepção do conceito Deus para a HBS? Existe um Deus budista da HBS? Pra nós do Budismo o Deus não é aquele todo poderoso, onisciente, onipotente. O que adianta você dizer que ele é onisciente, onipotente, sendo que ele não está conseguindo salvar o mundo? Então deram, atribuíram a ele qualidades que, por fim, acabam deixando ele exposto. E outras doutrinas não colocam aquela relação da causa e efeito, que é uma coisa extremamente lógica, como base da doutrina. Então, por exemplo, o Cristianismo: não coloca a causa e o efeito. As pessoas acham que colocam sim. Mas não colocam não! Sabe por que? Eles falam que Deus é Deus, mas como ele fez para virar Deus? Não tem uma explicação. É, pronto e acabou! Fez o ser humano do barro. Bom, certo! Da onde veio esse barro? Por que tinha que ser do barro? Não tem essas explicações das causas. E fica tudo meio assim, no mundo da inspiração, da imaginação. Agora, essa existência divina, de um Deus único e todo poderoso, a gente admite sim! Só que ela precisa ser comprovada, não é? E no Sutra Lótus isso foi comprovado. Então, no décimo primeiro capítulo do Sutra Lótus né, vários discípulos se ofereceram para fazer a expansão neste mundo, mas o Buda Histórico recusou a oferta deles. Não, não, não, não! Porque eu tenho outros seres preparados nesse mundo. Quando ele terminou essa fala, emergiram da terra, pode ser imaginário, imagético né, apareceram diversos discípulos que ele havia convertido em mundos passados que vieram e legitimaram a condição dele. Então, a partir desse momento, ele deixou de ser o Buda Histórico, pra assumir sua verdadeira identidade, do Buda Eterno e Primordial. Então, pra nós né, o Deus é único, ele existe, veio pessoalmente pregar, mostrou o que se faz pra se tornar uma divindade, atingir a Iluminação, mostrou quem fez, quem conseguiu, além dele, e deixou o ensinamento, principalmente pensando em nós que viríamos num mundo como esse né, e o que a gente poderia fazer pra atingir a Iluminação

também. E o Deus pra gente é uma energia, é um resultado, é algo totalmente universal, que ao mesmo tempo representa o caminho de como chegar até ele. Por exemplo, o *Gohonzon* tá ali representando esse Deus único, o Buda Primordial. O caminho é a prática da fé, é a oração. Então, é por isso que quando a gente pronuncia o mantra sagrado *Namumyouhourenguekyou*, nós oramos a causa, a essência e a semente da Iluminação né. É como se fosse uma mãe, que deixou o alimento, que é o leite materno, pra essa criança se amamentar e se desenvolver, pra se tornar alguém saudável, sadio e emancipado, como essa própria mãe. Então, a condição é praticar a fé nessa oração, tal como o nenê mama, sem duvidar do leite né, sem falar “não quero”. Então, essa fórmula da oração faz virar realidade essa condição de fé. E outra: no Budismo esse Deus, que a gente chama de Buda Primordial, pra diferenciar das outras tradições religiosas, onde esse Deus é inatingível. Você nunca consegue virar um Buda, um iluminado. Ele é ele, você é você! Nunca, não tem uma linha de intersecção. No Budismo seria tipo assim: você também pode virar um Deus. Como? Me unindo à ele! Me unindo à ele, né! De que forma? Se transformando nesse *Namumyouhourenguekyou*. É esse o conceito que a gente têm! A gente fala sempre de Deus. Eu costumo falar sempre: todo mundo concorda que é um só né, todo mundo concorda que é um só. Mas beleza né! Então o cara fala do Deus cristão, tem o Deus do Islamismo, Deus de tal, Deus de tal, tal, tal, tal. Já que é um só, como é que a gente vai definir qual é o mais verdadeiro? O nosso motivo é: o seu Deus salva esse? Salva! Salva esse? Salva! Salva aquele? Não salva. Gay não dá pra salvar. E o outro lá? Ele salva o maligno? Não, esse não dá também! Salva todos, menos esses. Então, o mais Deus vai ser aquele que salva todos, sem restrições. Ah, mas, tipo assim... Sacanagem! Eu tô ralando, fazendo direitinho, aquele lá não faz nada e ele vai ser salvo também? Aí você acabou de se distanciar, acabou de ir pro fim da fila da salvação. Aquele lá passou na sua frente agora! É o egoísta né! Então, esse é o conceito, na verdade, que me trouxe até aqui né! Lógico, a gente erra, sabe! A gente erra! Mas ele, o Deus, o Buda Primordial, não pode errar.

Para a HBS, quem foi Sidarta Gautama? Sidarta Gautama foi um personagem que o Buda Primordial se utilizou, de forma física, pra transmitir os ensinamentos e mostrar pra humanidade que a Iluminação era possível de se atingir. É um corpo né? Então, o Buda Primordial é o espírito né? A gente prefere não usar essa forma espírita de fazer esse tipo de

transmissão, porque a gente não fica manipulando alma, espírito, nem nada. Isso não leva a nada, na verdade! Essa energia universal que tomou essa forma física. Então, porque a gente fala em expansão, expansão, expansão? Não é tipo o crescimento de uma empresa! É importante porque somente um corpo físico pode fazer essa propagação, essa expansão dos ensinamentos do Buda Primordial. Então, eu posso ser o maligno que for né, que se eu despertar a fé dentro de mim, eu posso ser um veículo, um bom transmissor do Dharma sagrado né. Então, o Buda Primordial precisa de nós, na verdade! É interessante né, ele precisar de nós! Porque normalmente o único conceito que existe é que eu preciso, me salve meu Deus! Mas aqui também acontece o contrário! Nós precisamos dele, mas ele também precisa, porque sem o veículo não há como o Dharma se propagar. É de um corpo pra outro! É de um corpo pra outro corpo! O Dharma não se expande por si só! E é nesse conceito aí que o *Siddharta Gautama* entra! Pra provar fisicamente que a Iluminação era atingível e que todos poderiam, como seres humanos, atingir a mesma Iluminação. Alguém precisava comprovar isso né! A forma empírica de ver a coisa foi essa. Só que no final ele mostrou: olha, esse é meu corpo transitório! É igual aquela carcaça de uma cigarra né! A cigarra fica debaixo da terra e depois sobe, mas depois da metamorfose dela ela vai embora e só fica a carcaça. Aquela carcaça é o aspecto físico de um Buda.

Qual a relação dos sacerdotes da HBS para budistas de outras correntes e os leigos? A gente busca ter um bom relacionamento com todos. Justamente por ser Primordial! O que significa ser Primordial? Significa que a tolerância é ilimitada. A gente parte do princípio de supremacia. A gente não se coloca num nível relativista, dizendo que tudo é igual, você é companheiro, todos pregam a religião e todos pregam bem! A gente não parte desse pressuposto não! O princípio relativista não é, é esse sabe! Todo mundo é jogador de futebol, só muda o nome do time! Importante é o futebol! Não é bem assim. Já que a gente detém essa melhor concepção divina, de um tipo de Deus que salva mais e completamente e infinitamente, então existe essa relação de superioridade, não é? Mas essa relação de superioridade doutrinária não impede, independente das outras pessoas reconhecerem ou não, isso aqui é um fato né? Historiadores, estudiosos, se eles fazem a comparação doutrinária, eles chegam a essa conclusão. Alguém que é *expert* pega! Eles vão na veia! Mas essa superioridade doutrinária não impede a gente de viver uma vida normal e se

relacionar bem com as outras pessoas. Pelo contrário né? Se você é bom e se acha bom, ou até mesmo melhor, aí você tem uma responsabilidade maior de demonstrar isso. É que antigamente existiam aquelas formas de debate, era nervoso o negócio! Se você era de uma religião lá, de uma ramificação e eu sou de outra, isso na Idade Média, nós íamos nos degladiar em um debate. Quem perdesse teria que se tornar discípulo do outro, o templo era tomado pelo outro, junto com os fiéis no pacote! Era tipo assim! Era uma coisa assim, de vida ou morte mesmo! E o mestre *Nissen Shounin*, do Budismo Primordial, falou que debate religioso para ver quem está certo ou errado não leva a nada! Não façam isso, né? Então, a nossa melhor forma é nos relacionarmos bem, mostrar o melhor que a gente tem né? O mundo tá caminhando pra isso! Chega de Cruzadas, guerras! Ainda mais os budistas! A nossa religião prega a paz, essa é uma marca! O cara fala assim: nossa, mas você só podia ser budista mesmo! Calmo e tal! Os caras cobram isso! Lógico, a gente se irrita no dia a dia, aqui a coisa esquenta entre a gente. Mas dali pra fora é o treinamento pra gente não se irritar.

Qual posição da HBS em relação a existência de vida em outros planetas? Existem Budas em outros planetas? A cosmologia budista vai totalmente além do que o ser humano pode imaginar! Existe vida em outros planetas e existem inúmeros Budas. Tanto que no Sutra Lótus, o Buda (Histórico) direciona a missão de expansão e propagação para as outros Budas, que são emancipações dele mesmo e do Buda Primordial, outros Budas das dez direções, de todas as direções do universo.

O senhor disse que o Buda Primordial tenta alcançar à todos. Então, como a HBS olha as minorias (negros, homossexuais, marginalizados, dependentes químicos), que normalmente não são aceitos em outros segmentos religiosos? São verdadeiros alvos de salvação! Verdadeiros alvos de salvação! E o que caracteriza a salvação pra gente? É espalhar essa semente da Iluminação no coração da pessoa! É você transmitir pra ela esse *Namumyohourengekyou*! A salvação, a gente objetiva que ela seja imediata né? Aqui, agora, pra ontem! Mas, se a gente criar um elo com essa pessoa, a vida, pela alma, ela é eterna! Então, ela vai dar voltas e voltas! E por esse mesmo elo que a gente semeou nela, ela vai se resgatar! Tal como se a pessoa, por ser as vezes um drogado, um marginal e tal,

tropeça na terra e cai! Mas, o que ela vai ter que fazer pra se levantar? Pisar nessa mesma terra que derrubou ela, pra poder se levantar! O que é essa terra que derrubou ela? É um elo! Então, você tem que pregar um ensinamento pra ela, você tem que dar uma dura, independente dela querer ou não, chegar junto! Dizer: olha, você não pode fazer assim, assim, tem que fazer assim e assim, né? Aí, dá volta, dá volta, dá volta e pá! Nossa, aquilo que ele falou pra mim é verdade! Se eu tivesse escutado... Pronto! A pessoa tá pronta já, pra recomeçar uma nova e infinita vida. Ou seja, pra casos em que essa salvação não é imediata, porque a pessoa não quer, a pessoa tem que querer né? Ainda assim, ao longo do tempo, isso é possível. O pior de tudo é um tipo de Deus chegar e falar assim: você vai queimar eternamente nas chamas do inferno! Só esse eternamente que derruba né? É demais, é demais, porque aí vira um abandono mesmo. Aí você fala: oh Correia... Você é um vacilão mesmo né? Aí eu respondo: Eu vacilei, e daí? Então, eu vou rodar... Mas, esse “eu vacilei mesmo, e daí?”, valeu como uma sementeação. O ser humano é assim! Você quebra, quebra, quebra a cabeça e depois fala: É, meu pai tinha razão! É assim né? Só que, nesse momento, você vai lembrar daquele elo que foi deixado, como um conselho, como um ensinamento. E o melhor elo que existe é o *Namumyouhourenquekyou*. Ele suprime teorias, conhecimento, experiência. E vem pela fé mesmo, independente da sua consciência. De você ter ou não ter consciência. Ele é semeado no seu nono subconsciente! Você não tem nem noção né? A filosofia ocidental fala do sexto sentido, por aí! Não passa disso! No Budismo a gente já fala do nono sentido! Do nono subconsciente! É ali que a gente armazena tudo, tudo, tudo, da nossa pré-existência, da atual e da futura existência. Não tem ninguém que escapa disso! Desse *Namumyouhourenquekyou*! É lá que é armazenado! Então pode vir qualquer tipo de pessoa... Recebeu o *Namumyouhourenquekyou*, se não for aqui e agora, pode ser amanhã, mas uma hora, ela tem a sua iluminação assegurada. Ninguém é melhor que ninguém! Todo mundo tem a obrigação de salvar um ao outro. Tudo se torna salvável, sabe? O homossexual, por exemplo. As características físicas da pessoa, que ela recebe, digamos, de um Deus, se for uma limitação é uma limitação que esse Deus colocou na pessoa! É por isso que você não pode colocar um Deus como o criador porque as características da cria, da criação, são de responsabilidade de fábrica! É por isso que a gente não coloca o Deus como o criador. Nós fazemos parte desse universo e vamos nos aperfeiçoar. Aí falam: e o livre arbítrio? Quem mandou dar? Quem mandou dar né? Meu

objetivo não é ibope não é nada disso! A gente olha o ser humano pela alma e a alma é unissex! A alma é unissex! Tá além do sexo! Sexo é uma fase da vida necessária! E quanto mais você vai avançando nessa vida, vai se tornando cada vez mais desnecessária! Tem um período que o ser humano é animal mesmo! Não é? Mas cada vez esse instinto vai perdendo seu encanto! Você aprimora, você busca outras coisas né? É passageiro! As alegrias de um Buda, de um Iluminado, são muito maiores que essa!

Como são vistos os sacerdotes da HBS do Brasil que não são descendentes de japoneses? Existe alguma forma de preconceito? A religião não carrega preconceito não, sabe? Mas as pessoas carregam! E se as pessoas carregam, o que importa é que você não precisa carregar! Preconceito parte de algum ponto onde você é diferente das outras pessoas, né? E se esse seu diferencial vier a se tornar um exemplo de vida pras pessoas seguirem, essa particularidade que você tem, como, por exemplo, ser ou não oriental, não vai influenciar no tratamento que você recebe. É só fazer o bem, que o seu diferencial vai ser visto não como algo negativo, mas como algo positivo. Aí todo mundo vai querer ser japonês. É que antigamente as pessoas não viam com bons olhos, mas agora fazem cirurgia pra puxar os olhos, comem sushi. No caso da gente aqui, o fato de ser *gaijin*¹⁰⁸ numa entidade que originalmente foi totalmente oriental, ou de ser negro, não tinha antes. E uma meta que a gente sempre teve, que o *Ibaragui Nissui Shounin*, o mestre da HBS no Brasil teve, era nacionalizar o Budismo no Brasil. E o que significa nacionalizar o Budismo no Brasil? É tornar uma religião Budista para todos! Todas as cores, não é? Ser colorido, multicolor! Então dá pra se dizer que a nossa religião, o Budismo Primordial, é única, o único Budismo verdadeiramente brasileiro! Por quê? Porque partindo já do quadro de monges, a gente é colorido! Foi esse o foco no centenário da imigração japonesa¹⁰⁹, quando o imperador veio celebrar um culto em Rolândia¹¹⁰, o príncipe veio e participou de uma cerimônia budista, juntou muitos monges, de várias ramificações. O imperador representa o Xintoísmo, ele é considerado uma extensão de uma divindade xintoísta. Eles acreditam que a família imperial descende de um Deus xintoísta. Então, eles representam esse Deus aqui na terra. Até a Segunda Guerra Mundial era assim né? Deixou de ser um pouco, tá? Mas aí

¹⁰⁸ É uma palavra japonesa que significa “não-japonês” ou “estrangeiro”. Muitas vezes a palavra é utilizada de forma pejorativa àqueles que não nasceram no Japão.

¹⁰⁹ O centenário da imigração japonesa foi comemorado em 2008.

¹¹⁰ Município localizado no norte do estado do Paraná, onde a imigração japonesa é significativa.

né, a maior emissora de tevê do Brasil filmou todos os trinta monges que estavam no palco lá! Tinha trinta! Por que será que parou no Budismo Primordial? E coincidentemente o primeiro da fila era eu, depois o segundo era o Arcebispo, que não era eu na época, era o Arcebispo *Saito*, na época, aí depois tinha o Cardoso, que era de Maringá, aí o Ferreira né? Aí a gente viu o noticiário, a câmera parou na gente assim, enquanto ia falando dos acontecimentos. Mas por que parou? Porque era eu o brasileiro, o japonês, que era o *Saito*, o negro, que era o Cardoso, e o café com leite, que era o Ferreira. E sinceramente mesmo, sinceramente mesmo, eu não sei o que é preconceito! Não sei o que é! Devo ter passado. Mas nunca me incomodou. Ser chamado de burro não me incomoda. Tem certas coisas que, no meu caso, eu nem absorvo e nem, como uma cama elástica, rebato. Bate como um vento e passa! E eu nem percebo que foi uma agressão, né? Sinceramente. Mas eu devo ter passado. Sempre fui chamado de *gaijin*, *gaijin*, *gaijin*, *gaijin*, *gaijin*! É uma coisa, se for pensar, muito pejorativa. Mas no meu caso foi até uma vantagem, né? Por que? Porque no futuro serão pessoas assim que deverão cuidar da nossa religião. Foi a visão do meu mestre. Foi nessa sala que meu mestre me comunicou que iam me mandar pro Japão, um moleque de 15 anos, pra investir na *Honmon Butsuryu-shu* daqui a 30 anos. Mais absurdo do que um tiro no escuro né? Mas se eu não fosse *gaijin*, não teria sido escolhido! Então, o que pra uns poderia ter sido um preconceito... Se eu tivesse naquele momento com essa sensação de preconceito, de pensar “puxa vida, eu estou passando por isso”, eu tenho certeza que essa indicação não teria acontecido né? Por que se eu demonstro uma insatisfação, eu levo uma preocupação desnecessária pra alguém que só quer o meu bem, essa pessoa ficaria com receio de investir, de me dar essa chance. Acho que é o espírito *zen* da coisa mesmo! E agora essa parte está tranquila aqui. A gente está conseguindo agrupar, universalizar tudo, sabe? É uma benção mesmo!

Existem diferenças entre as cerimônias e hábitos da HBS no Brasil em relação à matriz no Japão? No Brasil e no Japão, as cerimônias que existem são as mesmas. Batizado, culto matinal, culto assistencial, visita assistencial, etc. Tudo é motivo pra fazer algum tipo de culto. O ritual tem a mesma coluna vertebral. Começa com a oração de penitência, tem o enunciado de penitência, a gente faz as orações do *Namumyohourenquekyou*, vai fazendo os quebrados lá nos enunciados e finaliza. No

Brasil, me dá a impressão que a gente tem um pouco menos de formalidade e busca um pouco mais da religiosidade fora dessa formalidade. Enquanto que no Japão, prefere, dentro da formalidade, garantir a não quebra da religiosidade. Porque se você abre muito, vai ficar igual a alguns pastores evangélicos, que tiram da cabeça o que pregam. Então, pra não permitir esse tipo de quebra, o Japão que é bem mais conservador, busca essa formalidade. É um receio de quebrar uma tradição milenar! Mas aqui no Brasil, pra poder fazer esse ajuste cultural, pra não ficar muito formalista, se não o povo, as pessoas acabam se distanciando. No entanto, a gente não pode quebrar aquilo que é milenar, né? Então, a gente busca fazer esse ajuste, fazendo certas adaptações no ritual. De linguística, de procedimento, dentro da oralidade, coisas assim.

A palavra “batizado” normalmente é utilizada nas religiões cristãs. Existe essa prática na HBS do Japão? Quais as diferenças do batizado de vocês e os outros? No caso do batizado budista, desde o primeiro momento em que a pessoa comparece no templo já é um batismo, né? No primeiro momento que recebe o *Namumyouhourenquekyou*, que ela pronuncia o *Namumyouhourenquekyou* já é o batismo. Como eu disse do elo né? Você está recebendo o elo. Ela já está convertida pelo elo. É importante que ela demonstre consciência disso dizendo “eu vou me converter! Eu vou me converter!”. E no caso do batizado que é feito pra criança, é uma cerimônia que objetiva o compromisso dos pais em rezar, em fazer com que a criança herde, se torne uma herdeira do Dharma Sagrado, *Namumyouhourenquekyou*. Esse é o objetivo principal, não é? Prometer que vai se esforçar pra criança se tornar mais um veículo de transmissão do Dharma Sagrado, né? No Japão eles chamam isso aí de “cerimônia de prosseguimento religioso” ou “cerimônia de primeira participação em um culto”, não é? Ao pé da letra, com os nomes que eles usam lá, seria isso. A gente trazer isso aqui, o pessoal ia falar: ah, mas não tem batismo né? Eles falariam isso! Ah, mas então, não tem batismo? Então as pessoas iriam procurar em outras! O nome “batismo” faz parte de uma cultura. A gente começou a introduzir isso aí no começo da década de 80. Antes disso não existia esse nome, nem existia esse tipo de prática, já ocidentalizada né?

Normalmente, quando se fala de Budismo, pensamos em uma religião onde os monges não podem se casar, não consomem carne e seguem uma vida restrita. Qual o posicionamento da HBS em relação a essas questões? O que uma proibição pressupõe? Imposição! A desnecessidade de uma consciência, de conscientizar. Enquanto o Budismo, principalmente o Budismo Primordial, se difere também por ser a religião que prega a consciência. Não depende dela! A gente não vai ser salvo só por ter consciência. Independente dessa consciência ou não, a gente vai lá, leva o elo, e você é salvo por esse elo. Principalmente se você tem um elo adverso, é o que eu vou pegar, é a prioridade, tá? No entanto, o objetivo é conscientizar! Proibir não salva ninguém, mas conscientizar, sim! É conscientizar que a pessoa se alimenta, e tudo que alimenta tem vida, que ela está devendo a vida dela àquilo! Quando tem boi no rolete no Templo de Campinas e eu vou lá pessoalmente, eu encontro com o boi e falo: “o próximo sou eu!”. Parece brincadeira, mas eu faço meu contato, meu ritual lá, não é? E depois, no outro dia, eu faço uma oração póstuma. Mas adianta? Você mata lá e depois faz oração póstuma, né? Ser útil nessa vida é o que vale! E se essa forma de oferecer a vida dele foi útil para todas as pessoas, o importante é que não seja desperdiçado, que não seja banalizado, nada disso sabe? Então, o conceito que a gente tem é esse. De demonstrar a gratidão perante tudo isso que é vivo e pregar a consciência, não é? Já o casamento, eu chego ao ponto de dizer que “monge bom é o monge casado!”. Chega-se a levar até esse ponto. Não que se a pessoa preferir ser solteira não vai ser! Não tem disso aqui não! O *Nitiren Shounin* foi solteiro, o *Nitiryu* foi solteiro, já o *Nissen* casou! Não é porque é casado ou não casado que vai ser melhor ou pior. Mas é um conceito bom, que a gente segue, porque a pessoa casada consegue compartilhar de sofrimentos que outras pessoas passam também. E ajuda até na elaboração de ensinamentos direcionados pra família. Casando e tendo filhos o monge sabe como é a vida familiar. Na prática ajuda ao mestre, ao monge. A mulher ajuda a cuidar do cidadão mesmo! Ele tem que dar satisfação do que ele come, onde ele comeu, o que comeu, o quanto comeu, quanto gastou, se atrasou, onde chegou, nossa! Casa o cara de uma vez! Se ele não vai atingir a Iluminação tão cedo, mais pelo menos não vai retardar tanto! Porque a mulher segura, viu? É um elo que você recebe, sabe? É um elo que você recebe! Casamento é um elo sagrado! Eu caso porque eu sou apaixonado, porque eu amo, também né? Mas essa pessoa foi o *Gohonzon* que encaminhou pra mim, pra eu poder atingir a Iluminação junto com ela.

ANEXO 2:

Entrevista concedida pelo 4º sacerdote, *Kyougyou* Amaral (São Paulo, 27 de maio de 2011).

Nome: Emerson Coelho do Amaral.

Local de nascimento: Curitiba/PR.

Sacerdote desde: 28/03/2008.

Profissão/formação: Sacerdote/graduação em andamento em Web Design-UNIP.

Classe hierárquica: 4º sacerdote.

Nome de batismo (nome budista): *Kyougyou* Amaral. O *kyou* significa estudo e o *gyou*, que é a segunda letra, significa ação. É o mesmo *gyou* da palavra caminho, caminhar. Se fosse dar uma tradução seria ‘o ensinamento ativo’ ou ‘prática do ensinamento’. Todos os nomes dos sacerdotes vêm de letras que estão no Sutra Lótus. Então, o mestre escolhe o que mais condiz com o discípulo. O nome mais apropriado. E o meu mestre é o bispo Correia.

Profissão e formação: Antes de me tornar sacerdote eu era estudante. Já havia trabalhado em bibliotecas fazendo estágio, mas basicamente era estudante mesmo. Eu terminei o ensino médio e assim que terminei eu entrei no templo, com 17, 18 anos. E fui ordenado com 19 anos. Atualmente eu estudo Web Design na Unip, em São Paulo.

Hierarquia da HBS: Os níveis começam assim: Aprendiz, que não tem nenhum grau, 5º sacerdote, 4º, 3º, 2º, 1º. Depois do primeiro vem sacerdote superior, depois disso é pré-pontífice, pontífice, pré-sumo pontífice e sumo-pontífice. São dez graus. O bispo correia é sacerdote-superior. Já estudou no Japão, tem uma instrução maior. Ele fez as provas pra ir subindo de grau. Tem que ter faculdade, tem que ser formado, têm várias condições para subir de nível, como se fosse faixa de arte-marcial. Eu sou 4º sacerdote já. Cada transição demora de dois a cinco anos. No começo é de dois em dois anos, depois vai ficando mais demorado. A cada cinco anos tem uma prova que a pessoa faz e passa de nível. A prova seria mais teoria, mas a prática que a pessoa faz também conta.

Uma pessoa que pratica direitinho, claro que vai subir mais rápido do que uma pessoa relaxada. Se eu já tiver faculdade, eu entro no 5º e passo direto para o terceiro nível. Agora estou em 4º e se eu fizer uma faculdade eu posso acabar pulando direto para o 2º. O sacerdote que pretende chegar em um grau onde ele possa instruir as pessoas, possa ter seu templo para expandir, ele tem que se esforçar nesse sentido. E meu objetivo, já que é ficar aqui para sempre, é chegar no nível que eu conseguir para poder ajudar, para poder expandir esta religião. É o que eu vou tentar.

Local onde reside: Eu moro aqui mesmo, no *Nikkyoji*, em São Paulo.

Como conheceu a religião: A gente mesmo não sabe o que leva a gente fazer uma escolha assim. Antes eu tinha vários objetivos, eu queria fazer faculdade da aeronáutica. Eu tinha meus sonhos antes. Eu já freqüentava o templo desde os 17 anos, mas nunca imaginava que eu fosse querer ser sacerdote. É um pensamento mais ou menos igual ao do Buda que leva a pessoa a querer se dedicar. É quando você pega e começa a ver qual é o sentido da minha vida. Qual o sentido de estudar a vida inteira, trabalhar a vida inteira para depois morrer. Igual a todo mundo. É o pensamento do Buda. Ele decidiu largar toda a riqueza dele porque não via mais sentido naquilo. Eu vou morrer assim como uma pessoa que não tem nada. Eu tenho tudo, mas eu fico doente assim como alguém que não tem nada. Então pra que tenho que ter tudo isso? A troco do que realmente? Em busca de algo maior, algo além dessa vida física, que a gente acaba despertando um interesse assim.

Eu já gostava muito de coisas orientais. Foi por acaso que decidi conhecer uma religião oriental. Eu fui em alguns templos budistas e fui na HBS em Curitiba. Eu mesmo sempre fui muito crítico para a religião. Eu pensava igual ao meu pai: religião é tudo comércio, tudo picareta. Eu não tinha nenhuma religião antes. Mas eu gostava de conhecer as religiões. Já fui em igreja evangélica, católica. Pesquisei muito. A principal coisa que eu vi na HBS foi a sinceridade das pessoas e a transparência. Isto o que você está vendo aqui é o que é todo dia. É o normal. A gente brinca às vezes, fala besteira e tudo, mas é isso. Não tem o que esconder. Nós somos abertos, é bem liberal. Não tem porque tentar negar a nossa natureza humana. Então o humano comete erros, ele tem desejos. Então é normal. Não pode tentar tirar isso do humano, mesmo que ele tenha decidido seguir uma carreira que seja sacerdotal. Tanto que os sacerdotes daqui podem casar, ter família e tudo. A única coisa

que a gente não pode mesmo é ter outro emprego paralelamente. Essa é a nossa vida, esse é o nosso trabalho. Outras religiões budistas, algumas, os sacerdotes podem ter uma vida paralela, podem trabalhar. Aqui a única coisa que é mesmo cobrada é de você dedicar sua vida a isso. É o que você escolheu, é o que você vai fazer pro resto da vida. Então o resto da vida é normal. A gente pode ter família, pode namorar, pode casar, pode sair, pode se divertir. Mas como você viu, o pessoal aqui é comprometido com o que tem que fazer aqui.

A gente se ausenta um pouco da família. Quem é solteiro praticamente abandona a sua família. Eu morava com meus pais, com meus irmãos, eu praticamente abandonei eles. Eles não vão poder depender de mim pra nada mais. E eu não vou poder depender deles. Essa é a condição. Os ideogramas japoneses da ordenação, de quando você é batizado sacerdote, significam "deixar a casa", "deixar a família". É como na época do Buda. Ele abandonou a família. Claro que depois de um tempo ele voltou e a família tornou-se discípulo também. Quando eu saí de casa eu saí sozinho. É um abandonar a família. Claro que com o consentimento deles. No começo era complicado. Meu pai queria que eu fizesse uma faculdade, tivesse um bom emprego. Aí eu falo: "vou virar monge". Mas agora, pelo que estou vendo, eu sou o primeiro da família que encontrou um caminho. Então agora, o que no começo afrontava, se tornou um orgulho para eles.

Como se dá sua participação na HBS: A gente procura orientar os fiéis de acordo com os ensinamentos do Buda. Nosso ensinamento prega que é possível ter uma prática da fé budista mesmo com os cinco desejos, que antigamente eram considerados infernais. Esses cinco desejos são: sexo, comida, bebida, fama e sono. São os cinco desejos que todo ser humano tem. Então, antigamente era pregado que para atingir a Iluminação era preciso eliminar tudo isso. Então, o que o Buda pregou no último ensinamento dele? Ele falou que numa era futura, que é no caso agora, as pessoas não iam conseguir eliminar isso. Ele falou que a única forma da pessoa conseguir uma Iluminação simultânea a esses desejos é através da pronúncia desse mantra sagrado, *Namumyohourengekyou*. Esse mantra sagrado tem toda essência dos ensinamentos do Buda. É como se o Buda tivesse pegado todos os mais de 84.000 ensinamentos e compactado nesse mantra.

As pessoas dessa Era não precisam meditar, não precisam se isolar do mundo, não precisam deixar de lado os desejos. Tudo que elas têm que fazer é devotar o Sutra Lótus,

devotar esse ensinamento Primordial. Já que elas são incapazes de meditar, incapazes de enxergar a Iluminação numa estátua do Buda, enxergar a Iluminação na natureza, então, pronuncia-se esse mantra. O pessoal se pergunta: se o Buda falou, porque tem outras correntes então? É porque as outras correntes não acreditam, alguns até acreditam, só que não admitem que esse ensinamento é para essa época. Eles acreditam que esse ensinamento o Buda deixou para um futuro que ainda está por vir. Então eles ainda estão nas práticas que o Buda considerou provisória. Esta época em que estamos é a Era *Mappou*, a Era da decadência. E não é difícil você considerar essa Era como a Era da decadência. É só ver como está o mundo. Então o Buda estava certo. Nessas outras ramificações que não seguem isso, mesmo sendo o próprio Buda quem falou, eles admitem que o ensinamento realmente seja esse, mas consideram que não é para essa época. E por que nós afirmamos com toda certeza que é pra essa época? É porque nesse mesmo ensinamento ele está falando, como se fosse uma profecia, de quem ia ensinar isso pra nós. Vai ser tal pessoa, tal pessoa vai sofrer isso, vai sofrer aquilo, mas vai conseguir expandir. E quem viveu essa profecia nessa Era foi o mestre *Nitiren Daibossatsu*. Ele passou exatamente pelo que estava escrito nessa profecia e fez exatamente o que estava nos ensinamentos. E se ele nasceu nessa Era e fez tudo o que estava lá, sofreu o que estava dizendo que ia sofrer, então só pode ser. Então essa é a Era, esse é o momento de praticar o *Namumyouhourenguekyou*.

Atividades no templo: Eu sou o mais novo sacerdote no Brasil. Provavelmente de todas as correntes budistas no Brasil. Normalmente os sacerdotes são mais de idade. Praticantes jovens têm muitos, até crianças. Mas é mais difícil para entrar alguém tão novo.

Mas aqui na HBS, a maioria que entra já tinha uma habilidade lá fora. Essa habilidade é usada aqui dentro. O sacerdote *Tadokoro*, por exemplo, entende bastante de publicidade. Estuda o japonês, já morou lá no Japão. Então ele usa o que aprendeu lá fora, aqui no templo. O sacerdote Campos estudava Administração. Estava praticamente no último período da faculdade de Administração. Então, administrar mesmo, fazer uma planilha, alguma coisa, é com ele. Eu sempre fui mais pro lado artístico. Fotografia, teatro, o site da internet, vídeos, essas coisas, eu posso usar aqui. Quem não entrou desde criança já tinha alguma habilidade que com certeza é usada aqui. Os sacerdotes que entraram quando criança são só os bispos. O Correia entrou com 11 anos de idade. Agora não existe

mais isso. Eu estou sendo um dos últimos que entrou antes dos 20. Então, cada vez vai aumentando a faixa etária. Os jovens não querem saber disso.

As funções que desempenha na HBS do Brasil: Eu sou responsável pelo site, pelos jovens (a Associação dos jovens budistas do Brasil) e aqui em São Paulo eu sou responsável pela região Centro-Sul. Então, Vila Mariana, Ipiranga, Liberdade, Centro, Cambuci, Aclimação, toda essa região eu sou o sacerdote responsável de cuidar dos fiéis, dos praticantes, das pessoas que moram nessas regiões. Cada sacerdote é responsável por uma zona de São Paulo. Todos os meses as pessoas celebram cultos em suas residências, por exemplo. Eu sou responsável de rezar nas casas dessas pessoas. Quando alguém que mora nessa região está interessado na religião, eu que tenho que fazer o atendimento.

As vezes tem falecimentos, então o fiel dessa região falece, eu sou o responsável de fazer o velório, de fazer um atendimento a essa família. Todos os sacerdotes têm essas responsabilidades. É como se você fosse o “bispo” da sua região. Você pode fazer o que tiver ao seu alcance para o desenvolvimento daquela região. Assim como eu faço com os jovens. Eu procuro inovar. Procuro usar internet, faço blog dos jovens, eu filmo com eles. A gente treina, ensaia, a gente já fez teatro juntos. A gente fez o teatro do Buda. A gente faz o culto dos jovens. A gente reza e depois eu passo um ensinamento, só que mais voltado ao público jovem. Eu uso vídeo, uso brincadeira, faço um negócio mais dinâmico. Depois do culto a gente as vezes sai, vai ver um filme, vai pro shopping, vai pro parque, vai fazer alguma coisa. Jogamos futebol, saímos pra comer juntos. A gente viaja juntos. Como amigos. Então, tem toda essa interação entre o sacerdote responsável e o seu grupo. Eu procuro ser amigo deles, mas eles mantém o respeito. Mesmo eu estando ali como um amigo.

Preconceitos: Eu já entrei numa época onde as pessoas estão aceitando mais. Em Curitiba eu entrei numa igreja onde a maioria dos fiéis já eram brasileiros. Então eu entrei num lugar onde eu pensei que só ia ter japonês, mas pelo contrário, só encontrei brasileiro lá. Por isso eu assimilei mais rápido. Mas aqui em São Paulo sim, só tem japonês. No grupo de jovens, quando eu entrei, só tinha descendentes. Mas nunca houve um preconceito. Acho que houve um preconceito mais da minha própria família. Eles disseram: há, o que você vai fazer num lugar que só tem japonês, você é o único brasileiro no meio dos japoneses. Mas

eu nunca liguei muito, porque eu sempre gostei dos japoneses. Eu sempre admirei e nunca sofri preconceito deles. Sempre fui tratado muito bem. Uma das coisas que me manteve na religião foi isso. A forma com que as pessoas me tratavam.

Quando eu comecei a ir no templo eu tinha 16 anos, 17 anos. Estava naquela época de roqueiro, usava cabelo grande, *blackpower* e andava com umas correntes, cruz, todo de preto, umas camisetas de 'rock and roll'. E eu ia assim todo domingo no templo. As vezes eu saía dum show e ia direto pro templo. As vezes eu chegava lá vestido de qualquer jeito e as pessoas me tratavam assim como tratavam todo mundo. Desde o começo o pessoal já fez amizade e até falavam do meu estilo. Não existe preconceito não. Talvez o pessoal bem mais tradicional, até mesmo esses mais tradicionais eu nunca ouvi e nem sofri nada do tipo.

Existe alguma proibição na HBS? O Budismo HBS prega consciência e moderação. Tudo que você faz demais, por melhor que seja, vai te fazer mal. Tudo que você passa dos limites vai te fazer mal. Então a gente pode beber, quem fuma pode fumar, a gente pode namorar, pode se relacionar antes do casamento normalmente. São os desejos inerentes ao ser humano que o próprio Buda falou, que as pessoas vão conseguir praticar em equilíbrio com esses desejos. Então, é até bom que a gente possa ter esses desejos e possa saciá-los. Porque o que a gente aprende é ter equilíbrio. Não deixar os desejos atrapalharem a prática. Isso cria um ser humano mais resistente até, mais consciente. A gente bebe. Todo mundo bebe e todo mundo sabe o limite. O pessoal que namora sai com sua namorada normal, não precisa dar satisfação nenhuma.

Rotina: A gente tem dia de folga, às vezes. Às vezes final de semana, depois que acaba o matinal e a tarde não tem nada, tá liberado. Às vezes, a gente fala pro bispo que hoje a gente quer sair, fazer alguma coisa diferente, ir ao cinema e ele libera. A gente tem o tempo.

Remuneração: Como a gente não pode ter outra atividade remunerada, a gente recebe aqui ajuda pros estudos, até mesmo pra alimentação e tudo mais. E vem tudo 100% de doações. A gente não tem nenhum laço com empresas nem com políticos, nem nada. A gente prefere evitar, principalmente políticos. Às vezes, em época de eleição, vem muitos políticos querendo oferecer benefícios e a gente vai cortando tudo. Porque a gente não quer ficar

preso a esse tipo de coisa. Até mesmo empresas a gente toma bastante cuidado. A gente não quer ficar fazendo propaganda pra nenhuma empresa só pra ter benefício. Aqui é uma instituição religiosa e a gente gosta de deixar bem claro essa parte. Então, tudo que a gente recebe aqui é doação. A gente não pede, não é dízimo. É espontâneo. Ninguém é obrigado a doar.

A gente faz as pessoas terem consciência de que nós estamos aqui, o templo tem contas, toda essa estrutura aqui pertence aos fiéis, não pertence a nós. Porque eles podem vir aqui a hora em que eles quiserem, podem usar, podem jogar futebol, podem usar a churrasqueira. Então, pertencem aos fiéis. É como se fosse um clube, onde os fiéis vêm e pagam. Não é nem uma mensalidade, porque também não precisam pagar. É uma oferenda. A gente diz que está ofertando para o próprio Buda, porque o sacerdote, as pessoas que moram aqui, estão deixando uma vida lá fora que poderiam estar tendo, para se dedicar a aprender os ensinamentos para passar adiante para as pessoas que não podem largar suas vidas, seus empregos para se dedicar a isso. Então a gente pega os ensinamentos, filtra-os, para que todas as pessoas entendam e pratiquem. Desde as crianças até os mais velhos. As pessoas têm consciência disso. Sabem o trabalho que dá.

HBS no Brasil: No Brasil inteiro tem 11 templos e 20 sacerdotes. Quase a metade está aqui no *Nikkyoji* e ainda assim falta. Teria que ter no mínimo mais duas pessoas aqui no *Nikkyoji*. O ideal seria 10 sacerdotes para atender a todas as demandas. Os outros templos são menores. Um, dois sacerdotes, tem templo que um só já está ótimo. E nestes templos que tem apenas um representante ele é chamado de sacerdote efetivo. O responsável ali. Mas acima dele sempre vai ter um bispo. Às vezes, o bispo não fica no templo, porque ele tem mais de um templo pra cuidar. O bispo Correia cuida de Curitiba também. E além do Correia, tem mais cinco bispos e vai se formar mais um. Vão ser sete. E cada bispo é responsável por dois templos. Tem bispo que fica com um templo “só”. E o Correia é arcebispo. Então, além dos sacerdotes, ele também é o superior dos bispos.

Catedral Nikkyoji: O *Nikkyoji* é o templo mais ativo. Aqui é praticamente uma escola, onde todos os sacerdotes deveriam fazer um estágio. Tanto pela cidade, que é grande, o número de fiéis que é muito grande, as experiências aqui são diferentes de qualquer templo no Brasil, a estrutura é diferente. Aqui é como se fosse uma escola central mesmo. Tanto

que aqui passou a se chamar 'Catedral'. Vai ser realmente o centro de tudo e não só a sede, o templo central. A gente fala templo central, mas cada templo é como se fosse independente. Agora é "Catedral" para que todos os templos se centralizem aqui. Que aqui se torne uma escola para todos os sacerdotes, que se torne uma central para todos os templos mesmo, de verdade. Então, a ajuda vai sair daqui para todos os templos e todos os templos vão direcionar as demandas pra cá. O que não acontece atualmente. Cada um por si está ficando ruim, porque alguns templos estão tendo dificuldades e a gente não está conseguindo direcionar a ajuda. Então, se todos os templos se centralizarem aqui e daqui saírem para todos os templos, tanto a parte administrativa quanto a parte de pessoal também, de sacerdotes, fica mais fácil. Aqui a gente tem mais sacerdotes, mas toda vez que precisa ir em algum outro templo a gente é enviado. Tal templo precisa de um reforço, vai lá. Então a gente não está sempre aqui. Você pode vir aqui daqui a 2 anos e pode ter mudado todo mundo já. Você se apega ao lugar, às pessoas, mas a gente muda muito mesmo.

Receber bênçãos: A gente fala que estar vivo é uma graça. Até hoje, nunca sofri acidentes, nunca aconteceu nada grave nem comigo nem com minha família. Então, o pessoal as vezes fala que bênção é quase morrer, rezar e sobreviver. Mas eu nunca passei por nada disso. Nem minha família. Então, eu acredito que a bênção que eu estou recebendo é exatamente essa. Acaba sendo maior ainda não acontecer nada. Nunca tive nada, nem problema de saúde, acidente, dificuldade nenhuma. Desde que entrei, sempre foi tudo encaminhado, tudo certinho. Até hoje, graças ao *Gohouzen*, não tenho nada a relatar neste sentido. Mas o fato de estar aqui todo dia, de poder praticar, de poder fazer as coisas pelas pessoas já é uma bênção. Também o fato de eu não enfraquecer, não querer desistir, isso para um sacerdote é uma bênção grande também.

ANEXO 3:

Entrevista concedida pelo 4º sacerdote, *Gyoen* Campos (São Paulo, 27 de maio de 2011).

Nome: João Henrique Tanos Campos.

Local de nascimento: Manhuaçu/MG.

Sacerdote desde: 05/07/2009.

Profissão/formação: Sacerdote/graduação em Administração de Empresas (com habilitação em Marketing) interrompida no sétimo período-Faculdade Newton Paiva.

Classe hierárquica: 4º sacerdote.

Nome de batismo (nome budista): *Gyoen* Campos. *Gyoen* é meu nome sacerdotal, composto por dois ideogramas. O primeiro ideograma ‘*Gyo*’, que significa prática, ação, e o segundo ideograma ‘*en*’, que significa ‘elo’, contido na palavra ‘*inen*’, que é a lei da interdependência, da causa e efeito. No caso, meu nome significa ‘ação do elo’. Nosso nome sacerdotal é dado pelo mestre e foi assim que me foi concedido esse nome. Meu nome de registro, meu nome da carteira de identidade é João Henrique Tanos Campos, então aqui a gente usa o sobrenome Campos mais o nome sacerdotal *Gyoen*. Quando as pessoas nos chamam, por questão de respeito, sempre usam o sufixo ‘*shi*’, que significa sacerdote, assim como quando nos referimos a alguma pessoa aqui no Brasil, falamos ‘senhor fulano de tal’, no Japão é ‘fulano de tal *sam*’, usa o sufixo ‘*sam*’, aqui o prefixo ‘senhor’, pra sacerdote usa o prefixo ‘*shi*’. No caso ficaria então *Gyoenshi*.

Antes de entrar na HBS: Eu nasci numa família tradicional católica, meus avós são católicos, frequentam a igreja e tudo. Meus pais são aqueles famosos católicos não praticantes. Mas eu fui criado pela minha avó por parte de pai, e ela é uma católica fervorosa mesmo, sempre participou da diretoria da igreja dela, enfim. Então, como criança não tem muita opção né, acaba sempre acompanhando os pais, eu sempre ia à igreja com a minha avó. Tanto a minha avó paterna, quem me criou, quanto a minha avó materna, que eu sempre passei as férias com ela em Manhuaçu, que é a cidade onde eu nasci. Sendo assim,

eu fiz catecismo, primeira comunhão, todos os processos por qual passa uma criança cristã católica. E depois que eu tive minha liberdade de escolha eu nunca mais fui na igreja. Só em ocasiões especiais mesmo, batismo, casamento, enfim.

Depois disso, eu sempre me interessei pelo assunto religião, gostava de conhecer vários tipos de religiões, mas nunca me identifiquei com nenhuma, nunca quis seguir nenhuma. Eu sempre tinha o pensamento: pego o que cada religião tem de bom e faço a minha. Sempre acreditei em Deus também, do meu jeito. Bom, sempre tive também essa tendência para esse lado espiritual, de alguma forma. Sempre acreditei na alma, na vida após a morte, como eles dizem. E isso foi uma questão também que sempre me incomodou, tanto essa questão da morte quanto da própria existência. Sempre me questionei o por quê de tudo. Mas até então, o Budismo mesmo fui conhecer só quando fui procurá-lo. Durante toda minha juventude né, como todos os jovens tem aqueles pensamentos revolucionários, quero mudar o mundo e tudo né, não foi diferente. Fui da mesma forma. Sempre buscando alguma forma de fazer alguma ação social, ajudar as pessoas, os menos favorecidos, enfim. Mas, como sempre também, os pensamentos mundanos, as convenções sociais, acabam corrompendo nossos pensamentos, a família, e você acaba de alguma forma pensando em fazer as coisas como a gente é cobrado. Ou seja, seja uma pessoa bem sucedida, tenha um bom emprego, uma família, uma casa, um carro, enfim. Mas, pra mim nada disso fez muito sentido, apesar de eu sempre achar que fosse importante. Mas eu falei, poxa vida, minha vida não pode ser em função disso. Ainda mais que eu vou morrer um dia, sei lá o que vai acontecer depois. Bom, e também como eu disse, eu pensava muito na morte, na existência, eu sempre tive esses problemas de crise existencial.

Desde os 12 anos eu fiz terapia, com psicólogo e tal. É, não vou dizer que foi a toa, que foi em vão, mas também acho que não ajudou muita coisa. Até que eu cheguei num momento da minha vida assim, eu estava já prestes a me formar na faculdade de Administração né. Eu estava no sétimo período, na faculdade de Administração de Empresas com habilitação em Marketing, na instituição Newton Paiva, em Belo Horizonte. E chegou uma hora que veio a tona de novo essas crises existenciais e eu falei: ‘puxa vida’. Não conseguia mais ir pra aula, não conseguia fazer nada, parei de trabalhar, parei de fazer tudo. Aí eu falei: quer saber, não quero saber de ajudar mais ninguém, vou resolver meu

problema. Aí o que eu pensava: se eu for morrer, aí vou ter que nascer de novo e passar pelas mesmas coisas! Aí eu falei: Nossa! Ninguém merece isso não! E isso me causava uma angústia profunda. Aí eu já sabia que o Budismo falava de Iluminação, que se a pessoa se iluminasse não precisava nascer de novo. Aí, foi a partir de um pensamento egoísta na verdade que eu falei: nossa, não posso nascer de novo não, não quero isso mais! Eu queria me matar também, é claro né! Mas eu queria não nascer de novo! Não nessas condições pelo menos! Foi assim que eu resolvi procurar o Budismo, procurar um mestre para me orientar, porque eu sempre procurei seguir eu mesmo e nunca cheguei a lugar nenhum.

Então, eu decidi ser mais humilde um pouquinho, procurar um mestre para me orientar, porque aí eu sabia que um dia eu ia saber o que eu ia ter que fazer. E também, buscando essa autonomia, essa independência de não ter que nascer mais. Me livrar desse ciclo de morte, renascimento e morte, renascimento e morte. E a grande benção que eu recebi foi ter encontrado a HBS por acaso. Pelo site, o que eu mais gostei foi realmente a HBS. Mas, na época, como eu não entendia nada de Budismo mesmo, qualquer Budismo que me aceitasse primeiro eu estava indo. Fiquei mandando e-mail para vários templos budistas, dizendo: ah, eu quero ser monge! Como faço pra ser monge? O que precisa? E meu mestre, como é bem rápido, não perde tempo, o Correia *Odoshi* me respondeu, trocamos alguns e-mails e eu vim. Isso foi primeiro para Curitiba. Aí, depois de um tempo que eu cheguei aqui né, é interessante, eu descobri que a nossa missão, pelo menos no Budismo de hoje, não é mais atingir a Iluminação. Atingir a Iluminação é só uma consequência de um processo que tem um tempo praticamente infinito.

Então eu descobri, na verdade, que eu vou ser o último a deixar de nascer, mas hoje eu me sinto feliz por isso. Antes, eu queria deixar de nascer o mais rápido possível, hoje eu sei que eu vou ser o último, porque minha missão agora é passar as pessoas pra frente e quanto tiver todo mundo eu vou. Esse é o *Bossatsu*, o ser altruísta, o ser salvador. A promessa do *Bossatsu* é essa. O *Bossatsu* é o primeiro a receber o direito de atingir a Iluminação. Na verdade, ninguém atinge a Iluminação. A Iluminação é concedida. Quando o *Bossatsu* recebeu a concessão da Iluminação ele falou: ‘eu não posso receber essa Iluminação enquanto ainda há pessoas sofrendo no mundo’. Então, o que o *Bossatsu* faz? Ele recebe essa Iluminação e ao invés de usufruir dela ele pega e passa pra frente. Só existe

uma Iluminação na verdade. É uma pra todo mundo. Então, quando todo mundo receber essa Iluminação e passar pra frente, todos vão ser iluminados.

Buda Histórico e Buda Primordial: A gente diferencia Buda Histórico do Buda Primordial. O Buda histórico é como se fosse um espectro do único Buda, do Buda Primordial. A Iluminação só vai existir quando tudo retornar ao estado original, que é o Buda Primordial.

Como se dá sua participação na HBS: Quem não é sacerdote é leigo. Tanto os fiéis quanto aqueles que não são da comunidade HBS. Eu, como sacerdote, eu tenho minhas responsabilidades aqui. Como todo sacerdote, a gente tem nossa programação padrão para o dia a dia. Acordar cedinho, estar às cinco horas da manhã lá dentro do *Hondo*, que é o salão de cultos. É bom estar antes, porque tem coisa pra fazer antes. Tem que acender as luzes, tem que abrir as portas, tem que recolher a água, tem que por o café pra fazer, tem que por o arroz pra fazer, porque a gente oferece o arroz toda manhã. Fazemos a limpeza do altar, depois nos preparamos para o culto, que é às 6 horas da manhã.

No culto, cada um tem sua função. No culto sempre tem o celebrante. Tem um, que chama *Gohouzen Gakari*, que é um auxiliar, que leva as preces que os fiéis fazem, os agradecimentos, as orações póstumas, enfim, tudo o que vem lá de baixo que é levado para o altar. Tem esse sacerdote que faz isso, que troca o incenso, porque todo culto é preciso trocar o incenso. Ele tem que estar atento a tudo. Ver se tem alguma vela que está dando problema, ver se tem alguma coisa torta. Enfim, ele tem que estar atento à tudo que está acontecendo ali. Se tiver alguma coisa errada ele tem que ir lá, correr e dar um jeito, resolver o problema. Tem uma pessoa que chama *Zuikô* (acompanhante). Ele acompanha o celebrante. Ele veste o celebrante antes do culto, coloca o *Koromô* ou batina no celebrante, depois coloca a faixa, e vai acompanhando ele pra fazer esse tipo de auxílio. Sempre que o celebrante vai sentar ele puxa a barra da batina, da saia, pra não sentar em cima da saia. Se tiver alguma coisa errada na roupa ele vai e arruma. Se a faixa tiver torta, tiver virada, ele vai lá e arruma a faixa. Se o celebrante tomou a água dele toda, ele se preocupa em repor a água. Tem que estar atento a tudo. Esse *Zuikô*, a gente fala que ele nem reza no culto. A atenção dele tem que ser totalmente voltada ao celebrante. O celebrante é quem está

representando ali, todo mundo perante ao Altar Sagrado. Então, independente do grau, ele merece toda atenção mesmo. Assim como se fosse o *Odoshi*. Todo cuidado deve ser feito.

Tem o co-celebrante, que também auxilia o celebrante. No caso, se o celebrante tiver que se ausentar, por alguma emergência, no meio do culto, então ele dá continuidade no culto. Ele dá umas batidas no sino, como auxílio também. Enfim, ele serve para poder dar cobertura pro celebrante.

E também, uma das funções dos sacerdotes é ornamentar o altar e servir como, também, uma forma de oferenda para o Altar Sagrado. Basicamente, num culto, a função do sacerdote é essa.

A relação entre os sacerdotes é, a minha com eles, eles comigo, é sempre nos orientar. A gente tem que se orientar o tempo todo. Às vezes o pessoal entende como bronca, encher o saco e tudo. Mas não. Na verdade, isso é porque a gente quer sempre buscar o aperfeiçoamento. Se você tem humildade, se você quer buscar se aperfeiçoar, toda orientação é bem vinda. E também como um ato de compaixão você orientar a pessoa, porque você está querendo, também, o aperfeiçoamento dessa pessoa. Se você gosta dela mesmo, se ele é seu amigo, não interessa se vai ficar com raiva, se vai ficar bravo com você. Mas vai lá e orienta essa pessoa, como demonstração de compaixão mesmo.

Com relação aos fiéis, a gente também deve zelar pelos fiéis, porque eles também zelam por nós. São os fiéis que nos mantêm, mantêm o templo, mantêm o sacerdote. Então a gente deve, claro, tentar retribuir isso de alguma forma. Não só por esse motivo, como também o motivo da Iluminação mesmo. Porque como eu disse, a gente só vai se iluminar se todo mundo iluminar juntos, então, querendo ou não, a gente também depende deles. E eles também dependem da gente pra poder passar os ensinamentos, as orientações, enfim.

E com o mundo lá fora, com as pessoas que não são fiéis, que não são ligadas ao templo, a gente busca levar o Budismo também, de alguma forma. Como sacerdote, eu sou responsável pelo estado de Minas Gerais. A cada dois meses, a princípio, eu faço atividade de expansão da religião lá em Belo Horizonte. Fico procurando contatos, procurando pessoas novas, as vezes abordando as pessoas nas ruas também, fazendo panfletagem, pela internet, Orkut. A ferramenta que tiver para eu poder entrar em contato com alguém é a que

eu uso. Pra poder buscar pessoas que se interessem pelo Budismo, que simpatizam, para poder participar dos cultos que eu realizo lá em Belo Horizonte, para poder receber uma orientação também. Acho que como sacerdote meu papel basicamente é esse.

Preconceitos: A minha família mesmo ninguém falou nada assim em questão de discriminação, preconceito, o que eu deveria fazer, religião, nem nada. Meu pai só falou pra eu terminar a faculdade. E eu falei que agora não dá. Não dá mesmo. Eu tive que vir. Foi uma opção minha.

Antes de eu entrar né, eu fiz primeiro um estágio de sete dias, conforme orientação do meu mestre. Ele falou assim: vem primeiro, fica sete dias, se você gostar você fica, se não gostar e tal. Então, esses primeiros sete dias eu vim escondido do meu pai. Eu contei pra minha mãe mas pro meu pai eu não contei. Porque eu sabia que se eu contasse pra ele, ele ia falar até e eu ia desistir. Eu sei disso. Então, eu preferi vir sem falar. Aí, sete dias depois eu voltei, aí é claro né, a conversa foi outra. Então a gente conversou bastante, eu e meu pai, mas aí acabou que meu pai falou que segurar não tem como. Eu vim pra cá em 2008. Eu vim com 22 e fui ordenado com 23 anos, em Curitiba. Dia 05 de julho de 2009. Meus amigos de faculdade falaram que eu era maluco. Ou que eu estava fugindo de alguma coisa. Outros já falaram: é bem a sua cara mesmo. Tem que fazer o que vai te fazer feliz.

Quando eu cheguei em Curitiba não foi muito diferente. Todo mundo fica surpreso na verdade, por causa da idade mesmo, sair de um lugar tão longe sem conhecer nada, da família não ser budista nem nada. Mas todo mundo, na verdade, me aceitou muito bem, me acolheram muito bem, me deram apoio. Sou muito grato à turma de Curitiba. Pessoal muito hospitaleiro e tudo. Depois que eu vim pra cá, pra São Paulo, como 99% do pessoal é descendente de japonês, o pessoal recebeu também sabe. Nunca tive problema de discriminação por causa de raça ou por não saber falar japonês, porque eu não sei também. Nunca tive problema com isso não.

Buda Histórico: O Buda Histórico foi um avatar, um espectro do Buda Primordial. A importância do Buda Histórico foi de transmitir os ensinamentos pra gente. Foi a pessoa que passou por todas as condições humanas, normal. Nasceu como príncipe, tinha tudo do bom e do melhor. E, mesmo assim, fez tudo o que ele fez. O Buda é o Iluminado. Foi o

único ser na história do planeta Terra que atingiu a verdadeira Iluminação. O Buda realmente é o grande pai, que realmente ensinou o verdadeiro caminho para a gente se livrar do sofrimento.

Ser budista é: Pra mim ser budista é realmente assumir a nossa imperfeição, a nossa incapacidade. Saber ouvir e aceitar as orientações dos mestres e procurar cada vez mais ser humilde e buscar ser um ser altruísta, buscar a salvação das pessoas, porque é só assim que a gente vai poder encontrar a nossa própria salvação.

Receber bênçãos: O grande *Goryako* (benção) que eu recebi foi ter encontrado esse caminho. Felizmente, graças ao *Gohozen*, eu nunca passei por nenhuma doença grave, nada assim que eu precisasse de uma benção forte para poder me livrar disso. Mas é o que eu falo né, o que fortalece minha fé cada vez mais são as bênçãos que eu vejo dos fiéis que eu tenho contato, os fiéis que eu conheço, as histórias que eu escuto também, as bênçãos que eles recebem. É coisa impressionante mesmo, é igual coisa de televisão.

Mas eu acredito, eu acredito. Por exemplo: o pessoal conta que quando a gente precisa de uma benção que é praticamente impossível de conseguir, só um milagre pode salvar, existe uma cerimônia dos 100 incensos (*Reapokegan*). É a prece dos 100 incensos. Precisa de alguma coisa impossível, você faz a prece dos 100 incensos que é bem provável que você vai receber a benção. É uma prática da HBS. Aqui no Brasil pouca gente faz, infelizmente. Mas no Japão, grande parte dos fiéis praticantes mesmo, fazem. Você tem que ficar pelo menos cinco horas por dia rezando, o tempo que for. Tem que se esforçar. Tem que rezar até queimar os 100 incensos. Eu falo pras pessoas: quer sarar? Então, faz a prece dos 100 incensos!

Benção maior: Pelo menos pra mim, a maior benção que eu recebi foi essa de ter conhecido e praticar o *Namumyouhourenguekyou*. Benção maior que essa não existe, pra qualquer um. Essa é a verdadeira e grande benção.

O mais importante de tudo é a prática. Toda prática é caracterizada como zelo. Tanto a oração quanto a limpeza do altar, que a gente sempre faz quando acorda, enfim, todo tipo de prática religiosa é caracterizada como esse zelo. Então, em primeiro lugar a gente tem o zelo. Em segundo lugar a fé. Mas muita gente pergunta: ‘ah, mas não é a fé a

mais importante? Por que a fé vem depois do zelo, depois da prática?’ Aí eu respondo: É preciso ver para crer, realmente. Então para você ver, você precisa fazer. Então você faz, mesmo sem acreditar. Faz que você vai ver. Então, a pessoa praticou só por praticar. É a lei da causa e do efeito. A pessoa fez independente do seu sentimento, ela vai ter o resultado. Então, tendo resultado, ela percebe que funciona mesmo. Aí nasce a fé, aí a fé desperta. Por isso que a fé vem em segundo lugar. Não quer dizer que ela é menos importante. Em terceiro lugar vem o estudo. Muita gente conhece o Budismo, procura o Budismo principalmente pelo estudo. Depois que você incorpora a prática você consegue entender. Começa a pensar primordialmente. Nosso estudo é a prática mesmo. Mas não quer dizer que a gente não tenha que estudar. Tem que estudar, é claro. A gente faz nossas palestras, fazemos nossas práticas, nossos cursos religiosos, e pra isso tudo tem que ter fundamento, então tem que ter o estudo. A gente não vive sem ele, principalmente a gente que é sacerdote.

Mas se não tem prática, o que adianta você saber o Sutra Lótus todo, saber todas as teorias, ter lido todos os volumes do *Nissen Shounin*, do *Ibaragui Nissui Shounin*, do *Nitiryu* e tal¹¹¹. Sendo que muitas vezes você não consegue nem perceber uma vela torta em cima do altar, não consegue perceber que o incenso está acabando, não consegue perceber que a água da pessoa que está na sua frente acabou, que ela está com sede e quer tomar mais. Por que não teoria? Uma pessoa que está a beira da morte... Você vai chegar pra ela e começar a explicar teoria? O que a gente pode fazer? Chega e reza! Vamos rezar! Vamos rezar e procurar receber a benção!

¹¹¹ O sacerdote Campos faz referência à *Nissen Shounin*, patrono da HBS; à *Ibaragui Nissui Shounin*, patrono da HBS no Brasil e à *Nitiryu Daishounin*, reestruturador da doutrina do caminho Primordial do Sutra Lótus. Este Sutra (Lótus) contém, entre os capítulos 15 e 22, os ensinamentos seguidos pela HBS.